

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

**AQUISIÇÃO DO NÚMERO GRAMATICAL NA CONCORDÂNCIA NOMINAL
INTERNA AO DP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

MACEIÓ-AL

2011

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

**AQUISIÇÃO DO NÚMERO GRAMATICAL NA CONCORDÂNCIA NOMINAL
INTERNA AO DP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dra. Telma Moreira Vianna
Magalhães

Maceió-AL

2011

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586a Silva Filho, Jomson Teixeira da.
Aquisição do número gramatical na concordância nominal interna ao DP no português brasileiro / Jomson Teixeira da Silva Filho. – 2011.
122 f. : il.

Orientadora: Telma Moreira Vianna Magalhães.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.

Bibliografia: f. 116-122.

1. Linguística. 2. Aquisição de linguagem. 3. Concordância nominal de número. 4. Programa Minimalista (Linguística). 5. Agree. I. Título.

CDU: 801.1

TERMO DE APROVAÇÃO

JOMSON TEIXEIRA DA SILVA FILHO

Título do trabalho: "AQUISIÇÃO DO NÚMERO GRAMATICAL NA CONCORDÂNCIA NOMINAL INTERNA AO DP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO"

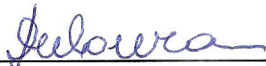
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

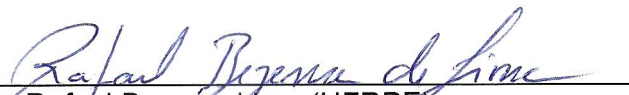


Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Profa. Maria Denilda Moura (PPGLL/UFAL)



Prof Dr. Rafael Bezerra Lima (UFRPE)

Maceió, 07 de dezembro de 2011.

Dedico este trabalho, a minha mãe Maria Conceição de Souza e meus irmãos Jadson, Jamile e Jader pelo amor e carinho dedicados, e

A Franklin Regazzone Pereira Lopes, a quem dedico todo meu agradecimento e carinho.

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL)

AGRADECIMENTOS

Se pudesse de fato agradecer a todas as pessoas que de alguma forma merecem meu muito obrigado nesta dissertação, certamente não haveria lugar. Mas tentarei colocar neste espaço todos aqueles que me fizeram chegar até aqui e continuar pensando que esse foi apenas mais um estágio dos muitos que virão. Gostaria de começar pelos agradecimentos acadêmicos.

Primeiramente, agradeço muitíssimo à professora Telma que me acolheu sem mesmo me conhecer a fundo e com uma proposta “às pressas”. Mas não poderia também deixar de agradecer imensamente à professora Núbia Faria, minha grande fonte de inspiração desde a graduação quando fui seu monitor e durante a elaboração do meu TCC, assim como em nossas reuniões na coordenação de Letras, junto com Érica que também me fez enxergar algumas coisas.

Agradeço também à professora Denilda Moura que com seu jeito singular sabe expressar suas opiniões e que durante as aulas de Sintaxe na Pós me ajudou a traçar um caminho e por fazer parte de minha banca de qualificação e defesa. Pela participação em minha banca de defesa, também agradeço ao Prof. Dr. Rafael Bezerra. Pela qualificação também agradeço ao Prof. Dr. Jair Farias e, claro, por sua valiosa contribuição.

Agradeço imensamente também à Elaine Santos, minha grande amiga, por todo o apoio que ela com muito carinho sabe dar a qualquer amigo que precise de um colo. À Mary Hellen (Mel) pelas brigas que sempre tivemos durante nosso breve grupo de estudos (foram ótimas), mas que sempre terminavam com vários sorrisos, conhecer vocês foi uma das melhores coisas que aconteceram com minha aprovação no mestrado. À Thaisa, que me recebeu como amigo e que sempre tem uma palavra para massagear meu ego.

Não poderia também esquecer o Reinaldo Rafael e seu semblante quando conseguimos fazer nossa primeira árvore sintática. A toda minha turma do primeiro ano de mestrado, principalmente à Fábria e Sílvia.

Meu sincero agradecimento à Professora Cláudia Roberta por ceder seus dados (gravações). Nossa! Essa foi uma grande ajuda. À professora Leonor Simioni que mesmo sem me conhecer pessoalmente, cedeu-me seus textos e outros mais que foram muito úteis.

Agradeço a minha querida mãe que sempre me apoiou em tudo que fiz e por ser essa pessoa maravilhosa que ela é sempre disposta a me ajudar. A minha irmã Jamile e ao meu irmão Jader, que choram toda vez que algo de bom me acontece. Obrigado pelo carinho. Ao meu irmão Jadson, pela admiração que me tem. Ao meu cunhado Douglas, pelo apoio de sempre.

Meu muito obrigado a minha tia e madrinha Giselda e ao meu também tio e padrinho José Ricardo. Vocês são muito especiais. A minha tia Dulce, que me ensinou muitos valores.

Ao Cícero Romão (*in memoriam*) por todo o apoio no começo de minha graduação. Parece que foi ontem! Ao Victor Heuer, um grande amigo e à Carolina outra grande amiga que conheci durante a temporada na Fonoaudiologia. Vocês sempre acreditaram em mim.

À Monalisa, minha irmã adotiva de coração! Conhecer você valeu mais que tudo em meu caminho. Você é muito especial. Ao Neto, seu esposo, pela paciência de me aturar.

Ao Humberto Soares, meu amigo das Letras e da vida.

Agradeço aos funcionários da Pós pelos serviços prestados, principalmente ao Wesslen, que sempre nos atendeu com muito carinho e nunca mandou a gente ler o regimento da Pós depois que mesmo tendo lido, algo não tinha ficado claro.

A todos os professores da Graduação e da Pós-Graduação, pelas horas de estudos a que nos “obrigaram”. Valeu muito à pena.

Ao Franklin Regazzone por estar ao meu lado em todos os momentos. Você é muito importante. Obrigado por existir!

E claro, não poderia deixar de agradecer ao maior responsável por essa e por todas as vitórias que tenho alcançado em minha vida e que merece toda honra, glória e louvor. O Senhor Jesus Cristo. A ele devo toda a minha vida e gratidão. Te amo Senhor.

RESUMO

Esta pesquisa está inserida na Teoria Linguística Chomskyana, mais especificamente no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e seguintes) e em suas reformulações mais recentes, a saber, o Programa Minimalista (Chomsky, 1995 e seguintes) e apresenta como principais objetivos analisar e explicar o processo de aquisição da concordância de número gramatical entre os elementos do DP no Português Brasileiro e explicar a diversidade encontrada nos dados de fala de crianças no que diz respeito à realização gramatical de número. Os dados de aquisição apresentados nesse trabalho são de produção espontânea de duas crianças em fase de aquisição da cidade de Maceió- AL, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, com 2;11 e 3;5 respectivamente. Os dados de outras línguas são retirados de outros trabalhos já constituídos. Hipotetizamos que a informação correspondente a número constante nos itens que formam a categoria funcional Determinante (D) é de fundamental importância para a identificação do sistema gramatical de número no português, sendo o Determinante o núcleo responsável pela concordância nominal de número entre os elementos do DP no PB. Dizendo de outro modo, o núcleo em que o traço de número seria interpretável é um parâmetro a ser fixado e o determinante o núcleo em que o número seria interpretável no PB. Isso explicaria o fato de que nos casos em que ocorre concordância não-redundante em PB, a marca morfológica de número aparecer no determinante, sendo a outra forma, ou seja, aquela em que o morfema é adjungido apenas ao nome, uma forma agramatical, pelo menos em PB. No que tange à concordância entre os elementos flexionáveis do DP, assumimos assim como em Chomsky (1988, 1989) que essa acontece devido a uma operação sintática, Agree, mas reformulada por Frampton & Gutmann (2000a). Com essa reformulação, assume-se concordância como compartilhamento de traços entre núcleos sintáticos. Com os resultados das análises das produções linguísticas das crianças adquirindo o PB, podemos concluir que o aparecimento de determinantes definidos possa ser um dado acionador para o parâmetro da concordância nominal interna aos elementos do DP, sendo o traço de definitude crucial para a fixação do parâmetro de concordância, além da co-ocorrência na fala das crianças dos padrões gramaticais redundantes e não redundantes e ainda do padrão agramatical. Concluímos que esse fato é explicável devido à variação do input ao qual a criança está exposta, ou seja, *input* variável tem como consequência um *output* também variável. Pensando ainda nos dados do PB, concluímos que é D, por ser a cabeça da cadeia- $\bar{0}$ o responsável pela definitude e pela interpretação semântica em LF, carregando a marca de plural. Nos casos em que as variedades do PB apresentam marca morfológica em todos os elementos do sintagma, podemos considerar que a marca se alastra por conta do compartilhamento de traços.

Palavras-chave: Concordância nominal de número. Aquisição. Programa Minimalista. Agree. Compartilhamento de Traços.

ABSTRACT

This research is embedded in the Chomskyan linguistic theory, specifically in the Principles and Parameters framework (Chomsky, 1981 and following) and its more recent reformulations, namely, the Minimalist Program (Chomsky, 1995 and following) and it has as main objectives to analyze and to explain the acquisition process of grammatical number agreement between the elements of the DP in Brazilian Portuguese and to explain the diversity found in the speech data of children with regard to the realization of grammatical number. The acquisition data presented in this investigation are the spontaneous production of two children in the acquisition phase of the city of Maceió-AL, one male and one female, with 2, 11 and 3, 5 respectively. Data from other languages are derived from other studies have made. We hypothesize that the information corresponding to the number on the items that form the functional category Determinant (D) is of fundamental importance for the identification number of the grammatical system of the Portuguese, being the decisive factor responsible for the core agreement between the nominal number of elements of DP in PB. Put another way, the core where the number would be interpretable trace is a parameter to be fixed and the core in determining the number that would be interpretable in BP. This would explain the fact that where agreement is non-redundant, BW brand morphological number appears in the determinant, the other way, ie, one in which the morpheme is adjoined only to the name, an ungrammatical form, at least in PB. This would explain the fact that where agreement is non-redundant, BW brand morphological number appears in the determinant, the other way, i. e, one in which the morpheme is adjoined only to the name, an ungrammatical form, at least in PB. Regarding the agreement between the DP flexionáveis elements, we assume as in Chomsky (1988, 1989) that this is due to a syntactic operation, Agree, but recast in Frampton & Gutmann (2000a). With this reformulation, it is assumed as a sharing agreement between core syntactic features. The results of the analysis of language production of children acquiring the CP, we can conclude that the appearance of determinants can be defined as a trigger for the parameter of agreement nominal internal elements of the DP, the trace of definiteness is crucial for setting the parameter agreement, and the co-occurrence in the speech patterns of children from non-redundant and redundant grammatical and even ungrammatical pattern. We conclude that this fact can be explained due to the variation of the input to which the child is exposed, ie, input variable has also resulted in an output variable. Thinking of PB in the data, we conclude that D is, being the head of the chain- $\bar{0}$ responsible for definiteness and semantic interpretation at LF, bearing the mark of plural. Where have varieties of brand PB morphology on all elements of the phrase, we can consider that the brand is spreading because of the sharing features.

Keywords: Agreement nominal number. Acquisition. Minimalist Program. Agree. Sharing features.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição de Número em Português	52
Tabela 2 - Flexões de Número em Bayso.....	53
Tabela 3 - Número no Sérvio Superior.....	54
Tabela 4 - Número em Miskitu.....	55
Tabela 5 - Número em Amele.....	56
Tabela 6 - Modelo de Frampton e Gutmann.....	74
Tabela 7 - Modelo de Magalhães (2004).....	87
Tabela 8 - Sessões da Criança A.....	91
Tabela 9 - Sessões da Criança G.....	91
Tabela 10 - Dados de A.....	92
Tabela 11 - Dados de G.....	92
Tabela 12 - Quadro Social de A:.....	93
Tabela 13 - Quadro Social de G:	93
Tabela 14 - Estrutura DPs.....	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - DPs PRODUZIDOS POR G. SESSÃO 1.....	96
Gráfico 2 - DPs PRODUZIDOS POR G. SESSÃO 2.....	97
Gráfico 3 - DPs PRODUZIDOS POR G. SESSÃO 3.....	99
Gráfico 4 - DPs PRODUZIDOS POR G. SESSÕES DE 4 A 9.....	101
Gráfico 5 - DPs PRODUZIDOS POR A. SESSÃO 1 E 2.....	104
Gráfico 6 - DPs PRODUZIDOS POR A. SESSÃO 3.....	106
Gráfico 7 - DPs PRODUZIDOS POR A. SESSÃO 4 E 5.....	108
Gráfico 8 - DPs PRODUZIDOS POR A. SESSÃO 6.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- A-P** SISTEMA ARTICULATÓRIO-PERCEPTUAL
- AAVE** AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH
- C-I** SISTEMA CONCEITUAL-INTENCIONAL
- DBP** DERIVATION BY PHASE (CHOMSKY, 1999)
- DS** ESTRUTURA PROFUNDA OU ESTRUTURA-D (DEEP STRUCTURE)
- FL** FACULDADE DA LINGUAGEM
- GB** TEORIA DA REGÊNCIA E LIGAÇÃO (GOVERNMENT AND BINDING THEORY)
- GU** GRAMÁTICA UNIVERSAL
- [I]** TRAÇOS INTERPRETÁVEIS
- LAD** DISPOSITIVO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM (LANGUAGE ACQUISITION DEVICE)
- LF** FORMA LÓGICA (LOGICAL FORM)
- MLC** MINIMAL LINK CONDITION
- MP** MINIMALIST PROGRAM
- P&P** TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS
- PB** PORTUGUÊS BRASILEIRO
- PE** PORTUGUÊS EUROPEU
- PF** FORMA FONÉTICA (PHONETIC FORM)
- PM** PROGRAMA MINIMALISTA
- S0** ESTADO INICIAL DA FL
- SS** ESTADO ESTÁVEL
- SMT** TESE MINIMALISTA FORTE (STRONG MINIMALIST THESIS)
- TO** OPERADOR DE TEMPO (TENSE OPERATOR)
- [U]** TRAÇOS NÃO-INTERPRETÁVEIS
- WMT** TESE MINIMALISTA FRACA (WEAK MINIMALIST THESIS)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	QUADRO TEÓRICO	22
2.1	A Gramática Gerativa: um breve histórico	22
2.2	A teoria de Checagem de Traços	28
2.3	Dos Parâmetros	30
2.3.1	Definição.....	30
2.3.2	Fixação.....	32
2.4	O <i>Input</i>	35
2.5	As Teorias de Aprendizagem	38
3	A CATEGORIA DE NÚMERO	42
3.1	A Categoria Linguística de Número	42
3.2	O Número Gramatical na Linguística Gerativa	44
3.2.1	O Número no Modelo Padrão.....	45
3.2.2	O Número em Princípios e Parâmetros.....	47
3.3	O Número em Português	50
3.4	Uma Visita à Categoria de Número nas Diferentes Línguas	53
3.5	Aquisição da Categoria Linguística de Número	57
3.5.1	A aquisição de Número em Inglês.....	64
3.5.2	A Aquisição de Número em Italiano.....	65
3.5.3	A Aquisição de Número em Espanhol.....	67
4	A CONCORDÂNCIA NO PROGRAMA MINIMALISTA	72
4.1	A Concordância na Sentença e no DP	72

4.2	A Concordância e Estrutura do DP.....	82
5	METODOLOGIA.....	90
5.1	Caracterização do Corpus.....	92
5.2	Codificação dos Dados.....	93
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	94
6.1	Os Dados de G.....	94
6.1.1	Produção de DPs pela Criança G. Sessão 1	94
6.1.2	Produção de DPs pela Criança G. Sessão 2.....	96
6.1.3	Produção de DPs pela Criança G. Sessão 3.....	97
6.1.4	Produção de DPs pela Criança G. Sessões de 4 a 9.....	100
6.2	Os Dados de A.....	102
6.2.1	Produção de DPs pela Criança A. Sessão 1 e 2.....	103
6.2.2	Produção de DPs pela Criança A. Sessão 3.....	104
6.2.3	Produção de DPs pela Criança A. Sessões 4 e 5.....	106
6.2.4	Produção de DPs pela Criança A. Sessão 6.....	108
7	CONCLUSÃO.....	113
	REFERÊNCIAS.....	116

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma tentativa de caracterização da aquisição da concordância nominal de número gramatical entre os elementos do DP no Português Brasileiro (doravante PB) por duas crianças monolíngues com idades de 2;11 e 3;5, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino respectivamente. É composto por oito capítulos. O primeiro traz uma introdução na qual são apresentados os fenômenos que dão origem à pesquisa, as hipóteses, justificativa e objetivos. No segundo capítulo é apresentado o quadro teórico, fazendo um breve passeio pela Gramática Gerativa e uma síntese da Teoria de checagem de traços, além de uma discussão sobre “parâmetros” e as hipóteses de aprendizagem.

No terceiro, fazemos uma revisão de literatura sobre o tema proposto neste trabalho apresentando a categoria linguística de número em português e em diferentes línguas e ainda uma breve discussão sobre a aquisição de número em inglês, espanhol e italiano. No quarto capítulo apresentamos uma análise da estrutura do DP e da concordância no Programa Minimalista.

Em seguida, no capítulo cinco apresentamos a metodologia com a caracterização do corpus e quantificação dos dados. No capítulo seis, apresentamos a análise dos dados e discussões. Por fim, trazemos as conclusões no capítulo sete e as referências.

Tendo em vista a abordagem do problema da aquisição de número, recorreremos ao modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e seguintes e à sua reformulação mais recente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) e seguintes, uma vez que essa teoria entende a linguagem como um sistema cognitivo, biologicamente determinado e exclusivo da espécie humana, ou seja, inato e compromete-se, dentre outras coisas, com a questão da aquisição da linguagem, visando a definir o estágio inicial do processo de aquisição e aquilo que é adquirido.

A Aquisição da Linguagem é especificada por essa corrente teórica em termos de princípios universais comuns às diversas línguas existentes no mundo, e de parâmetros a serem fixados pela criança no decorrer da aquisição da língua a

que está sendo livremente exposta. A variação observada entre as línguas seria produto das diferentes possibilidades de fixação destes parâmetros, os quais estariam restritos à força dos traços das categorias funcionais.

A teoria linguística gerativa se preocupa em fornecer uma descrição do estado estável que uma criança atinge de uma gramática particular, mas também em determinar o estado inicial em que se acha uma criança exposta a um *input* linguístico qualquer, ou seja, a uma língua (ou línguas) que deverá ser adquirida e se tornar sua língua materna.

Concernente à categoria gramatical de número, é preciso inseri-la em uma teoria da língua que dê base teórica para a explicação do que deve ser adquirido representando assim o marco inicial de qualquer descrição do processo de aquisição (FERRARI NETO, 2003).

Dessa forma, corroboramos com o pressuposto da existência de uma capacidade genética, específica da espécie humana e especializada exclusivamente para a linguagem, responsável pela aquisição de uma primeira língua (ou de línguas, se levarmos em consideração o caso de crianças bilíngues), definida como um conjunto inato de mecanismos que atuam sobre os dados linguísticos aos quais a criança está exposta.

A teoria que busca explicar esse estágio inicial é conhecida como Gramática Universal (GU) e do ponto de vista do modelo de Princípios e Parâmetros, vem sendo formalmente caracterizada como uma série de princípios universais pertencentes à faculdade de linguagem, e de parâmetros não marcados que têm seu valor fixado por meio do contato com uma gramática-alvo.

Bloom e Wynn (1997) afirmam que do ponto de vista de uma criança que está adquirindo número, sua tarefa é primeiramente reconhecer que partes do *input* contêm informação relevante neste sentido. Ferrari Neto (2003) ressalta que a criança deve ter a capacidade de reconhecer diferenças fonéticas como as existentes entre as diferentes produções do morfema de plural português –s; variações morfológicas, como os vários morfemas e alomorfes de número; sintáticas, como no caso do número indicado por padrões de concordância e semânticas.

Este trabalho realiza uma descrição da aquisição da concordância de número interna ao DP no PB e pretende explicar a diversidade encontrada nos dados de fala de crianças no que diz respeito à realização gramatical de número.

Sabe-se que o PB apresenta variação na marcação morfológica de plural¹, conforme exemplificam as sentenças abaixo.

- (I) a. As casas vermelhas (marcação redundante)²
- b. As casa vermelha (marcação não-redundante)

Outros trabalhos (FERRARI NETO, 2003; LOPES, 2004, 2006; SIMIONI, 2006, 2007) parecem demonstrar que as crianças em fase de aquisição do PB “copiam” a variação encontrada nos dados de fala adulta. Faz-se interessante ressaltar que os dados evidenciam uma grande variação na fala de diferentes crianças e na fala de uma mesma criança, conforme é possível comprovar nos exemplos que se seguem:³

(II) Marcação não-redundante, apenas em D:

- a. *é as fruta* (G., 2;3)
- b. *e os jacaré* (A.C., 3;7)
- c. *os pauzinho* (E., 2;9)

(III) Marcação redundante, em todos os elementos do DP:

- a. *ele quer lavar as mãos* (A.C., 2;3)
- b. *agora vamos tirar os pregadores* (G., 2;8)
- c. *as patas* (E., 3;0)

¹ Cf. por exemplo, SCHERRE, 1988, 1991, 1996.

² Exemplos retirados de SIMIONI, 2007. Vale ressaltar que a classificação em algarismos romanos é feita pelo autor da pesquisa, no entanto, a classificação em “marcação redundante e não-redundante” se encontra no trabalho da autora.

³ Exemplos retirados de SIMIONI, 2007.

Além dos casos exemplificados em (II) e (III), também encontramos nos dados de fala infantil exemplos como os de (IV):⁴

(IV) Marcação agramatical, com morfema de número apenas em N:

- a. *a pessoas* (E., 3;2)
- b. *a folis* (G., 2;1)
- c. aqui tem *uma coisas* (A.C., 2;8)

Sem dúvida alguma, essa variedade é agramatical no PB, não estando, portanto, pelo menos em tese, presente no *input* a que a criança tem acesso. Analisar e tentar explicar o que licencia tais ocorrências e como se dá a passagem para a gramática adulta também faz parte dos interesses desse trabalho.

Em relação a isso, pretende-se corroborar com Simioni (2006, p. 18), quando diz que,

apesar das diferentes estratégias iniciais adotadas por cada criança para a representação gramatical de número, existem correlações importantes visíveis nos dados, correlações estas que corroboram a visão de aquisição paramétrica e de uniformidade no processo de aquisição defendida pela Teoria Gerativo-Transformacional.

Fazendo o contraponto do PB com línguas como o inglês (V) e o italiano (VI), percebe-se que os padrões de marcação de plural são ainda mais variáveis:

(V) The red houses

D-sg vermelha-sg casa-pl

(VI) a. Le case rosse

D-fem-pl casa-fem-pl vermelha-fem-pl

b. La casa rossa

D-fem-sg casa-fem-sg vermelha-fem-sg

c. Il piccolo letto

⁴ Exemplos retirados de SIMIONI, 2007.

D-masc-sg pequeno-masc-sg cama-masc-sg
 d. I piccoli letti
 D-masc-pl pequeno-masc-pl cama-masc-pl⁵

Nos exemplos (V) e (VI) acima, percebe-se que o inglês apresenta o determinante no singular, o nome no plural e o adjetivo no singular; não há indicação morfológica de gênero.

No italiano ocorre a marcação redundante de número na qual a marca se manifesta em todos os elementos flexionáveis do sintagma e a marcação de gênero e número é expressa pelo mesmo morfema, segundo análise de Simioni (2007).

No caso do PB, têm-se dois padrões: em (Ia) “as casas vermelhas”, o padrão redundante, semelhante ao italiano (ou seja, com marcação redundante de número), porém com morfemas diferentes para gênero e número; e em (Ib) “as casa vermelha”, temos marcação de número apenas no determinante e com concordância de gênero.

Por fim, os exemplos de (VII) a (IX)⁶ abaixo apresentam padrões não atestados na gramática-alvo das línguas em análise.

(VII) *A casas vermelha(s)

(VIII) a. *Le casa rossa

D-fem-pl casa-fem-sg vermelha-fem-sg

b. *La case rosse

D-fem-sg casa-fem-pl vermelha-fem-pl

(IX) *Thes reds houses

D-pl vermelha-pl casa-pl

⁵ Exemplos retirados de SIMIONI, 2007.

⁶ Ibid.

Com relação à aquisição, o que se observa é que crianças adquirindo o PB produzem padrões do tipo exemplificado em (VII) “A casas vermelha(s)”; além disso, pode haver alternância entre padrões até a fixação da gramática- alvo. Crianças adquirindo o italiano, por sua vez, segundo Simioni (2006), não produzem padrões como (VII), e a morfologia de concordância ‘entra no lugar’ (palavras da autora) desde cedo (por volta de 1;10 a 2;0 anos). Finalmente, ainda segundo a autora, crianças adquirindo o inglês demoram mais a produzir determinantes preenchidos (por volta dos 3 anos apenas).

Diante do exposto, a hipótese que norteia esta pesquisa é a de que a informação correspondente a número constante nos itens que formam a categoria funcional Determinante (D) é de fundamental importância para a identificação do sistema gramatical de número no português, uma vez que assumimos ser o Determinante o núcleo responsável pela concordância nominal de número entre os elementos do DP no PB. Dizendo de outro modo, o núcleo em que o traço de número seria interpretável é um parâmetro a ser fixado e em relação ao PB, esse núcleo seria o determinante.

Isso explicaria o fato de que nos casos em que ocorre concordância não-redundante em PB, a marca morfológica de número aparecer no determinante, sendo a outra forma, ou seja, aquela em que o morfema é adjungido apenas ao nome, uma forma agramatical, pelo menos em PB.

Diante do fato de que no PB a fixação dos parâmetros relativos a número gramatical apresente uma dificuldade para criança, tendo em vista que o número se apresenta morfológicamente apenas em D (dialeto gramatical não padrão) e em D, N, Adj, V, Particípio (dialeto padrão), o que acarreta flutuação em um mesmo falante, esse trabalho propõe que as crianças, em fase de aquisição do PB, tendam a, quando estabelecerem concordância não redundante no âmbito do DP e diante da aparente variedade do traço de número em PB, marquem o Determinante com o morfema de plural, já que o morfema seria manifesto no núcleo em que é interpretável.

De acordo com a hipótese acima delineada temos como objetivo geral analisar e explicar o processo de aquisição da concordância de número gramatical

entre os elementos do DP no PB e para alcançá-lo, temos os seguintes objetivos específicos: a) analisar o processo de concordância nominal de número, abordando principalmente questões referentes à estrutura interna ao DP; b) analisar dados de produção linguística de crianças em fase de aquisição referente às diferentes manifestações dos padrões de marcação morfológica de número nas línguas e sua relação com a interpretabilidade do traço de número; c) descrever e analisar o(s) mecanismo(s) de concordância sintática envolvido(s) no processo de concordância nominal no DP.

Dessa forma, com este estudo, fazemos uma caracterização do processo de aquisição de número por crianças falantes de PB, justificando-se pela necessidade de através de dados de fala de crianças em fase de aquisição se obter informações sobre o processo de concordância entre os elementos do DP, tendo em vista principalmente a aparente diversidade na marcação do traço de número em PB, além de contribuir com a pesquisa sobre o tema em questão, dada a pouca quantidade de trabalhos sobre este tema dentro da teoria gerativa, com dados do PB.

2 QUADRO TEÓRICO

2.1 A Gramática Gerativa: um breve histórico

O modelo da Gramática Universal (GU) preconiza que o *input* recebido do ambiente não é suficiente para explicar a aquisição de nenhuma língua (Problema de Platão), visto ser perceptível o fato de que a experiência linguística apenas não é capaz de dar conta de explicar a aquisição de um conhecimento linguístico tão complexo (competência linguística) somente através da recepção de informações truncadas e tão fragmentadas. “Esse argumento da pobreza de estímulos, como é frequentemente chamado, conduz inevitavelmente à postulação da existência de estruturas mentais inatas que agem sobre o *input* linguístico para produzir uma gramática mental” (GREG, 1996, p. 52).

Chomsky (1975) vê a língua como “um espelho da mente”. Sua teoria iniciou-se em 1957, com a publicação do livro *Syntactic Structure*. Lightfoot (2002, p. v) afirma que esse livro “foi uma bola de neve que iniciou a avalanche da ‘revolução cognitiva’ moderna com origem no século dezessete e que agora constitui a linguística moderna como parte da psicologia e da biologia humanas”.

Em *Syntactic Structures*, Chomsky (2002, p. 13) define língua como “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. O interesse de Chomsky (2002) não é uma língua específica, mas a busca pela natureza geral da linguagem. Através de suas frases que se tornaram exemplos clássicos, “(1) *Colorless green ideas sleep furiously*. (2) *Furiously sleep ideas green colorless*.”, Chomsky (2002) corrobora com o fato de que a noção do que é gramatical não é de base semântica, pois, apesar do exemplo (1) ser um *nonsense*, qualquer falante nativo da língua inglesa aceitaria a primeira frase como gramatical, mas não a segunda.

Chomsky (2002) hipotetiza então que teríamos um mecanismo presente nos diferentes estados internos, sendo o primeiro deles o estado inicial e o último o

estado final que, mais tarde, por motivos que serão devidamente explicitados ao decorrer deste capítulo, passou a ser chamado de estado estável.

Chomsky (2002) ainda ressalta que são os processos de formação de frases, que são finitos, e que a produção de frases, que por sua vez é infinita se deve ao que ele chamou de recursividade. Chomsky (2002) afirma ainda que seu objeto de estudo é “a língua como um instrumento ou ferramenta, tentando descrever sua estrutura sem qualquer referência explícita à forma como esse instrumento é colocado em uso”.

Segundo o autor, a gramática é um recurso gerador de frases por isso ele propõe o estudo da gramática “independente da semântica (CHOMSKY, 2002, p.106). Propõe, então, um estudo de estruturas básicas e suas regras de transformação. A isso se denominou gramática gerativa ou teoria transformacional.

Em *Aspectos da teoria da sintaxe*, Chomsky (1975) afirma que sua teoria se baseia em Humboldt (1836), que já defendia que “uma língua faz uso infinito de meios finitos” e de que “a gramática dessa língua deve descrever os processos que tornam isso possível”.

Para o autor, Chomsky (1975, p. 104) “uma gramática deve ser considerada como uma teoria de uma língua” e seu objetivo é “descrever, corretamente, a competência intrínseca do falante nativo ideal” o que depois gerou várias críticas de autores que afirmam não existir “um falante ideal”

É aqui que Chomsky (1975, p. 84) apresenta a dicotomia competência/performance. Competência definida como “o conhecimento que o falante-ouvinte possui de sua língua” e performance como “o uso efetivo da língua em situações concretas”.

Ele associa essa dicotomia a *langue* e *parole* de Saussure, mas rejeita o conceito de *langue* “como sendo meramente um inventário de itens” e assume a “concepção humboldtiana de competência subjacente como um sistema de processos gerativos”. O autor ainda correlaciona o conceito de aceitabilidade à performance e a gramaticalidade à competência.

É também em “Aspectos” que se encontra a afirmação sobre o objeto da linguística. A teoria linguística tem antes de mais nada como objeto um falante/ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística, completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse e erros.

Como dito anteriormente, Chomsky (1975) foi muito criticado por essa afirmação. Hymes (1972) é quem apresenta uma das críticas mais ferrenhas na qual se opõe ao construto do falante ideal e apresenta o conceito de competência comunicativa.

Hoje, sabe-se que a afirmação de Chomsky (1975) não foi bem compreendida, pois ao se referir a um “falante ideal”, o autor se remonta a um falante idealizado e não a um falante perfeito, além disso, o objeto de estudo de Chomsky são os mecanismos internos cujos fenômenos não são acessíveis diretamente, o que só torna o estudo possível tomando como ponto de partida um falante idealizado. Vale ressaltar que os objetos de estudo de Chomsky (1975) e Hymes (1972) são completamente diferentes, visto que o segundo autor se propõe a estudar a comunicação.

Outro ponto muito importante que aparece em *Aspectos da teoria da sintaxe* é o do dispositivo de aquisição de linguagem (DAL), responsável por elaborar “uma teoria da língua”. O DAL, segundo Chomsky (1975, p. 140) “é apenas um componente do sistema total de estruturas intelectuais que podem ser aplicadas à resolução de problemas e à formação de conceitos”, ou seja, apenas uma das faculdades da mente.

Para Chomsky (1975, p. 141),

Parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta pela criança daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata – uma gramática gerativa de sua língua – da qual muitos dos conceitos e princípios se encontram apenas remotamente relacionados com a experiência através de cadeias longas e complexas de etapas inconscientes e de natureza quase dedutiva.

Chomsky (1986, p. 3) retoma esse conceito e o define como “um componente inato da mente humana que produz uma língua particular através da interação com a experiência presente, um dispositivo que converte a experiência em um sistema de conhecimento alcançado: conhecimento de uma ou de outra língua”.

Magalhães (2006) afirma que nos modelos anteriormente explicitados, ou seja, antes de Princípios e Parâmetros⁷ (P&P), era praticamente impossível atingir a adequação explicativa, uma vez que esses modelos objetivavam a definição de um conjunto de regras que dessem conta de estruturas particulares em línguas particulares.

O caráter descritivo desses modelos não era capaz de restringir o número de gramáticas que a teoria permitia. É apenas com P&P que se reconhece a possibilidade de alcançar a adequação explicativa. Em *Lectures on government and binding*, Chomsky (1981) explicita o seguinte conceito de GU:

A teoria da GU deve observar duas condições. De um lado, deve ser compatível com a diversidade das gramáticas existentes (de fato, possíveis). Ao mesmo tempo, a GU deve sofrer restrições nas suas opções de forma a dar conta do fato de que cada uma dessas gramáticas se desenvolve na mente com base em evidências bastante limitadas.

Chomsky (1981) adota a existência de princípios fundamentais, inatos e universais que restringem a forma da gramática e de um conjunto de parâmetros que serão fixados pela experiência, ou seja, de acordo com o *input* linguístico.

A GU teria em sua formação vários subsistemas em interação como o subsistema do conjunto de princípios inatos, por exemplo, regência, ligação, caso, papéis temáticos, em interação com os subsistemas de parâmetros, como por exemplo, as regras do léxico, da sintaxe, da fonologia e das formas lógicas.

As gramáticas particulares de línguas particulares seriam determinadas com a fixação dos parâmetros pela criança, exposta à experiência linguística, ou seja, ao *input*. Chomsky (1981, p. 7) afirma que “a GU é tomada como uma caracterização do estado inicial pré-linguístico da criança” e que a experiência serve para fixar os parâmetros da GU, fornecendo uma gramática nuclear”.

⁷ O conceito de parâmetro vem sendo foco de muitas discussões. Na seção 2.3 apresento uma caracterização mais detalhada.

O indivíduo teria em sua cabeça um artefato resultante da ação recíproca de muitos fatores idiossincráticos em contraste com a realidade mais significativa da GU (um elemento biológico compartilhado) e uma gramática nuclear (um dos sistemas derivados pela fixação de parâmetros da GU em uma das formas permitidas) (CHOMSKY, 1981, p.8).

Vale ressaltar que a aquisição de uma gramática (Língua-I) segundo esse modelo é algo que acontece sem ser necessária nenhuma correção por parte de outros e também sem o auxílio de instrução formal; além disso, os parâmetros são tomados como entidades finitas e responsáveis pela variação entre as línguas. A junção dos Princípios e Parâmetros é o que define língua possível.

Em síntese

adquirir uma língua consiste (entre outras coisas) na fixação de valores dos Parâmetros abertos na GU. A criança exposta a uma determinada língua deve atribuir um determinado valor a um Parâmetro. Quando todos os valores de todos os Parâmetros estiverem fixados, a criança terá atingido o Ss. Ou seja, o estágio estável da gramática, o estágio da gramática adulta. (MAGALHÃES, 2006, p.5)

Kato (2002) afirma que P&P se apresenta dessa forma como uma parte muito importante da teoria chomskyana, visto que a partir dela houve uma explosão de trabalhos que permitiu o estudo mais aprofundado da aquisição da linguagem, assim como da mudança e da variação linguística.

O Programa Minimalista, por sua vez, é uma das versões mais recentes da Teoria Gerativa e não se apresenta como um novo aparato teórico, mas ao contrário, parte do modelo de Princípios e Parâmetros para propor uma série de orientações teóricas que objetivam especificar as condições que a faculdade da linguagem humana deve satisfazer para se desenvolver e determinar as propriedades que esta faculdade deve possuir.

O Programa Minimalista é orientado principalmente pela ideia de que devem ser evitados todos os postulados teóricos que são redundantes, ou seja, que não sejam estritamente necessários à teoria, derivando-se daí, o adjetivo minimalista.

De acordo com esse programa, as línguas humanas são formadas basicamente por um sistema computacional e um léxico, assim como nos outros

modelos. O léxico se apresenta como o lugar onde são representadas as propriedades individuais (particulares) de itens lexicais. Cabe ao léxico especificar os elementos que o sistema computacional seleciona para produzir expressões da língua. Dessa forma, um item lexical armazenado no léxico é composto por traços, por exemplo, o traço que indica a que categoria um item qualquer pertence (traço categorial – N, V, P, etc.) e os traços- ϕ (traços de concordância – pessoa, gênero e número).

Propõe ainda dois níveis de representação que atuam como níveis de interface com os sistemas de desempenho. O nível de representação *Phonetic Form* (PF) se relaciona com o nível de interface articulatorio-perceptual (A-P) e o nível *Logic Form* (LF) atua como interface com o sistema conceitual-intencional (C-I), não existindo mais níveis de estruturas linguísticas para além dos níveis de interface PF e LF. Dizendo de outro modo, não há mais Estrutura-D e estrutura-S.⁸ Para o momento em que a derivação separa os objetos de cada nível de representação, Chomsky postula o conceito de *spell-out*.

Uma língua particular L é concebida como um procedimento gerativo que constrói pares $(\pi;\lambda)$. π é a representação que corresponde à Forma Fonética (PF) e λ a representação correspondente à Forma Lógica (LF). Os pares $(\pi;\lambda)$ são interpretados nas interfaces A-P e C-I como comandos para sistemas de desempenho.

Uma língua L especifica uma série de computações (derivações) que são responsáveis pela geração de expressões. De acordo com os postulados do Programa Minimalista, uma expressão de L é pelo menos um par $(\pi;\lambda)$ que satisfaça ao *Full Interpretation Principle*⁹ de acordo com o qual as interfaces PF e LF não possuem elementos que não podem ser interpretados por elas em seus respectivos sistemas de performance.

Vale ainda ressaltar que a cada derivação linguística é feita, a partir do léxico, uma seleção de itens lexicais que são mapeados em uma expressão linguística que disponibiliza informação para A-P e C-I.

⁸ Cf. CHOMSKY (1995) para um esclarecimento mais detalhado.

⁹ Princípio de Interpretação Plena.

A derivação será convergente no nível da interface se for legível para esse nível, caso contrário, a expressão implodirá na interface. A computação é convergente se a expressão converge em todas as interfaces. O sistema computacional da linguagem humana seleciona dentre todas as expressões convergentes, aquelas formadas de modo mais econômico, ótimas, como por exemplo, sem passos redundantes na derivação ou apenas com movimentos locais.

Quanto aos traços, esses podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis, intrínsecos ou opcionais. É interpretável quando pode ser lido nos níveis de interface, intrínseco quando seu valor já vem especificado na entrada lexical e é opcional quando seu valor pode variar, ou seja, é especificado quando é selecionado para a numeração. Assim, a especificação de caso e de traços- Φ é acrescentada a um item lexical no momento em que é selecionado para a numeração.

Na numeração, os traços- Φ e o Caso são especificados ou pela entrada lexical (traços intrínsecos, gênero, por exemplo) e outros pela operação que forma a numeração (traços opcionais, de plural, por exemplo).

Chomsky (1995, p. 129) afirma que a língua não é um sistema de regras, mas um conjunto de especificações para parâmetros em um sistema invariante de princípios da GU. Nessa proposta, o estado inicial é constituído de princípios invariantes com opções restritas a elementos funcionais e propriedades gerais do léxico.

2.2 A Teoria de Checagem de Traços

Como dito anteriormente, Chomsky (1995) e outros afirmam que um item armazenado no léxico possui traços formais interpretáveis e não-interpretáveis. Como exemplo dos traços interpretáveis estão os traços- ϕ dos nomes e dos traços não-interpretáveis, o Caso estrutural dos nomes e os traços- ϕ das categorias que concordam com os nomes.

Os traços não-interpretáveis precisam ser eliminados para que a derivação convirja na computação para LF. Os traços interpretáveis, por sua vez, são lidos

pela LF sem problemas, não precisando serem checados (eliminados). (MAGALHÃES, 2004).

Nessa teoria, a checagem de traços se dá via movimento de traços que são atraídos por um alvo que deve ter traços não-interpretáveis para ativar a checagem.

O traço D-forte de T (alvo), por exemplo, desencadeia o movimento do sujeito até seu Spec para satisfazer o EPP. T então tem seu traço D checado e apagado e o sujeito também tem seu traço de caso checado por T. Os traços- ϕ do sujeito serão checados quando o verbo for elevado e adjungido a T. Então o sujeito checa e apaga os traços- ϕ do verbo. O traço de Caso do sujeito, por ser não-interpretável, é apagado quando checado, mas os seus traços- ϕ permanecem mesmo depois da checagem porque são interpretáveis. (MAGALHÃES, 2004, p. 151)

Chomsky (1998) propõe que todas as relações de checagem são dadas abertamente mediante *Agree*, visto que, não há nenhum traço se movendo no componente coberto.

A operação *Agree*¹⁰ se estabelece entre dois elementos, *probe* (uma sonda) e *goal* (um alvo). No instante em que se dá a combinação (*matching*) dos traços- ϕ entre esses dois elementos, *Agree* apagará os traços não-interpretáveis apenas se a sonda e o alvo estiverem em relação na qual o alvo deve estar na posição de complemento da sonda, se são completos e se o alvo estiver com um traço não-interpretável para ser checado, pois assim estará ativo.

Em 1999, Chomsky passa a propor que o léxico é quem determina a interpretabilidade dos traços, através da Gramática Universal, e a distinção entre os traços é estabelecida em termos de valor: “os traços não-interpretáveis entram na derivação sem valor e os traços interpretáveis entram na derivação com seus valores especificados” (MAGALHÃES, 2004, p. 152).

Dessa forma, *Agree* determina os valores dos traços não-interpretáveis da seguinte forma:

¹⁰ Na seção 4.1, apresento uma descrição mais detalhada dessa operação sintática.

A sonda, que tem traços- ϕ não-interpretáveis, se combina com um alvo, que tem traços- ϕ interpretáveis e também um traço de Caso subespecificado. No momento em que a sonda e o alvo se combinam, os traços- ϕ não-interpretáveis da sonda e do Caso do alvo são valorados. Assim, por exemplo, no caso da concordância entre sujeito e verbo, os traços- ϕ de T (sonda), que são não-interpretáveis se combinam com traços- ϕ interpretáveis do sujeito (alvo), a operação Agree valoriza os traços não-interpretáveis de T, bem como valoriza o traço de Caso do sujeito que, em virtude da sua concordância com a categoria funcional T, será nominativo. (MAGALHÃES, 2004, p. 153)

Para convergir em LF, os traços não-interpretáveis e o Caso com seus valores já checados são retirados da computação e o objeto sintático é mandado para a fonologia.¹¹

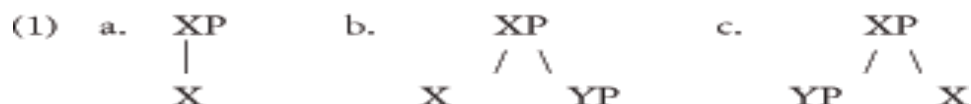
2.3 Dos Parâmetros

2.3.1 Definição

Anteriormente, afirmamos que o surgimento em 1981 da teoria dos P&P fez se desenvolver uma vasta pesquisa em aquisição de linguagem. Como consequência disso, trouxe também muitas questões importantes que ao longo do tempo foram se desenrolando. Entre essas questões, uma se apresenta como fundamental para a pesquisa em aquisição e até mesmo para os estudos sobre a variação linguística, a saber: o que vem a ser um parâmetro?

No início, assumia-se que os parâmetros eram derivados dos princípios, estando associados a esses. Como afirma Kato (2002, p. 3)

um exemplo disso é a variação encontrada na posição do núcleo em uma estrutura X-barra. Os sintagmas em qualquer língua obedecem todos a estruturas endocêntricas do tipo (1), mas a posição dos núcleos apresentaria a opção [+núcleo inicial]/ [-núcleo inicial]:



¹¹ Para mais detalhes, confira CHOMSKY, 1999.

Essa noção de Parâmetros associados a Princípios traz problemas quando o conceito de "Princípio" não se apresenta como o mesmo para todas as línguas, ou seja, quando algumas línguas podem violá-lo. Passou-se a falar em "violação de Princípios" ou em "Princípios parametrizáveis", o que não condiz com a própria noção de Princípio, posto que esse é uma propriedade universal e geral dentre as línguas naturais

Em seguida surge a hipótese da parametrização lexical devido ao fato de se ter assumido que os parâmetros são responsáveis pela variação linguística e sendo o léxico o responsável pelas particularidades das línguas, associa-se assim, um ao outro.

Kato (2002), no entanto, afirma que a noção de parâmetro foi trazida para o quadro teórico da aquisição da linguagem via gerativismo para responder a um problema lógico e que associar a variação linguística entre as línguas como sendo causada pelo léxico seria voltar à "estaca inicial" dado que dessa forma as línguas poderiam variar infinitamente e a criança por sua vez não teria como adquirir a gramática de sua língua, uma vez que variando infinitamente a criança teria que levar toda uma vida adquirindo sua gramática.¹²

Atualmente, a hipótese assumida pelos gerativistas é aquela que corrobora com o fato de haver uma relação entre os parâmetros e a variação linguística com o léxico funcional de cada língua.

Borer (1984) afirma que a variação paramétrica está intimamente ligada à morfologia flexional das línguas e suas propriedades. Em decorrência disso, surgem inúmeras categorias funcionais elaboradas por aqueles que estudam a sintaxe das línguas, fazendo com que os parâmetros, como corrobora Simioni (2007) percam seu poder explicativo.

Em Kato (1995), tem-se que os parâmetros atuam num nível mais abstrato da gramática e que por isso constituem uma propriedade que é responsável por um ou mais tipos de construção, tipos concretos. Por isso "a criança não precisa ser exposta a todas as construções que o valor do parâmetro prediz. Algumas poderiam

¹² KATO, 2002, p.37.

ser dedutivamente adquiridas e isso responderia ao problema lógico da aquisição” (KATO, 1995, p. 68).

2.3.2 Fixação

Como dito anteriormente, a teoria de P&P propõe que a criança nasce biologicamente equipada com o que se convencionou chamar de Dispositivo de Aquisição de Linguagem (DAL), que dá à criança a pré-disposição linguística necessária para a aquisição de uma língua qualquer.

Assim, a partir de princípios universais, a criança precisaria apenas ser exposta ao *input* que apesar de ser fragmentado¹³, seria suficiente para garantir a aquisição dos itens lexicais e configurar os valores paramétricos específicos da sua língua ou das suas línguas

Segundo Faria (2008, p.178),

Dentro desta perspectiva, as perguntas que surgem agora não mais recaem sobre o que torna possível a aquisição, mas sim sobre questões implementacionais, tais como: quais e de que tipo seriam seus valores? Como seriam configurados? Como as informações paramétricas seriam identificadas no *input*? Haveria valores padrão para os parâmetros, já dados no estado inicial?

Meisel (1995) aborda estes pontos que ainda continuam em aberto. Segundo o autor, ainda que a teoria P&P tenha sido acolhida com muita satisfação e forneça aparatos teóricos muito interessantes para a pesquisa linguística, traz como consequência questões importantes.

Dentre essas questões poderíamos começar nos questionando em relação ao tipo de valor que os parâmetros teriam. A maioria seria do tipo binário (valores 0 ou 1), embora hoje haja sugestões de parâmetros multivalorados, ou microparâmetros de acordo com os quais muitos fenômenos linguísticos de superfície possam depender da configuração de um simples parâmetro (MEISEL, 1995).

Por exemplo, seria interessante que um parâmetro relacionado ao sistema flexional fosse responsável também por consequências quanto à ordem da língua ou

¹³ O que se convencionou chamar de Pobreza de Estímulo.

o contrário, como bem coloca Kato (1995), em seu artigo “Aquisição em contexto de mudança linguística”.

A valoração binária parece não ser mais adequada, segundo Faria (2008, p. 178). O autor se justifica afirmando que, casos como o do parâmetro do *sujeito nulo* (*sj_nulo*), pelo menos em tese, “parece indicar que ou a valoração binária não é apropriada ou que ela deva ser aplicada para capturar propriedades mais granulares dos fenômenos”.

Percebeu-se que a valoração deste parâmetro em [+sj_nulo] ou [-sj_nulo], valoração esta que por muito tempo relacionou uma série de fenômenos superficiais, com a comparação de mais línguas e o melhor conhecimento da estrutura de línguas já conhecidas, não é mais adequado para classificar as línguas. Se inicialmente se acreditava que uma morfologia flexional permitia separar línguas como [+sj_nulo] (morfologia rica) de línguas [-sj_nulo] (morfologia pobre), estudos de Huang (1984, apud SOARES DA SILVA, 2006), mostraram que em línguas como o Chinês, apesar de apresentar morfologia flexional pobre, ainda sim, há ocorrências de sujeitos nulos.

Outra questão que ainda se encontra em debate é se os parâmetros podem ser considerados como estando em uma posição *default* e se dessa forma poderiam ser reconfigurados¹⁴ ou ainda se os parâmetros estão em aberto com suas opções disponíveis ao mesmo tempo na Gramática Universal em desenvolvimento (MEISEL, 1995).

Segundo Faria (2008), a consequência de se admitir que os parâmetros estão em uma posição *default* e dessa forma poderem ser reconfigurados é colocar duas questões: i) qual seria e o que determinaria o valor padrão? ii) o que a reconfiguração significaria nesse modelo?

No que se refere ao fato de os parâmetros estarem em aberto com suas opções disponíveis ao mesmo tempo na gramática em desenvolvimento, pode-se dizer que é praticamente impossível conceber um analisador sintático (*parser*) que

¹⁴ Esse ponto será retomado na seção seguinte.

trabalhe com valores binários opostos de um mesmo parâmetro, uma vez que essa situação tornaria inexequível qualquer decisão.

Lebeaux (1988, 1990 apud MEISEL, 1995) pressupõe não existir um valor padrão para o parâmetro (estaria em aberto), mas que o *parser* contaria com as opções relacionadas a um dado parâmetro, sendo uma dessas opções, a opção padrão.

Com essa opção padrão, o *parser* analisaria os dados da experiência (*input*) e em caso de não “dar certo” o *parser* recorreria às outras opções. O que se coloca agora é até onde de fato esse modelo se diferencia da reconfiguração.

Diante disso, percebe-se que tanto a identificação do parâmetro quanto a configuração do seu valor, necessitam ser “disparados” pela experiência linguística, uma vez que a configuração dos parâmetros é feita com base em informações do *input*.

Meisel (1995) corrobora com o fato de que o processo de aquisição nesta abordagem tem que ser rápido, sem a necessidade de um *input* frequente e que conduza a padrões de desenvolvimento semelhantes entre os diversos indivíduos, de acordo com o que realmente acontece na aquisição.

Nesse caso, um simples dado seria suficiente para que ocorresse a configuração correta de um parâmetro e seu valor. A isso se convencionou chamar de gatilho, ou seja, a informação linguística específica contida no *input*.

Meisel (1995) afirma que é mais interessante adotar a hipótese do gatilho único e não a reconfiguração. Ele argumenta, entretanto, que diante da problemática supracitada seria necessário precisar o que seria um gatilho. O *input* teria que ser abundante e acessível a qualquer criança, mas não necessariamente frequente. A questão passa a ser então estrutural e de como as estruturas estariam disponíveis às crianças desde o início da aquisição

Ainda segundo o autor, pesquisadores assumem um desenvolvimento contínuo para a linguagem no qual qualquer novo estado da criança estaria de

acordo com a Gramática Universal e poderia ser considerado como uma língua natural possível.

Como dito anteriormente, também já foi postulado que os parâmetros se aplicam apenas às categorias funcionais das línguas. Dessa forma as propriedades gramaticais de uma língua são determinadas pelas propriedades das categorias funcionais.

2.4 O Input

Outro ponto de relevante importância levantado por Meisel (1995) diz respeito ao *input*. É sabido que a criança só pode contar com evidência positiva. Além disso, os dados do *input* podem, segundo o autor, levar a uma configuração equivocada do valor de um parâmetro, pois as propriedades superficiais de uma sentença podem ser ambíguas no que diz respeito aos valores paramétricos aos quais elas possam estar relacionadas.

Meisel (1995, p. 27) enfatiza que “não se trata somente da ocorrência de erros de desempenho; os adultos utilizam enunciados que eles próprios julgam não gramaticais” A pressuposição de que poucos exemplos são suficientes para a configuração do parâmetro, junto ao fato de a criança não ter evidência de que alguns enunciados presentes no *input* são agramaticais, torna a fixação paramétrica bastante complicada, nas palavras de Simioni (2007).

Valian (1988, 1990) afirma que a criança deve estar equipada com um mecanismo que avalie e permita fazer experiências, lançando um enunciado e comparando-o com a resposta do adulto.

Para Meisel (1997), essa hipótese ganha respaldo pela observação de que os adultos tendem a responder às crianças com enunciados lexicais e estruturalmente semelhantes aos enunciados da própria criança.

[...] A ideia é que o processo de comparação permitirá à criança identificar o *input* não gramatical, evitando o problema normalmente relacionado ao uso do *input* negativo indireto de não ser possível determinar quando parar de procurar evidências. Presumindo um processo de comparação, a criança pode esperar, com razão, que o fenômeno em questão ocorra em um curto espaço de tempo (MEISEL, 1997, p. 28).

Entretanto, Meisel (1997) argumenta que, embora a testagem de hipóteses pela criança seja uma possibilidade concreta, a explicação para o fenômeno em questão deve ser gramatical, o que a torna mais condizente com a própria noção de parâmetro, ao invés de privilegiar uma abordagem que acarrete em mais um artefato no processo de aquisição

Simioni (2007) ainda ressalta que não é claro de que forma a comparação proposta por Valian (1988, 1990) permitiria à criança reconhecer o *input* não gramatical¹⁵, já que, se a criança confiar nos dados presentes nos enunciados das respostas do adulto como a “forma gramatical”, o que poderia acontecer é a criança perceber que o seu enunciado é agramatical, o que nada tem a ver com o julgamento dos possíveis dados agramaticais que ela possa ouvir.

Concernente a esse fator, ou seja, a ambiguidade dos dados do *input*, uma possível solução é assumir que a fixação paramétrica é desencadeada por propriedades dos dados definidas de modo estrito, e não por todas as propriedades possivelmente relacionadas ao parâmetro. Voltando ao já tão falado parâmetro do sujeito nulo, a ocorrência de expletivos nas línguas que não permitem sujeito nulo poderia servir como evidência para a escolha do valor negativo do parâmetro.

A decisão entre uma possibilidade e outra deve ser feita a partir de dados empíricos. Segundo Meisel (1997), caso algum tipo de testagem de hipóteses esteja envolvido na fixação paramétrica, espera-se variação interindividual.

Também é provável que haja variação intraindividual, pois a criança pode inicialmente selecionar uma hipótese equivocada e depois “reanalisar” corretamente o parâmetro, o que a nosso ver parece ser uma hipótese plausível, visto que parece possível que, devido à ambiguidade do *input*, a criança faça uma escolha inicial equivocada.

Voltando a questões referentes à frequência, Clahsen (1991) afirma que a criança precisa de uma certa quantidade de evidência positiva antes de fixar o parâmetro; já Randall (1992) pressupõe um “limiar de desencadeamento”, isto é, a

¹⁵ Estamos usando exatamente a nomenclatura usada pela autora, embora preferimos a expressão “dados não-pertencentes à gramática-alvo”.

criança precisa de um número suficiente de indícios. Lightfoot (1991), por sua vez, assume que os dados acionadores devem ser consistentes e frequentes.

Meisel (1997, p. 29) afirma que nem toda forma presente no *input* configura o parâmetro para o qual parece ser relevante; Simioni (2007) por sua vez diz não haver nos dados infantis evidência de trocas frequentes de parâmetros; finalmente, a aquisição parametrizada é mais rápida que a aprendizagem indutiva, mas não se pode esquecer que também leva algum tempo.

Não há ainda, de fato, uma definição concreta sobre o que seria o limiar ou a quantidade de evidência positiva necessária para que um parâmetro seja fixado, e indo mais além, nada obriga aos pesquisadores aceitar dados quantitativos.

Lightfoot (1991) afirma que a consistência defendida por ele não tem relação com frequência, mas antes “o que realmente importa é que os fatores desencadeantes não deveriam aparecer somente no que Lightfoot (1991) chama de contextos ‘exóticos’” (MEISEL, 1997, p. 29); isto é, os dados acionadores devem ser plausivelmente acessíveis a toda criança, como já dito anteriormente.

Ainda segundo Meisel (1997), “na atual estrutura teórica, sua deficiência [dos dados] com respeito à confiabilidade não pode ser remediada de modo satisfatório com requisitos de frequência”.

Como solução Simioni (2007) prefere manter a questão dentro dos limites da gramática e definir a acessibilidade dos dados em termos estruturais. Devido a isso, a proposta de Lightfoot (1989, 1991) parece ser a mais aceita.

De acordo com Meisel (1997, p. 30), para Lightfoot (1991), é apenas suficiente que a criança seja exposta à oração principal mais a parte anterior da oração encaixada (o complementizador e o sujeito) para decidir sobre a fixação paramétrica.

Antes desse autor, outros haviam apresentado propostas nas quais a criança necessitaria de evidências disponíveis em orações com um (grau-1) ou dois (grau-2) encaixamentos. A fórmula proposta por Lightfoot (1989) não leva em conta o número de orações; a extensão estrutural é definida em termos de domínios obrigatórios.

Autores como Baker (1989) afirmam que o grau-1 é mais adequado, o que não diminuiria nem reforçaria a hipótese de Lightfoot (1989). Muitos outros autores p. ex. (ROEPER, 1973) têm assumido que a extensão estrutural deve estar necessariamente acessível à criança para fins de fixação paramétrica.

Ainda segundo Meisel (1997, p. 30), a criança não necessita de informações para além do grau-1; mas vale ressaltar que ainda há discussões sobre a capacidade da criança de explorar a distinção entre oração matriz e oração encaixada desde o início. De tudo isso, diz Simioni (2007, p. 35) “de qualquer forma, a definição de acessibilidade em termos estruturais é, sem dúvida, mais condizente com a noção de parâmetro”.

2.5 As Teorias de Aprendizagem

Dissemos anteriormente, que o advento da teoria de P&P, e, mais especificamente, a noção de parâmetro, impulsionou de forma intensa a pesquisa em aquisição da linguagem, em especial, via teoria gerativa.

Já vimos que Chomsky propõe uma GU que é o estado inicial do processo de aquisição. Quando a criança adquire a gramática da língua à qual foi exposta, ela atinge o estado estável de sua língua. Esse autor também propõe que a aquisição da linguagem se dê de forma instantânea, ou seja, que no primeiro contato da criança com o input seria suficiente para que ela alcançasse o estado estável da língua. Muitos autores têm criticado essa hipótese acusando-a de algo irreal. Chomsky, no entanto, argumenta que essa idealização é necessária para que se possa alcançar a adequação explicativa.

Aqui sintetizaremos duas hipóteses bastante difundidas: a hipótese maturacional e a hipótese continuísta.

A hipótese maturacional procura explicar o processo de aquisição da linguagem vinculando-o a um calendário maturacional, atribuindo, assim, as mudanças empiricamente observadas no processo de aquisição à maturação de princípios. Dessa forma os princípios se desenvolvem, assim como ocorre com os

demais processos biológicos, de acordo com um padrão inato previamente estabelecido.

Lopes (2001, p. 116) afirma existir duas interpretações possíveis para as afirmações acima: a versão forte e a versão fraca. A versão forte também chamada de Hipótese da Descontinuidade, Felix (1984) afirma que nem todos os princípios se encontram prontos na GU, o que significa dizer que as crianças em fase inicial de aquisição podem produzir estruturas que violam as restrições da GU.

Já a versão fraca de Borer e Wexler (1987) afirmam que os princípios estariam prontos na GU, mas estariam inicialmente subespecificados.¹⁶ Assim, as estruturas não atestadas na gramática-alvo, mas encontradas na gramática da criança, devem-se ao fato de algumas propriedades formais do sistema ainda não estarem operativas na GU e necessitarem de maturação.

Lopes (2001, p. 117) argumenta que os autores maturacionistas passaram cada vez mais a adotar a parametrização ligada às categorias funcionais. Conseqüentemente, passa-se a admitir haver uma fase pré-sintática na fala das crianças, na qual estas não contam com as categorias funcionais.

Meisel (1994) postula que as crianças nessa fase utilizem o módulo pragmático da linguagem; Bickerton (1989, 1990), por sua vez, aproxima a linguagem inicial da criança a um *pidgin*¹⁷; Radford (1990); Guilfoyle e Noonan (1988) argumentam em favor da chamada fase léxico-temática.¹⁸

Radford (1990) não assume claramente uma corrente, mas se coloca mais próximo da maturação; em seu trabalho de 1997, depois de muito criticado, reformula sua proposta de modo que se pode arriscar rotulá-lo continuísta.

Lopes (2001, p. 119-120) apresenta algumas críticas à hipótese maturacional que podem ser resumidas em três pontos principais: a possibilidade de violação de

¹⁶ A criança não teria acesso a eles desde o início por questões maturacionais.

¹⁷ BICKERTON (1984) afirma que pidgin “é uma língua auxiliar que surge quando falantes de diversas línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito.”

¹⁸ Por fugir do escopo deste trabalho não nos deteremos na descrição detalhada dessas fases. Para aprofundamento das questões, conferir obra original.

GU, o fato de que determinados princípios maturam antes de outros em línguas diferentes, e a vinculação biológica do modelo.¹⁹

A hipótese continuísta, por sua vez, defende que as crianças, desde o início, apresentam estruturas sintáticas semelhantes às dos adultos, ou seja, a linguagem inicial da criança já se encontra determinada pelos princípios da GU. O próprio termo “continuísmo” parece indicar que há uma continuidade entre a gramática da criança e a gramática do adulto.

Essa hipótese também admite duas versões, a saber, i) a hipótese forte e ii) hipótese fraca. Em relação a (i), propõe-se que desde o início do desenvolvimento todos os princípios da GU já estão disponíveis para criança e que as estruturas de sua gramática, em todos os estágios, pertencem somente às estruturas da língua-alvo.

Essa visão não alcançou muito sucesso. Lopes (1999) afirma que isso pode ter a ver com o fato de que essa concepção parece implicar um conhecimento por parte da criança que se estabiliza de tal forma, que chega a alcançar um estado quase cristalizado do Estado Estável (Ss). Mas, vale ressaltar que Lopes (1999) afirma que por aproximar-se da definição de língua-l como sendo de fato individual e intencional, essa hipótese não deixa de ser interessante.

Concernente a (ii), admite-se que a criança pode apresentar estruturas que são consideradas impossíveis em sua língua, mas que se explicam pelo fato de ser possíveis em outras línguas. (CLAHSEN, 1989, 1991), dentre outros. Sendo assim, a criança sempre apresentaria estruturas que estão de acordo com a GU.

Magalhães (2006, p. 9) afirma que

pesquisas têm mostrado que crianças adquirindo línguas de sujeito não-nulo (como Inglês, Alemão) passam por um estágio em que produzem sentenças com sujeitos nulos. Tais sentenças desviam da gramática-alvo, mas representam uma opção disponível na GU, uma vez que há línguas que permitem sujeitos nulos.

¹⁹ Não me deterei aqui nos pormenores. Para maiores detalhes, confira obra original.

De acordo com os que defendem essa hipótese, a diferença entre a gramática do adulto e a gramática da criança pode ser explicada principalmente através da performance.

Diante disso percebe-se uma distinção fundamental entre continuísmo e maturação na qual os continuístas que defendem a versão fraca da hipótese afirmam que as diferenças entre as gramáticas adulta e infantil não são uma diferença concernente à competência, e sim a dificuldades de processamento, memória e/ou percepção.

Essa visão também foi chamada de Hipótese da Competência Plena, e ganhou força por conseguir, além de explicar fenômenos que não parecem mudar radicalmente (como seria o caso em uma hipótese maturacional), dar conta das diferenças entre as gramáticas adulta e infantil, como já dito anteriormente.

Clashen (1989) apresenta uma proposta, a Hipótese da Aprendizagem Lexical, segundo a qual a hipótese continuísta sozinha não seria capaz de explicar a questão do desenvolvimento da aquisição de linguagem.

O autor apresenta evidências de que a aprendizagem dos itens lexicais desencadearia a aplicação dos princípios da GU, concluindo que a hipótese continuísta deve ser mantida até que os dados de aquisição provem o contrário.

3 A CATEGORIA DE NÚMERO

3.1 A Categoria Linguística de Número

Número pode ser definido como uma categoria gramatical que leva em conta a quantidade de indivíduos designados nos nomes (CÂMARA JÚNIOR, 1992). Essa categoria tem despertado o interesse de linguistas e psicolinguistas que se debruçaram especialmente sobre a manifestação linguística desta categoria em termos fonológicos, morfossintáticos e semânticos, em sua representação mental no que diz respeito acesso e representação lexical, naquilo que se relaciona à sua posição na estrutura do sistema computacional da língua, como um traço formal ou como uma categoria funcional, e em sua aquisição²⁰.

Conforme afirma Ferrari Neto (2003), esses estudos têm demonstrado relativa complexidade do tema que apresenta grande dificuldade descritiva e difícil formalização, devido à diversidade com que o número gramatical se manifesta nas diferentes línguas do mundo.

Observando mais atentamente o uso do termo “categoria” na tradição dos estudos linguísticos e gramaticais, percebemos que essa designação é pouco consistente e ainda que tenha sido cunhada e tenha se tornado lugar comum, seu sentido ainda não é totalmente determinado. Sua concepção mais frequente é aquela apresentada por Lyons (1979) como “classe” ou “conjunto”, referindo-se a qualquer grupo de elementos reconhecidos na descrição de línguas particulares.

Essas “classes” ou “conjuntos” seriam traços universais da linguagem humana que manifestariam em sua forma particular, categorias universais, como o tempo, o modo, o caso, o gênero, etc. O número seria um elemento desse conjunto de categorias universais.

O fato de a categoria de número estar presente em grande parte das línguas conhecidas no mundo poderia servir de evidência empírica para a assunção do caráter universal da categoria gramatical de número. Sua manifestação mais comum é baseada nos conceitos clássicos de “singular” e “plural” que apresenta a distinção

²⁰ Essa assunção foi baseada nos estudos de FERRARI NETO (2003).

entre “um” e “mais de um”, nas palavras de Ferrari Neto (2003). Essa distinção se baseia claramente no reconhecimento de seres e coisas que podem ser denominadas de “contáveis”. Não se deve deixar de considerar, entretanto, que essa distinção, apesar de parecer óbvia, nem sempre o é, e que esses conceitos baseados na dicotomia “um” e “mais de um” são determinados pela, na maioria das vezes, estrutura lexical de cada língua, deduzindo-se daí a diferenciação entre nomes “contáveis” e “não-contáveis”, que varia de língua para língua.

Para tornar mais claro, observemos o exemplo: a palavra “uva” é um nome contável em português e também em inglês (“grape”), podendo ser flexionada para plural *uvas/grapes*; o mesmo não é verdadeiro em línguas como o russo e alemão, onde “uva” é traduzida respectivamente como *vinograd/traube*, apresentando-se como nomes não contáveis. Em francês “uva” (“raisin”) pode ser usado no singular como nome contável (“Prenez un raisin” = coma uma uva), ou no singular como nome não contável (“Voulez vous du raisin?” = Quer uva ?)²¹

Não podemos deixar de mencionar também as diferenciações semânticas relativas à manifestação da categoria gramatical de número. Podemos citar, por exemplo, o caso dos nomes (substantivos) coletivos, em que o seu significado intrínseco designa “mais de um” (um grupo de seres ou coisas), mesmo assumindo morfologia singular até na concordância verbal, em que o verbo que concorda com o sujeito representado por um substantivo coletivo deve se apresentar no singular. Lyons (1979) afirma que a determinação de um nome como coletivo também parece variar de língua para língua.

Há ainda nomes que linguisticamente não se reduzem a uma forma singular, mas são interpretáveis semanticamente como um conjunto de partes ou atos: núpcias ou funerais são exemplos típicos em português (CÂMARA JÚNIOR, 1970).

Finalmente, existem nomes cuja distinção mórfica singular/plural conduz a uma diferenciação semântica para além do “um” e “mais de um”. Observe-se o caso de açúcar, cujo plural açúcares não só denota “mais de um” como também parece

²¹ Para maiores detalhes (Cf. LYONS, 1979).

indicar outros tipos diferentes dessa mesma substância (refinado, mascavo, granulado, etc.)²²

Ferrari Neto (2003) ainda conclui que os valores do número vão muito além da conhecida distinção singular/plural. Estudos revelaram oposições entre singular, plural, dual (“dois seres”, como havia no indo-europeu e no grego antigo, e que deixou um resquício em português na palavra “ambos”), trial (três seres, como em certas línguas fijianas), quadral (quatro seres) e paucal, (alguns seres)²³

Sem se falar das peculiaridades semânticas “que por vezes assumem o singular e o plural, que podem indicar totalidades indeterminadas ou números genéricos, como em “Eu vi cachorros”, “Eu comi carne a vida inteira”, etc.” (FERRARI NETO, 2003, p.20)

3.2 O Número Gramatical na Linguística Gerativa²⁴

O conceito de número como um traço formal de concordância tem sido uma constante nos trabalhos que se debruçam sobre a teoria linguística gerativa. O modo como seu valor é especificado é o que tem apresentado certas variações.

Chomsky (1981) apresenta o traço de número na entrada lexical dos nomes, adjetivos e determinantes, sendo este traço valorado pelas categorias funcionais Agr (de *Agreement*) através de operações de movimento. Atualmente, apareceram propostas que entendem o número como uma projeção da categoria funcional NumP.²⁵

Assim, o modo como os mecanismos de concordância foram apresentados sofreu mudanças acentuadas durante o desenvolvimento da teoria gerativa. Da concepção proposta pelo modelo padrão (CHOMSKY, 1965) até o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) podemos perceber alterações consideráveis. Passaremos em vista, brevemente, algumas dessas alterações.

²² Cf. CÂMARA, (1970).

²³ Cf. CORBETT, (2000).

²⁴ Nessa seção apresentamos apenas o Número no Modelo Padrão e no Modelo de P&P. No que concerne ao PM, trataremos no capítulo 4, especificamente.

²⁵ PICALLO, 1991; RITTER, 1993; CARSTENS, 2000).

3.2.1 O Número no Modelo Padrão

O modelo padrão, da teoria gerativa, era guiado pela ideia de um sistema de regras que podiam ser sintagmáticas ou transformacionais. As regras eram muito flexíveis, o que possibilitava a descrição de qualquer fenômeno linguístico a partir da formulação de novas regras. As regras sintagmáticas estavam relacionadas à geração da estrutura profunda das sentenças, enquanto que as transformacionais eram responsáveis pela geração das estruturas superficiais.

Nesse modelo, concebido como um conjunto de regras transformacionais que atuavam sobre traços sintáticos, cabia ao sistema flexional reconhecer os traços sintáticos existentes na matriz de traços relativa aos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos.

Afirmava-se que estes nomes já eram inseridos com esta matriz de traços, através de regras sintagmáticas, devendo uma regra transformacional distribuir estes traços pelos adjetivos e pelos verbos, como exemplifica o esquema abaixo:

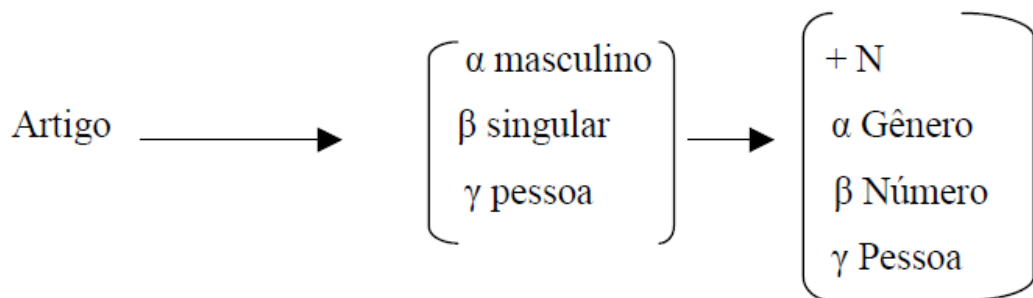
$$\left(\begin{array}{l} /ka'za/ \\ \alpha \text{ masculino} \\ \beta \text{ número} \\ \gamma \text{ pessoa} \\ + N \end{array} \right)$$

Fonte: Ferrari Neto, 200?, p. 2.

Sendo α , β e γ os valores que os traços podem assumir. Chomsky (1965) postula que as especificações dos traços categoriais e dos traços de gênero são intrínsecos ao nome, fazendo parte de sua entrada lexical, enquanto que as especificações dos traços de número e de caso são introduzidas por regras gramaticais nos levando a perceber uma antecipação do que depois seria chamado de traço intrínseco e de traço opcional.

Depois do reconhecimento dos valores desta matriz, ocorreria a operação de regras fonológicas interpretativas para produzir uma matriz fonética na qual os valores dos traços receberiam uma representação morfofonológica.

Com relação à concordância, o sistema operaria de modo a atribuir aos verbos e aos adjetivos os valores dos traços especificados nos nomes inseridos nos indicadores sintagmáticos. Chomsky (1965) afirma que a gramática deveria conter regras transformacionais de concordância que atribuiriam aos termos diretamente ligados ao nome todas as especificações de traços por este apresentadas, como exemplifica a descrição:



Fonte: Ferrari Neto, 200?, p. 3.

Esta regra poderia ser interpretada como afirmando que o nome atribui ao artigo os seus valores dos traços de gênero, número e caso. Como dito anteriormente, depois da aplicação desta regra, regras fonológicas interpretariam o valor destes traços em expressões morfofonológicas.

Podemos concluir que os processos flexionais podem ser entendidos como aplicação de regras transformacionais sobre traços sintáticos de itens lexicais e que da mesma forma a concordância é entendida como sendo resultado da atribuição dos traços especificados para o nome aos verbos, adjetivos, artigos, etc.

Alguns traços sendo inerentes aos itens lexicais, (gênero ou o categorial) tendo o seu valor já especificado na entrada lexical enquanto que outros têm o seu valor determinado apenas quando inseridos em um indicador sintagmático (traços de número e de Caso). Disso decorre que esse modelo já traz características semelhantes às versões mais recentes da teoria no que respeita à questão do número gramatical e dos processos de concordância. O conceito de número, por exemplo, como um traço sintático permanece em todas as versões da teoria.

A natureza opcional deste traço também aparece no modelo padrão, mesmo que sem as denominações intrínseco/opcional. Nesse primeiro momento não houve

preocupação com o desenvolvimento de questões relativas a número e concordância gramaticais.

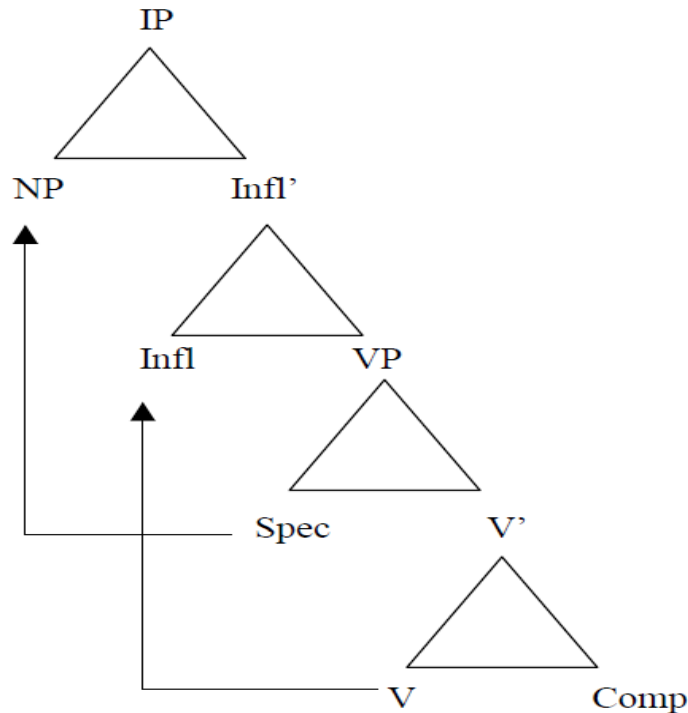
3.2.2 O número em Princípios e Parâmetros

P&P apresenta uma novidade quanto à concordância e à autonomia conferida à flexão verbal, ou seja, a criação categoria funcional Infl (do inglês “inflection”, flexão). Esta nova categoria contém as marcas de tempo e de concordância [α T, β Agr] na qual T é Tempo e Agr é a indicação de número e pessoa. Infl representa na sentença as marcas da flexão de tempo e concordância morfofonologicamente realizadas.

O número gramatical continua sendo uma marca formal, com a diferença de que agora faz parte, pelo menos ao que se refere ao número gramatical expresso no domínio verbal, da categoria sintática autônoma Infl, constituindo o grupo de traços sintáticos Agr constantes em Infl.

Percebemos que, para o caso dos nomes a concepção de número do modelo P&P é a mesma dos primeiros modelos, a saber, um traço formal constante na entrada lexical dos nomes, visto que a preocupação primordial se voltava para a concordância concernente à flexão verbal. De fato, a concordância nominal só ganha destaque a partir das propostas de Abney (1987) sobre a estrutura do DP (Determiner Phrase).

P&P apresenta importantes desenvolvimentos para a Teoria X-Barra. Como exemplo, podemos citar a proposta de que a categoria Infl projeta núcleos sintáticos de acordo com os princípios X-Barra. Dessa forma, a primeira projeção de Infl (Infl') envolveria Infl e o VP da oração, na posição de complemento de Infl, enquanto que a projeção máxima de Infl (Infl'' ou IP) envolveria Infl' e o NP sujeito da oração na posição de especificador de Infl'. Observemos a representação que ilustra a configuração de IP:



Fonte: Ferrari Neto, 200?, p. 6

Nesse esquema V tem que ser alçado até Infl para que a concordância aconteça, ou seja, para que receba a flexão que corresponde aos traços $[\alpha T, \beta Agr]$. Uma operação de movimento seria a responsável por esse alçamento. Estes traços serão lidos na interface como ordem para expressão morfofonológica.

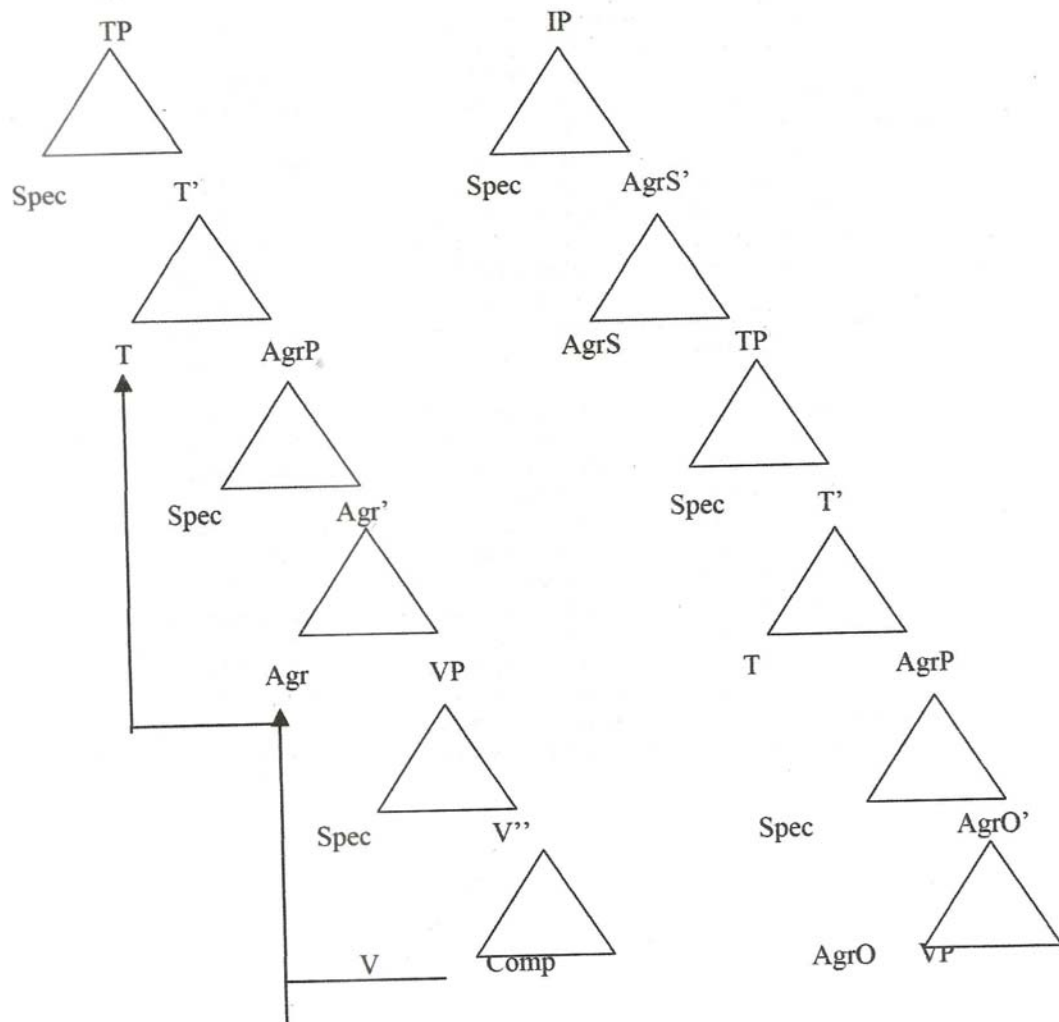
O fato de não saber ao certo quem de fato projetava, se T ou Agr, fez os gerativistas apresentarem algumas críticas ao estatuto de Infl contendo os elementos T e Agr, quem de fato projetava, se T ou Agr.

Comparando-se Infl com outras categorias funcionais, constatava-se que Infl possuía uma certa singularidade, haja vista que todos os níveis funcionais eram homogêneos, isto é, pertenciam a uma classe sintática e semanticamente bem definida". (FERRARI NETO, 200?, p. 6)

Para superar esta questão, Pollock (1989), através de seus estudos sobre o francês e sobre o alemão, propõe uma "separação" do IP, dividindo-o em núcleos independentes T e Agr, que projetariam os níveis TP e AgrP, respectivamente. AgrP projetaria os traços de número e pessoa, e TP os traços de tempo.

A concordância aconteceria com o movimento do verbo para cada um dos núcleos correspondentes, sucessivamente, onde receberia a flexão. Com a percepção de que algumas línguas apresentam concordância tanto entre sujeito e

verbo, como entre verbo e objeto, Chomsky (1995) propõe uma distinção entre AgrS, (concordância entre sujeito e verbo), e AgrO, (concordância entre verbo e objeto). Abaixo estão esquematizadas as propostas de Pollock(1989) e Chomsky (1995):



Fonte: Ferrari Neto, 200?, p. 7

O mecanismo da concordância se manteve estável durante os desenvolvimentos do modelo P&P, assim como também a natureza do número gramatical. Concernente à concordância, podemos dizer que ela é o resultado da aplicação de operações de movimento de núcleos lexicais (neste caso o V) através de núcleos funcionais distintos.

Número permanece como um traço formal presente na entrada lexical dos itens lexicais e núcleos funcionais diferentes (Infl ou Agr) atribuem seu valor no curso da derivação. Depois, a visão da concordância como movimento de núcleos

lexicais foi aplicada a descrição da flexão nominal, a partir dos trabalhos de Abney (1987), sobre a estrutura do DP, apresentado a seguir.

3.3 O Número em Português

Câmara Júnior (1970) dedicou um tratamento especial à descrição da categoria linguística de número. Outros autores também se dedicaram à descrição da manifestação do número em português, após os estudos de Câmara Júnior.²⁶ Abaixo apresento uma caracterização baseada principalmente em Câmara Júnior (1970) e ainda em Ferrari Neto (2003).

O português apresenta dois valores para número: singular e plural, correspondendo, respectivamente, a oposição entre *um* e *mais de um*. O singular corresponde morfológicamente a uma forma que se caracteriza por ser não marcada (morfema Ø) e o plural uma forma morfológicamente marcada com uma desinência de número plural que, em português, é manifestada morfológicamente pela desinência /-s/ em posição pós-vocálica final, e fonologicamente pelo arquifonema /S/, o qual representa os quatro alofones da desinência de número: /s/, /z/, /ð/ e /ʒ/.

Câmara Júnior (1970) dá uma atenção especial aos coletivos, nomes em que a forma singular envolve intrinsecamente significação de plural. Neste caso, a língua interpreta uma série de seres iguais como uma instância superior, o que leva à determinação do valor do número no singular, de acordo com esta unidade e não de acordo com os elementos individuais que os constituem: *constelação* (grupo de estrelas), *cardume* (grupo de peixes).

Esses nomes também possuem flexão, pois podem indicar mais de um conjunto: *constelações*, *cardumes*. Outro caso especial é o dos nomes unicamente plurais, (já citados anteriormente) interpretados como um contínuo de atos ou partes constituintes unidas: *as férias*, *as núpcias*, *as algemas*, etc. Esses itens não possuem singular mórfico correspondente.

Câmara Júnior (1970) chama ainda a atenção para os plurais estilísticos, usados não para indicar oposição singular-plural, mas para provocar no ouvinte uma

²⁶ MORAES, 1992.

conotação de exaltação ou humildade. Presentes desde o antigo latim, que os agrupava em uma categoria chamada *pluralia tantum*, estas formas de plural são utilizadas muito mais estilisticamente, para acarretar no ouvinte uma reação afetiva, do que gramaticalmente, para marcar um plural oposto ao singular.

Em português, são referidos como o plural de modéstia, ou como o plural majestático. Exceto estas particularidades, poucas complexidades são observadas na descrição do número em português, segundo Câmara Júnior (1970) Dentre essas complexidades podemos citar as mudanças morfofonológicas exigidas por certas palavras, ocasionando diferentes alomorfes. Assim, nomes terminados no singular em *-s* (precedidos de vogal tônica), *-r*, *-z* e *-n* formam o plural com o acréscimo do alomorfe *-es*: *país-países*, *pilar-pilares*, *vez-vezes*, *cânion-cânions*.

A presença da vogal átona justifica-se pela impossibilidade de, em português, surgirem grupos silábicos formados por *-rs*, *-zs*, etc. (ainda que possa ocorrer em *-ns*, como em *próton-prótons*).

Outro caso de alomorfia ocorre com nomes terminados em *-l*, precedidos de vogal diferente de *-i*, cujo plural é expresso através da forma *-is*: *jogral-jograis*, *coronel-coronéis*. Quando os nomes terminados em *-l* forem precedidos da vogal *-i*, pode ocorrer a queda do *-l* e o acréscimo de *-s* (*fuzil-fuzis*, *funil-funis*) ou queda do *-l* mais o acréscimo do alomorfe *-eis* (*fóssil-fósseis*, *míssil-mísseis*).

Ainda, entre os casos de alomorfia foneticamente condicionada, estão os nomes terminados em *-x* e *-s*, que, quando precedidos de vogal átona, não sofrem variação: *tórax*, *cútis*. Nestes casos, o plural tem de ser indicado através de marcação no determinante: *estes tórax*, *as cútis*.

Há ainda os casos de metafonia. Trata-se de nomes cujo plural implica não só acréscimo da desinência de número, mas também de alteração no timbre da vogal do radical: (*corpo-corpos*, *ovo-ovos*). Esta metafonia configura-se como uma marca redundante de plural, da mesma forma que acontece com o plural de certos diminutivos, os quais tanto o substantivo primitivo quanto o derivado apresentam marca de plural: *anel-anéi(s)=zinhos*, *fogão-fogõe(s)zinhos*.

O último caso listado por Câmara Júnior (1970) em sua descrição é o dos plurais dos nomes terminados em *-ão*. Certo número deles forma o plural com o acréscimo do morfema *-s* (todos os paroxítonos e um número pequeno de oxítonos: *sótão-sótãos*, *cristão-cristãos*); a maioria (inclusive os aumentativos em *-ão*), além do acréscimo do *-s* apresenta alternância da vogal e da semivogal: *balão-balões*, *valentão-valentões*; e, finalmente, um número reduzido apresenta, além do *-s*, uma alternância da semivogal (*alemão-alemães*, *capelão-capelães*).

Para finalizar, abaixo trazemos uma tabela retirada de Ferrari Neto (2003), que bem resume a descrição de Câmara Júnior (1970).

Morfema de Plural = -s	Ex.: bola-s, carro-s
Alomorfes <i>-es</i> : Nomes terminados no singular em <i>-s</i> (precedidos de tônica), <i>-r</i> , <i>-s</i> e <i>-n</i>	Ex.: país – país – es pilar – pilar – es vez – vez – es cânon – cânon – es
Alomorfe <i>-is</i> Nomes terminados em <i>-l</i> , precedidos de vogal diferente de <i>i</i> Nomes terminados em <i>-l</i> precedidos de <i>i</i> tônico	Ex.: jogral – jogra-is coronel – coroné-is lençol – lençó-is azul – azu-is Ex.: fuzil – fuzi-is (crase entre o <i>i</i> do radical e o <i>i</i> do alomorfe) barril – barri-is
Alomorfe <i>-eis</i> Nomes terminados em <i>-l</i> precedidos de <i>i</i> átono	Ex.: fóssil – fóss-eis réptil – répt-eis táctil – táct – eis
Alomorfe <i>-Ø</i> Nomes terminados em <i>-x</i> e <i>-s</i> precedidos de vogal tônica	Ex.: o tórax – os tórax o simples – os simples a cútis – as cútis
Plurais metafônicos	Ex.: ovo – ovos corpo – corpos (plural redundante – acréscimo da desinência e alteração no timbre da vogal)
Duplo Plural (plural de nomes diminutivos derivados)	Ex.: anel + zinho = anei-zinho-s cão + zito = cãe-zito-s
Nomes terminados em <i>-ão</i> apresentam tripla possibilidade de plural (muitos em variação livre e sem forma definitiva fixada)	Ex.: caixão – caixões Cristão – cristões Pão – pães

Tabela 1 - Descrição de Número em Português (Conclusão)

Morfema de Plural = -s	Ex.: bola-s, carro-s
Nomes privativamente plurais	Ex.: as férias as núpcias as bodas os óculos

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 24.

3.4 Uma Visita à Categoria de Número nas Diferentes Línguas

Concernente à expressão da categoria linguística de número nas diversas línguas existentes no mundo, uma observação mais acurada revela uma grande diversidade de manifestações.

É possível encontrar indicações da categoria de número na sintaxe de um nome, na morfologia, no léxico e na fonologia. A semântica do número também é muito diversificada, havendo distinções entre valores de número muito além da conhecida oposição singular/plural, isto sem mencionar as nuances semânticas que por vezes assumem o singular e o plural. Com relação às distinções semânticas, Corbett (2000) chama a atenção para o que ele denominou de “general number”²⁷.

Existem línguas no mundo em que um nome pode ser expresso sem referência a um valor específico. Um exemplo de língua que apresentaria um número genérico seria o bayso, falado em certas regiões da Etiópia. Observemos as flexões de número nesta língua:

Tabela 2 - Flexões de Número em Bayso

Lúban foofe (“Eu vi leão”)
Lúban –titi foofe (“Eu vi um leão”)
Lúban-jaa foofe (“Eu vi alguns leões”)
Lúban-jool foofe (“Eu vi muitos leões”)

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 25.

Observamos que o singular é manifesto através de uma desinência particular “titi”, diferentemente do português, no qual o singular é caracterizado como uma forma não marcada. Em bayso, a não-marcação de um nome caracteriza-se

²⁷ Número genérico.

justamente por aquilo que Corbett (2000) designou de expressão do número genérico, que expressa um ser ou mais de um ser, indeterminadamente, o que também pode acontecer no português, diferindo do bayso pelo fato de que não apresenta desinência específica para este fim.

O número gramatical pode apresentar valores muito mais variados do que a clássica distinção entre singular e plural tão atestadas especialmente nas línguas ocidentais. O antigo indo-europeu apresentava oposição entre singular, plural e dual²⁸.

Enquanto em muitas línguas o plural é empregado para qualquer caso em que se trate de mais de uma unidade, é frequente a existência do dual presente não só no indo-europeu, mas também no grego clássico, no árabe e em várias línguas eslavas que se utilizam para designar duas unidades. Em alguns casos, como o grego emprega-se apenas em situações em essas duas unidades constituem um “casal funcional”. Assim, utilize-se o plural dual para numerar as duas mãos de um homem ou dois cavalos de uma carroça, mas, o plural para falar de dois grãos de trigo ou de navios.

Algumas línguas atuais também assumem tal distinção, como é o caso do sérvio superior (upper sorbian), uma língua eslava falada entre Berlim e a fronteira da Polônia. Em línguas com o número dual, o plural fica restrito a grupos de três ou mais seres:

Tabela 3 - Número no Sérvio Superior

ja (“eu”)	mój(“nós dois”)	my (“nós”)
ty (“você”)	wój (“vocês dois”)	wy (“vocês”)
hród (“castelo”)	hrodaj (“dois castelos”)	hrody (“castelos”)

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 26.

Algumas línguas que conhecem o dual empregam também um trial para designar grupo de três: é o caso das línguas austronésias que empregam o dual e também o trial para designar grupos de três. No idioma sursunga de Nova Hibernia existe o quadrial para o qual o plural se refere a mais de quatro seres. Mais

²⁸ Esse tipo de marcação de número refere-se a dois seres.

frequentemente é a existência de um paucal utilizado para designar quantidades reduzidas; este existe nos idiomas hopi, russo, árabe e outras línguas. O lituano apresenta o nular utilizado para designar zero unidade de referente.

Além destas distinções semânticas e morfológicas, as línguas também possuem uma grande variedade de modos pelos quais o número é expresso. O tagalog, língua oficial das Ilhas Filipinas, tem um sistema de expressão do número gramatical que consiste na presença de um morfema livre para a indicação do número. O mesmo acontece com o miskitu, uma língua caribenha falada na Nicarágua:

Tabela 4 - Número em Miskitu

Bahay (“casa”) - mga bahay (“casas”) (tagalog)
Tubig (“água”) – mga tubig (“copos”) (tagalog)
Aras (“cavalo”) – aras nani (“cavalos”) (miskitu)

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 27.

A configuração sintática da frase também pode contribuir para a identificação do número de um nome, através da concordância. Isso acontece quando não há marcas de plural visíveis no controlador da concordância (nome que determina a flexão dos determinantes e adjetivos a ele relacionados, se se assume que é o nome o controlador). Corbett (2000) traz um exemplo do inglês:

Those goats are eating the washing
 Those sheep are doing nothing about it.

Conforme observa o autor, na primeira oração, *goats* é o controlador da concordância e, por apresentar a marca de plural –s, exige a presença do determinante plural *those*, além do verbo flexionado na 3ª pessoa do plural. Na segunda oração, sabemos que *sheep* é plural somente pela presença de determinante e de verbo plurais, já que *sheep* não apresenta marca de número. Parecendo exatamente com o que acontece em PB quando um falante pronuncia um DP do tipo “as menina” em que só se sabe se tratar de um DP plural pela presença do determinante, já que “menina” não apresenta marca morfológica de plural.

Ferrari Neto (2003) ainda nos remete ao idioma amele, falado em certas regiões da Nova Guiné, no qual existem as configurações sintáticas exemplificadas abaixo, na qual se pode perceber que a determinação do número da palavra *dana* (“homem”) é especificada pela presença de certos morfemas livres na oração:

Tabela 5 - Número em Amele

Dana uqa ho-i-a (“O homem veio”) – uqa = singular
Dana ale ho-si-a (“Os dois homens vieram”) – ale = dual
Dana age ho-ig-a (“Os homens vieram”) – age = plural

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 28.

Alterações morfológicas para a expressão de número gramatical são igualmente frequentes e variadas. Existem línguas como o russo, por exemplo, que apresentam alterações morfológicas para expressar número gramatical. O russo pode adicionar um morfema de singular ou um morfema de plural a uma mesma base, como é o caso de *komnat-* (“sala”), base cujo singular é *komnata* e cujo plural é *komnaty*.

Porém, para o nome *krylo* (“asa”), o singular é feito sobre a base *kryl-* e o plural sobre a base *kryl’j-*. Muitas vezes acontece algum tipo de mudança morfofonológica no radical de uma palavra para distinguir valores de número gramatical: uma mostra seria o plural de uma palavra em shilluk, como *kiy*, cujo correspondente singular é realizado pela alternância entre vogais longas e breves (*kîy/kíy*).

Redobros e modificações internas no radical são observados em línguas como o ilocano, *púsa* (“gato”) plural *púspusa* (“gatos”), e no inglês *goose* (“ganso”) plural *geese* (“gansos”).

Percebemos a presença de morfemas semelhantes a clíticos em algumas línguas que indicam o número da palavra a qual está ligada. Sabendo-se que clíticos são formas dependentes, percebemos que este fator diferencia esta forma de marcação de número daquela que apresenta uma palavra exclusiva para a mesma marcação. Uma língua que apresenta clíticos plurais é o dogon, do Níger: *Ene ge mbe* (“as cabras”) onde *mbe* é um clítico ligado à *ene* (“cabra”).

Encontramos casos de línguas em que os itens lexicais possuem mais de uma marca de número, normalmente quando ocorre juntamente com um morfema de número um morfema derivacional.

A palavra do bretão *bag* (“barco”) faz o diminutivo singular em *bagig* e o plural em *bagou*, donde se conclui que os morfemas de diminutivo e plural são, respectivamente, *-ig* e *-ou*; quando se forma o diminutivo plural *bagouigou*, percebe-se que foram adicionados ao radical dois morfemas de plural.

Por fim, têm-se os casos de marcação de número realizados por supleção heteronímica, de que são exemplos as palavras inglesas *person* (“pessoa”) e *people* (“pessoas”) e as russas *celovek* (“pessoa”) e *ljudi* (“pessoas”).

A supleção é comum no sistema pronominal de muitas línguas, como a oposição entre os pronomes retos no português *eu-nós/tu-vós*, e no inglês *I/we*, e também em certas formas verbais (*é/são*, *is/are*) etc.

Não são apenas as manifestações morfofonológicas e semânticas do número que são múltiplas e variadas. Também a sintaxe e os usos afetivos e expressivos possuem formas muito diferenciadas. Não nos deteremos mais nessas descrições. Para isso, remetemos o leitor a consultar o estudo sobre a manifestação do número elaborado por Corbett (2000).

3.5 Aquisição da Categoria Linguística de Número

Em relação à aquisição de número, tem havido poucos trabalhos sobre esse tema concernente ao português. Destacaremos nessa seção alguns trabalhos que consideramos ser de relativa importância para os estudos da área.

Um dos primeiros trabalhos nesta área é o de Berko (1958)²⁹, sobre a aquisição da morfologia do inglês por crianças nativas. O objetivo principal desse trabalho foi identificar a natureza do conhecimento envolvido na aquisição de regras morfológicas. Em um experimento muito famoso, Berko (1958) envolve crianças em

²⁹ Vale ressaltar que toda a descrição do trabalho de Berko foi retirada de FERRARI NETO (2003) exclusivamente.

idade pré-escolar em um teste que consistia em produzir formas de plural de palavras inventadas, além de produzir outras formas flexionadas.

Mostrava-se à criança um cartão contendo uma figura com uma palavra falsa que a nomeava. “Isto é um wug”; em seguida mostrava outro cartão, desta vez com duas figuras. “Agora há outro. Há dois deles. Agora há dois...?”. Outras formas lexicais inventadas foram usadas neste experimento.

Berko (1958) dividiu as crianças que participaram da pesquisa em dois grupos, um com crianças entre quatro e cinco anos e outro com crianças entre cinco e sete anos, e descobriu uma diferença significativa na habilidade dos grupos em produzir formas plurais; o grupo mais velho obteve um desempenho significativamente superior.

Ela descobriu também diferenças de desempenho causadas pelo tipo de alomorfe usado. O desempenho das crianças foi melhor quando o morfema requerido foi /-s/ ou /-z/ e pior quando o plural correto exigia o alomorfe /-ez/).

A conclusão a que Berko (1958) chegou foi a de que o vocabulário das crianças contém as marcas de plural /-s/ e /-z/ e o alomorfe /-ez/ e o desempenho no uso de cada marca é diferenciado, sendo o plural em /-ez/ mais complicado em virtude de sua irregularidade. A cuidadosa metodologia deste trabalho tornou-o um clássico nos estudos sobre aquisição da morfologia.

Em seu trabalho de mestrado, Ferrari Neto (2003) abordou o reconhecimento de número gramatical em PB e o processamento da concordância de número na fala da criança sob a ótica de dois pontos de vistas: o “bootstrapping” como teoria do processamento linguístico e a teoria gerativa, mais especificamente o Programa Minimalista (Chomsky 1995 e seguintes) como teoria de língua para dar base a sua análise linguística.

O estudo aborda três experimentos usando a técnica seleção de imagens e duas coletas longitudinais que duraram 4 meses. As coletas foram realizadas com um menino e uma menina com idade entre os 24 e 28 meses, a cada quinze dias.

Cada sessão durava em média 15 minutos e contava com uma leve eliciação de produção de formas plurais. De acordo com o Ferrari Neto (2003), os dados obtidos não permitem afirmar que crianças nesse período de idade produzam exemplos de concordância no DP, já que não foi registrado nenhum caso, talvez pelo fato de as crianças serem muito novas para este tipo de experimento.

O que se pode perceber através dos dados do autor é que a criança já é capaz de produzir formas com flexão em número e que já tem noção do valor semântico do morfema de número.

O autor conclui ainda que as flexões de número se manifestam sempre no nome. Ou seja: há produção e compreensão da noção de numerosidade, mas não necessariamente da concordância. Miller (2007) mostra que mesmo que a criança produza o morfema de plural não necessariamente o interpreta como “mais de um”, já que essa produção (de morfema de plural) precede sua interpretação de numerosidade.

Também Roeper (2006) sugere que a produção de um morfema funcional inicialmente é vazia, uma vez que a criança não associa a ele nenhuma função. Supõe-se então que a criança produz o morfema, mas não o associa a número. Sendo assim, produzir “s” no nome e não no Determinante no início da aquisição não necessariamente significa plural em PB, conforme exemplifica os enunciados retirados de Ferrari Neto (2003).

Assistente: aqui é uma bola, e aqui, duas... bo...

Assistente: aqui tem duas...

A*: bola

Assistente: não, duas bo...

A*: ...las

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 100

Esses experimentos nos permitem supor que as crianças não percebem a presença do morfema de número no nome desde muito cedo e que crianças entre

os 18 e 26 meses não demonstram sensibilidade à informação de número presente em D, tampouco à concordância de número entre D e N.

Interessante observar que o maior número de respostas corretas obtido na tarefa de seleção de imagens foi na manifestação agramatical³⁰, ou seja, com tarefas do tipo “Mostre o *gatos* pro Dedé”. O autor não oferece uma explicação para o fato, mas os trabalhos de Lopes (2004, 2006) e de Simioni (2006) evidenciam que a criança inicialmente produz estruturas agramaticais para fala adulta, conforme também evidencia nossos dados, o que nos leva a hipotetizar que esse morfema pode não ser plural.

Ao analisarmos os dados da coleta longitudinal em Ferrari Neto (2003), percebemos que nenhum deles apresenta concordância entre elementos, sendo a grande maioria de nomes isolados e ainda muitos desses nomes representam repetições da fala de outro (adulto), ou mesmo são consequências das correções por parte do adulto, como mostra o exemplo acima citado e o exemplo abaixo:

- Assistente: o que a menina está segurando ?
- Y*.: bola [ˈbɔla]
- Assistente: bolas
- Y*.: bolas [ˈbɔlaf]

Fonte: Ferrari Neto, 2003, p. 101

Disso concluímos que os dados longitudinais não nos permitem uma análise acerca da produção de concordância, assim como os experimentos também não permitem concluir se os participantes do experimento (crianças entre os 18 e 26 meses) percebem a concordância entre os elementos do DP.

O trabalho de Lopes (2004), “Estágios no processo de aquisição de número no DP do Português Brasileiro”, enfatiza o funcionamento dos nomes nus (nomes sem determinante) singulares a partir do Parâmetro do Agr Livre, proposta de Schmitt e Munn (1999).

³⁰ Gostaríamos de ressaltar mais uma vez que estamos usando a nomenclatura “agramatical” porque estamos considerando o termo usado pelos autores das obras citadas, embora consideremos a expressão “dados não constantes na gramática-alvo” mais adequada.

Lopes (2004) postula três estágios na aquisição da concordância de número: no primeiro, pressupõe-se um valor singular *default* e pode haver nomes contáveis singulares nus na fala infantil; no segundo, a criança fixa a diferença de número, sinalizada pela marca morfológica; e finalmente, no terceiro, a criança fixa a projeção opcional de NumP, de acordo com a proposta de Schmitt e Munn (1999).

Os dados de Lopes (2004), a saber, duas coletas longitudinais parecem confirmar a existência do primeiro estágio; entretanto, concernente ao segundo estágio, conforme afirma Simioni (2006), as crianças parecem distinguir entre singular e plural, mas o padrão de marcação morfológica apresentado é o padrão agramatical, no qual a marca de plural aparece apenas no nome na fala adulta. Mais ainda:

os dados de Lopes (2004) permitem entrever uma estratégia “tudo-ou-nada”: as crianças não apresentam oscilação entre as formas gramaticais e agramaticais; ao contrário, passam de uma fase totalmente agramatical diretamente para a gramática-alvo, seja com marcação morfológica redundante ou apenas no D. (SIMINONI, 2007, p. 98).

Lopes (2004) assume a proposta de Magalhães (2004) em relação à operação *Agree* também no DP. Mas, assume a proposta original de Chomsky (1995) segundo a qual o traço de número é interpretável nos nomes. Dessa forma, D é a sonda e N o alvo na operação de checagem.

Ao afirmar que o traço de número é interpretável nos nomes, Lopes (2004) assume que esse traço não precisa ser checado, advogando, dessa forma, que os traços não interpretáveis em D ainda não foram selecionados. Afirma a autora:

No caso do PB, a criança demoraria mais a convergir em função do traço de número não-especificado nos DPs singulares nus. Isso dá conta do estágio em que a criança marca a morfologia de plural apenas no nome. Naturalmente, os traços não-interpretáveis de D serão considerados adquiridos quando a marcação da morfologia de plural se encontrar em D e não em N (LOPES, 2004, p. 169).

Entretanto, afirmamos que essa explicação³¹ não se sustenta, pois o que se observa na fala infantil é uma oscilação entre os padrões gramatical e agramatical de plural nos DPs, o que parece indicar uma competição de gramáticas ou que a

³¹ Vale ressaltar que Lopes modifica a base de dados de seu trabalho, não confirmando seus resultados anteriores.

criança demore mais a fixar o parâmetro por conta da alta variação nos dados do *input*.

Simioni (2006) apresenta alguns resultados que evidenciam a co-ocorrência dos padrões gramatical (redundante e não redundante) e agramatical, e entre as formas de concordância e plural, o que também observamos em nossos dados.

Além disso, é possível observar que as primeiras formas a surgirem na fala da criança são de marcação não-redundante, seguidas pelas formas agramaticais e finalmente pelas formas redundantes; as formas agramaticais prevalecem até o final da faixa de dados analisada por Simioni (2006), mas aos 3;1 anos observa-se um aumento simultâneo de todas as formas, seguido de uma posterior queda abrupta das formas agramaticais e redundantes e uma estabilização do padrão não-redundante; o número de ocorrências de formas de plural sempre supera o de concordância, até os 3;2 anos, quando há um decréscimo repentino nas formas de plural e um aumento relativo nas formas de concordância.

Lopes (2006) analisa outros bancos de dados (conforme nota 10) que apresentam esse tipo de co-ocorrência, e reformula parte de sua proposta, mantendo a hipótese de que a aquisição de número no DP no PB passa pelos três estágios propostos em Lopes (2004).

Primeiramente, a autora mostra que há produção de determinantes preenchidos desde a primeira faixa etária analisada (1;8 anos), e esta aumenta a partir dos 2;1 anos de idade. Nessa mesma faixa, as poucas ocorrências agramaticais de *D-dropping* em posição de sujeito tendem a diminuir. Na mesma faixa etária emergem também os nomes nus e determinantes indefinidos, ainda que estes últimos surjam um pouco depois (2;3). Assim, esta faixa etária parece ser fundamental para a aquisição da estrutura do DP em PB.

Em relação à marcação morfológica de número, temos que os dois sujeitos analisados por Lopes (2006) iniciam com DPs singulares apenas. Até os 3;7 anos (último arquivo analisado pela autora), a proporção de plurais na fala infantil não é igual a do adulto. Novamente, a faixa etária relevante parece ser 2;1 anos, período em que as formas de plural começam a aparecer. O segundo estágio previsto pela

autora consiste na distinção entre singular e plural, que se verificaria no momento em que a criança passasse a marcar morfologicamente o plural.

Os resultados são semelhantes aos de Lopes (2004): todas as crianças iniciam marcando morfologicamente apenas o nome; a diferença é que essa estratégia permanece até o último arquivo analisado (3;7).

Pode-se perguntar se as formas agramaticais constituem um estágio prévio à marcação adulta, e a resposta, conforme Simioni (2007) é não: há co-ocorrência dessas formas com os padrões gramaticais da fala adulta (marcação redundante e marcação não-redundante apenas em D), ou seja, não parece possível falar em “estágios” na marcação de plural.

Além disso, as formas agramaticais e redundantes surgem juntas, aos 2;1 anos, enquanto as formas não-redundantes emergem aos 2;3 anos; as formas agramaticais, embora presentes ao longo de toda a amostra dos dados, representam uma minoria em relação aos outros dois padrões. A partir dos 2;8 anos, há um considerável aumento das formas redundantes e uma diminuição nas formas não-redundantes.

As formas gramaticais sempre prevalecem sobre as agramaticais; dentre estas, o padrão redundante é quase sempre o mais baixo. Simioni (2006) sugere que essas diferenças poderiam ser devido à frequência dos tipos de dados no *input* das crianças.

Lopes (2006) retoma os experimentos de Ferrari Neto (2003), e afirma que tanto os dados de produção quanto os de compreensão mostram que as crianças apresentam dificuldades em relação à representação gramatical de número por algum tempo após o aparecimento da marcação de plural. Isso pode ser explicado levando em conta o tipo de input recebido pela criança.

O problema que se coloca é como as teorias de aquisição darão conta daquilo que Simioni (2007) chamou de “aparente opcionalidade na fala infantil”.

Lopes (2006) retoma o trabalho de 2004 e hipotetiza: a criança poderia iniciar marcando morfologicamente número só no núcleo no qual este é interpretável, ou seja no N. Aqui, no entanto, hipotetizamos que esse núcleo é D.

No entanto, conforme afirma a própria autora, isso não explica a ocorrência, pois se o traço de número é inicialmente subespecificado em D e Num, ele pode ou não ser valorado, mas se não o for, a expectativa, de acordo com as previsões do modelo proposto por Lopes, é que o DP seja pronunciado no singular, e não é isso que ocorre.

Devido a tudo que analisamos acima, chegamos a uma conclusão que parece apontar que a criança comece com uma gramática maior do que a do adulto, por permitir, além da marcação redundante e da marcação não-redundante, também a marcação agramatical.

3.5.1 A Aquisição de Número em Inglês

Ferenz e Prasada (2002) corroboram com o fato de que as crianças adquirindo o inglês começam a produzir formas flexionadas para plural a partir de 1;10 anos. Já Brown (1973) diz que esse emprego se torna sistemático a partir dos 2;0 anos.

Nessa fase, a criança passa a associar o /s/ à representação gramatical de “mais de um”, de acordo com Ferenz e Prasada (2000). No entanto, apenas após os 3;0 anos a criança associa sistematicamente a marca de plural à interpretação de “mais de um” na compreensão linguística, como apontam Kouider et. al. (2006).

Em seu estudo, Moore (1979) pesquisou e testou a produção e a compreensão do morfema de plural em crianças adquirindo o *African American Vernacular English* (AAVE); nessa variedade do inglês, há uma tendência de que o morfema de plural seja omitido, o que faz com que as crianças recebam um *input* variável, nos termos de Miller (2007).

Os resultados desse estudo mostram que as crianças entre os 4;6 e os 7;4 anos adquirindo o AAVE omitem, na produção espontânea, entre 50 e 55% das marcas de plural nos nomes.

Moore (2007), ao aplicar um experimento consoante o de Berko (1958) acima explicado, descobriu que as crianças nessa faixa etária produzem plural 67% das vezes com palavras conhecidas e apenas 35% com palavras novas; num experimento de compreensão com a mesma faixa etária, Moore (1979) verificou que as crianças associam o /s/ à interpretação de “mais de um” apenas 55% das vezes. Esse número sobe para 80% aos 8;0 anos.

Comparando os resultados de Ferenz e Prasada (2002) e Kouider *et. al.* (2006) com os de Moore (1979), percebemos que as crianças adquirindo o AAVE, cujo *input* é variável, apresentam uma produção também variável e demoram mais para convergir na interpretação do morfema de plural como “mais de um”, confirmando a hipótese de Miller (2007).

Em relação à produção de determinantes, temos que os determinantes indefinidos emergem antes dos definidos; Radford (1990) afirma que esses só surgem na fala infantil a partir dos 3;0 anos.

3.5.2 A Aquisição de Número em Italiano

Ao contrário do que acontece em inglês, Hyams (1986a) afirma que os processos de concordância entre sujeito e verbo e de concordância interna ao DP são produtivos desde cedo em italiano. A autora propõe que existe um parâmetro para a aquisição da morfologia flexional: o parâmetro da raiz, segundo o qual uma raiz verbal constitui uma palavra bem-formada ou não.

De acordo com esse parâmetro, o inglês tomaria o valor positivo, pois as raízes nessa língua podem ser usadas sem nenhum afixo, em sua forma “nua”. Já em italiano, o parâmetro toma o valor oposto, pois todas as formas verbais em todos os tempos e modos requerem um sufixo.

A quantidade de elementos flexionais existente no italiano torna essa língua intuitivamente mais complexa do que o inglês, fato que, por uma questão de lógica, poderia nos levar a crer que o italiano seria uma língua que apresentaria maior dificuldade no que concerne ao domínio da morfologia flexional; no entanto, o que se

observa é que as crianças adquirindo o italiano dominam a morfologia flexional bem mais cedo do que aquelas adquirindo o inglês.

A explicação de Hyams (1986) baseia-se na distinção entre gramática nuclear e gramática periférica:

a morfologia flexional é uma propriedade nuclear do italiano, mas é periférica no inglês. Assim, uma criança adquirindo inglês inicialmente fixa o parâmetro no valor positivo, devendo “relaxar” o parâmetro para acomodar a existência, na língua, de algumas formas flexionadas. (HYAMS, 1986a, apud SIMIONI, 2007, p.132)

Segundo Hyams (1986), essa seria a causa para o atraso na consolidação da gramática-alvo no inglês em comparação ao italiano. Pizzuto e Caselli (1992), analisando três *corpora* abrangendo uma faixa etária entre 1;4 e 3;0 anos, percebem que esses vão de encontro a análise de Hyams (1986), mostrando que a aquisição dos elementos de concordância é lenta e gradual também em italiano, rejeitando assim, uma abordagem paramétrica.

Em relação à concordância entre determinante e nome, as autoras apontam que há um número considerável de omissões (chegando a 81% em alguns casos) e erros na escolha desse elemento (chegando a 13%). Mas conforme afirma Simioni (2007, p.132):

um olhar mais cuidadoso sobre estes trabalhos mostra que há entre 3 e 4% de erros de concordância entre artigo e nome apenas. Inicialmente (até os 2;2, aproximadamente), as crianças por vezes empregam formas subespecificadas (protodeterminantes) ou omitem esses elementos; é justamente durante o período das formas subespecificadas que se observam incongruências na concordância entre artigo e nome. Após esse período, há poucos casos de omissões e erros de concordância. O que se observa é a eventual escolha equivocada do artigo masculino, que conta com três formas no singular e duas no plural, cuja escolha é fonologicamente condicionada; são justamente esses os determinantes que as crianças erram. O artigo feminino *la* e sua forma plural *le*, invariáveis, são adquiridos rapidamente e sem erros. Ou seja: não há problemas com a categoria D e sua representação, tampouco com o estabelecimento da concordância; o que há é a necessidade de aprendizagem lexical das formas masculinas do artigo definido.

3.5.3 A Aquisição de Número em Espanhol

Miller (2007) pesquisou a influência de *input* variável na produção e compreensão do morfema de plural em duas variedades do espanhol, a saber, o espanhol chileno e o espanhol mexicano.

A autora assume uma hipótese baseada no modelo variacional de Yang (2004), no qual um morfema gramatical cujo uso é sujeito a regras inconstantes que por isso são variáveis devido tanto a fatores linguísticos quanto a fatores extralinguísticos e que é ambíguo, envolvendo inclusive uma forma zero, será adquirido mais tarde em relação a uma forma gramatical produzida consistentemente.

A previsão dessa hipótese é que, haverá variação entre as crianças, durante o período de desenvolvimento, dependente da experiência linguística individual.

Segundo Miller (2007), há aspiração e apagamento da coda /s/ em todos os níveis sociais no espanhol caribenho (Cuba, República Dominicana e Porto Rico), no sul da Espanha (região da Andaluzia), nas Ilhas Canárias, no Chile, na Argentina, no Uruguai e Paraguai. Quanto ao espanhol chileno, os experimentos de compreensão realizados por Miller (2007) mostram que, se houver ao menos uma marca de plural no DP, os adultos o interpretarão como plural.

Os resultados quanto à produção mostram que as crianças e os adultos chilenos apresentam produção variável, ao passo que adultos e crianças mexicanas têm produção sistemática do morfema de plural. Não houve diferenças, no espanhol mexicano, relacionadas à classe social; já no Chile, percebeu-se que os adultos e crianças da classe trabalhadora omitem mais o morfema de plural do que os adultos e crianças de classe média. Além disso, as crianças de classe média produzem mais [s] do que as crianças da classe trabalhadora e do que os adultos das duas classes.

Estabelecendo um paralelo entre a produção adulta e infantil, temos que a variação na fala adulta se deve a fatores extralinguísticos como estilo, informação independente de número, como numerais ou quantificadores, categoria sintática e ordem.

A variação observada na fala das crianças da classe trabalhadora é devida apenas pela categoria sintática, como maior omissão do /s/ nos nomes do que em D; já as crianças da classe média têm sua variação influenciada por estilo e informação de número independente.

Por fim, todos os adultos e crianças têm sua produção de [s] vs. [h] influenciada por categoria sintática e estilo, por isso produzem mais [s] nos determinantes e em ocasiões de fala menos coloquiais.

Conclui-se daí que, a variação infantil é diferente da variação adulta, e que a variação entre as crianças também se diferencia, confirmando a previsão feita pela autora.

No que tange à compreensão, as crianças mexicanas aos 5 anos já atingiram a gramática-alvo. As crianças chilenas da classe trabalhadora por sua vez, não associam nem [h] nem [s] à interpretação de “mais de um”, independente do tipo de NP (definido, indefinido, com posse alienável, nomes nus singulares e plurais, etc.).

As crianças chilenas da classe média associam indefinidos plurais a “um”, e evitam o uso de indefinidos ao fazer referência a mais de um elemento (preferem o nome nu plural: *una vaca* vs. *unas vacas / vacas*). Por outro lado, essas crianças associam [s] e [h] à interpretação de “mais de um” em DPs definidos e nomes nus. O problema com os indefinidos pode ser devido à sua semelhança com o numeral “um”.

Finalmente, a quantificação das crianças que associam [s] ou [h] a “mais de um” varia a cada experimento, não sendo possível determinar se uma das duas formas é adquirida primeiro, nem como a criança adquire a aspiração.

Miller (2007) conclui que a variabilidade no *input* envolvendo formas zero de fato causa atraso na compreensão do morfema gramatical, confirmando sua hipótese.

Simioni (2007, p. 183) em nota afirma que o fenômeno do enfraquecimento poderia gerar, em algumas variedades do espanhol, efeitos semelhantes aos observados na aquisição da concordância de número no PB. Miller (2007) não

aponta a existência de ocorrências do tipo Dsg Npl na produção das crianças chilenas; mas, isso não significa que tais ocorrências não existam, pois a faixa etária dos sujeitos que participaram dos experimentos de produção varia entre os 4;5 e os 5;11 anos, idades em que também não se encontra mais ocorrências de padrões agramaticais no PB.

Marrero e Aguirre (2003) analisam 3 *corpora* longitudinais quanto à concordância nominal de número e postulam 3 estágios na aquisição deste fenômeno: um primeiro estágio sem marcação de plural (equivalente ao estágio singular *default* proposto por Lopes (2004, 2006), um estágio de marcação única, em N ou em D, e finalmente o estágio de extensão das marcas, no qual se observa o estabelecimento da concordância de fato.

Simioni (2007) afirma que esses estágios parecem semelhantes aos encontrados no PB, especialmente porque essas autoras admitem que os estágios não são exclusivos, podendo haver o emprego de padrões redundantes durante o segundo estágio. No entanto, uma observação mais atenta dos dados nos mostra que cada uma das crianças tem uma estratégia diferente para codificar plural nos DPs.

As duas crianças de Madrid iniciam marcando número apenas nos nomes: María utiliza a oposição \emptyset /-s, típica da gramática adulta, a partir de 1;9 anos (*a mano / a manos; e mimo / e mimos; ete poquí / ete poquís*).

O sistema de artigos dessa criança é pouco desenvolvido, contando apenas com protoartigos. Magín também começa a marcar plural a partir de 1;9, mas usa a oposição \emptyset / -e(s), ou seja, o alomorfe utilizado para pluralizar nomes terminados em consoante.

Já Idaira, das Ilhas Canárias, começa a marcar plural apenas aos 3;0 anos, e utiliza a oposição singular/plural apenas no artigo; seu sistema de determinantes é o mais desenvolvido dentre as três crianças.

A expectativa de que a criança das Canárias demore mais do que as madrilenhas para convergir na gramática adulta por conta do *input* variável se

confirma, mas María e Magín, por terem um *input* homogêneo quanto à representação de plural e por estarem adquirindo uma língua em que número e gênero são ambos morfemas dissociados, não deveriam produzir padrões agramaticais. Padrões agramaticais nessa variedade do espanhol são tanto as formas Dsg Npl quanto as formas Dpl Nsg;

Aqui vale ressaltar que as expectativas, na verdade, são confirmadas. Segundo as autoras, María entra no estágio de extensão das marcas aos 2;0 anos, e Magín, aos 1;11. No caso de María, entre 1;10 e 2;1 anos diminui consideravelmente o número de omissões de D e, junto com ele, o número de erros de concordância de número entre D e N. Essa criança produz formas agramaticais por um período curto de 3 meses, período em que há a passagem do uso de protoartigos para um sistema de determinantes desenvolvido.

Conforme Simioni (2007), o surgimento de determinantes definidos na fala da criança é um *trigger* para a fixação paramétrica, bem como o aumento da produção de formas redundantes, que também se observa na fala dessa criança. Quanto a Magín, ele produz erros de concordância entre 1;9 e 1;11 anos apenas, estabilizando-se na gramática-alvo a partir dos 2;0 anos.

Ao analisar três *corpora* de crianças adquirindo espanhol, outra autora, Lleó (2006a) traz evidências de que os padrões apresentados pelas duas crianças madrilenhas são resultados de questões fonológicas e não sintáticas. José e María usam o alomorfe – *e(s)*, geralmente sem o –*s*, mesmo tipo de marcação de plural empregado por Magín, no estudo de Miller (2007) para marcar plural nos nomes. Essas duas crianças produzem abaixo do que os contextos obrigatórios exigiriam. Miguel usa a forma –*s*, de acordo com o *input recebido*, pois há mais palavras terminadas em vogal do que em consoante no espanhol.

A partir de 1;10, Miguel produz plurais nos nomes em quase todos os contextos exigidos obrigatoriamente.

Em estudo anterior, Lleó (2003b) evidencia que essas mesmas crianças apresentam padrões diferentes de produção de codas consonantais. As duas primeiras crianças, José e María, produzem menos codas consonantais do que

Miguel. Lleó (2006b) afirma que a produção de codas consonantais surge antes da produção das codas plurais nas três crianças, e os níveis de produção são os iguais, ou seja, as duas crianças que produzem menos plurais também produzem menos codas consonantais em todos os contextos, ao passo que Miguel produz ambos os tipos de coda em altas frequências.

É possível concluir que o desenvolvimento da morfologia depende crucialmente do desenvolvimento fonológico visto que apenas crianças que produzem codas consonantais consistentemente conseguem empregar o /s/ de plural enquanto que as que não o fazem, também expressam concordância de forma restrita, por meio de formas que são reconhecíveis como plurais, mas que não apresentam a forma /s/. E mesmo crianças com produções ricas em codas e formação de plural em nomes isolados podem apresentar problemas com a concordância entre nome e determinante devido a questões fonológicas.

Assim, o estágio de marcação única proposto por Marrero e Aguirre (2003) não tem natureza sintática, mas sim fonológica.

4 A CONCORDÂNCIA NO PROGRAMA MINIMALISTA

4.1 A Concordância na Sentença e no DP

Já vimos que o Programa Minimalista retoma a abordagem P&P, embora busque eliminar da maquinaria todas as redundâncias com o objetivo de construir uma concepção de gramática que apresente as mesmas consequências da Teoria da Regência e Ligação no que se refere à adequação descritiva, o que nos leva a concluir que o PM é estrategicamente impulsionado pelo princípio de *Occam's Razor*, também chamado minimalismo metodológico, que tem como consequência a chamada Tese Minimalista Fraca³². Em contrapartida, a Tese Minimalista Forte (SMT) assume que a FL é uma solução ótima para as condições de legibilidade.

Diante disso, percebe-se a necessidade de procurar as propriedades que a linguagem não deveria ter, ou seja, aquilo que se denominou como imperfeições. Chomsky (1998)³³ toma as imperfeições aparentes como sendo a possibilidade mais interessante.

Os processos do componente fonológico, por exemplo, violam a condição de interpretabilidade (os itens lexicais não devem ter traços além daqueles interpretáveis na interface) e a condição de inclusividade (nenhum traço novo é introduzido pelo sistema computacional). Deixando de lado os problemas trazidos pelo componente fonológico, uma vez que as imperfeições aí observadas provavelmente são motivadas por condições de legibilidade na interface. Todavia, também na sintaxe estrita encontramos duas propriedades tidas como grandes imperfeições: os traços não-interpretáveis dos itens lexicais (cuja existência também viola o requerimento em (1)) e a propriedade de deslocamento. Visto que nenhuma delas aparece em outros sistemas simbólicos (p. ex. linguagens de programação), podemos suspeitar que tenham a ver com condições de legibilidade impostas pelas interfaces, sendo, portanto, imperfeições aparentes, desenhadas, na verdade, para satisfazer requerimentos externos à FL. (SIMIONI, 2007, p. 58-59)

O PM, então, procura responder de que forma essas imperfeições fazem parte do mesmo objeto. No capítulo 4 do PM Chomsky (1995) apresenta a operação *Move F*, na qual todo movimento tem como alvo apenas traços formais de acordo com os quais, os traços movidos se adjungem ao núcleo atrator, formando uma cadeia constituída pelo conjunto de traços formais (F[FF]) e seu vestígio.

³² WMT, do inglês *weak minimalist thesis*.

³³ As imperfeições podem ser assim enumeradas: propriedades como imperfeições de fato e como não sendo propriedades reais da linguagem. Para mais detalhes confira SIMIONI (2007) e CHOMSKY (1998).

Entretanto, conforme bem assinala Simioni (2007), o que se observa muitas vezes é o deslocamento de todos os traços do item lexical, ou mesmo da categoria mínima que o contém. Chomsky (1995, p. 262-265) ressalta que o *pied-piping* dos demais traços ocorre por requerimentos morfofonológicos da interface PF³⁴. A solução apresentada (a opção ótima) é adjunção do item lexical ou categoria movida ao núcleo atrator.

A abordagem de *Move F*, assim como a operação *Agree* também é lexicalista, ou seja, todos os itens lexicais entram na derivação com seus traços especificados, e a existência dos movimentos se justifica para viabilizar a checagem e apagamento dos traços não-interpretáveis dos itens lexicais.

O mecanismo de concordância proposto por Chomsky (1998) para o nível da sentença consiste na operação *Agree*,³⁵ na qual uma sonda (*Probe*) com traços- Φ não interpretáveis ([u]) checa seus traços contra um alvo (*Goal*) com traços- Φ interpretáveis ([i]).³⁶

Os traços- Φ são traços formais (pessoa, número e gênero) não-interpretáveis nas categorias funcionais, das quais devem ser eliminados antes do momento em que a derivação é enviada para os níveis de interface, ou seja, *Spell-out*, como vimos anteriormente.

A operação *Agree* permite, através da checagem de traços, o apagamento (*erasure*) dos traços não-interpretáveis da sonda e do traço não-interpretável de Caso do alvo, evitando que a derivação imploda (*crash*) em LF.

As condições para que *Agree* aconteça são as seguintes:

a sonda α deve possuir traços- Φ não-interpretáveis e c-comandar o alvo β (o alvo deve estar no domínio de complemento da sonda); os traços de sonda e alvo tem que combinar (deve haver identidade); não deve haver um alvo alternativo γ tal que α -comande γ e γ c-comande β ; e, finalmente, o alvo β deve estar ativo para o sistema, isto é, deve possuir um traço não interpretável de Caso a ser checado. Ao ser inserida na derivação, a sonda α sonda seu domínio de complemento em busca de um elemento nominal β ativo; ao encontrá-lo, α entra em relação de *Agree* com β , checando e

³⁴ A teoria ainda precisa explicar quais são esses requerimentos.

³⁵ Discutida rapidamente na seção 2.4.1

³⁶ Na verdade, a ideia é que os traços não-interpretáveis não desaparecem da computação, mas sim se tornam invisíveis nas interfaces.

apagando seus traços não-interpretáveis; ao mesmo tempo, α checa e apaga o traço de Caso de β , que é não-interpretável e também deve ser eliminado antes de *Spell-out*. (SIMIONI, 2007, p.118).

Chomsky (1995) e obras posteriores propõe a existência de dois mecanismos de concordância: *Agree* e *Concord*. *Agree* seria a concordância descrita acima, no nível da sentença³⁷, enquanto *Concord* funcionaria, via *Merge*, apenas no nível do sintagma.

Chomsky (1995) não entra em detalhes sobre o funcionamento de *Concord*, mas, segundo Simioni (2007), parece claro que ele não toma este mecanismo como uma operação sintática *strictu sensu*, e sim como um mecanismo morfológico de concordância. Além disso, Chomsky (1995) assume que os traços- Φ são interpretáveis em N (como dito anteriormente), dessa forma, a concordância no DP aparece sobre modificadores e D, mas é N que rege essa concordância.

Reproduzimos agora um exemplo de como o modelo funcionaria, segundo Frampton e Gutmann (2000a) no qual são discutidas duas incoerências nas análises do islandês apresentadas em *Derivation by Phase* (DbP), a saber a (não) valoração do traço não-interpretável de pessoa do expletivo *there* (2a) e a (não) valoração de Caso nos participios (2b).

Tabela 6 - Modelo de Frampton e Gutmann (Continua)

(2) a. Max expected <i>there</i> to be killed(acc, sg) someone(acc)			
a1. [PRT		[kill someone]]	
Num []		Num [sg]	
Case []		Per [3]	
		Case []	
a2. [PRT		[kill someone]]	
Num [sg]		Num [sg]	
Case []		Per [3]	
		Case []	
a3. [Tr	[be	[PRT	[kill someone]]]]
Per []		Num [sg]	Num [sg]
EPP []		Case []	Per [3]
			Case []

³⁷ Confira as próximas seções para mais detalhes.

Tabela 6 - Modelo de Frampton e Gutmann (Conclusão)

a4. [there Per []	Tr Per [] EPP [√]	[be	[PRT Num [sg] Case []	[kill someone]]]]	Num [sg] Per [3] Case []
a5. [Max Per [3] Num [sg] Case []	v* Per [] Num []	[expect [there Per []	Tr Per [3] EPP [√]	[be [PRT Num [sg] Case []	[kill someone]]]]]]]] Per [3] Num [sg] Case []
a6. [Max Per [3] Num [sg] Case []	v* Per [] Num []	[expect [there Per []	Tr Per [3] EPP [√]	[be [PRT Num [sg] Case [acc]	[kill someone]]]]]]]] Per [3] Num [sg] Case []
a7. [Max Per [3] Num [sg] Case []	v* Per [3] Num [sg]	[expect [there Per []	Tr Per [3] EPP [√]	[be [PRT Num [sg] Case [acc]	[kill someone]]]]]]]] Per [3] Num [sg] Case [acc]
b. Max expected someone(acc) to be killed(acc, sg)					
b1. [someone Per [3] Num [sg] Case []	Tr Per [3] EPP [√]	[be	[PRT Num [sg] Case []	[kill someonei]]]]]]	
b2. [v* [expect Per [] Num [] Case []	[someone Per [3] Num [sg]	Tr Per [3] EPP [√]	[be [PRT Num [sg] Case []	[kill someonei]]]]]]]]	
b3. [v* [expect Per [3] Num [sg]	[someone Per [3] Num [sg] Case [acc]	Tr Per [3] EPP [√]	[be [PRT Num [sg] Case []	[kill someonei]]]]]]]]	

Fonte: Frampton; Gutmann, (2000a).

No exemplo (2a), temos em (2a1) que o particípio tem condições de sondar. Ao fazê-lo, encontra *someone*; como ambos estão ativos para o sistema, o traço de número do PRT é valorado, gerando (2a2).

A derivação segue até o ponto (2a3). Ai, temos a entrada na derivação de Tr, que é o T das construções de alçamento.⁶⁰ Tr sonda seu domínio de complemento e encontra *someone*, cujos traços combinam com os da sonda. Entretanto, visto que há na Numeração um expletivo *there*, o sistema prefere fazer o *Merge* deste, pois a operação *Merge* é menos complexa do que a operação *Move*, que moveria *someone* para o especificador de Tr para satisfazer o EPP deste. O expletivo *there* possui apenas um traço [u] de pessoa, que não é valorado, a exemplo do traço de pessoa de Tr, visto que ambos os traços são [u]. O resultado é o mostrado em (2a4).

Tr ainda possui um traço de pessoa não-valorado, portanto segue sondando. Encontra então *someone*, com o qual entra em relação de *Agree*, valorando finalmente seu traço de pessoa. A seguir, entram na derivação *expect* e v^* , que possui traços- ϕ [u].

Este último seleciona *Max* da Numeração, gerando (2a5). Depois disso, v^* sonda seu domínio de complemento e entra em relação de *Agree* com o expletivo; todavia, os traços de pessoa de ambos permanecem não-valorados. A sondagem continua até v^* encontrar o PRT;62 v^* valora o traço de Caso63 do PRT, mas este não é capaz de valorar o traço de número de v^* , pois não é ϕ -completo. Temos então (2a6). Em (2a7) vemos que v^* continua sondando, pois ainda possui traços não-valorados.

Esta sondagem é possível porque o PRT também é defeutivo, não gerando efeitos de interveniência. Finalmente, v^* encontra *someone*, com o qual estabelece *Agree*, valorando seus traços- ϕ e o traço de Caso do elemento nominal.64 O problema desse exemplo é justamente o fato de que o expletivo *there* permanece com seu traço de pessoa não-valorado, o que deveria causar a implosão da derivação (fato não observado em islandês, em que a sentença (2a) é considerada boa).

Já em (2b), temos que a derivação corre de forma idêntica à de (2a) até o ponto em que Tr entra na derivação e sonda seu domínio de complemento (2a3). Não há nesse caso um expletivo na Numeração, devendo o EPP de Tr ser satisfeito via *Move*, gerando (2b1). A derivação segue até a entrada de v^* , conforme (2b2). Em (2b3), temos que v^* deve sondar seu domínio de complemento para satisfazer seus traços- ϕ . De acordo com a formulação do *Minimal Link Condition* (MLC) em Chomsky (1999), v^* deve primeiro entrar em relação de *Agree* com *someone*. Assim, os traços- ϕ de v^* e o Caso de *someone* são valorados, gerando (2b3). Após esta operação, v^* fica inativo, restando a ser valorado o traço de Caso do PRT. Em islandês, o que se observa é que este participio aparece com marca morfológica de Caso acusativo.

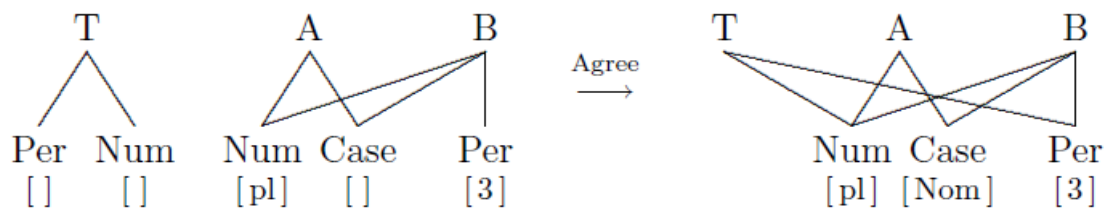
Em Frampton e Gutmann (2000a), a solução apresentada para estes dois problemas reside num princípio de transitividade de concordância- ϕ ; colocando de maneira informal: se α concorda com β e β concorda com γ , então α concorda com γ . No entanto, os autores afirmam que a incorporação de tal princípio requer a invenção de novos mecanismos, pois é necessário especificar como a derivação registra em sua memória os pares de núcleos que entraram em relação de *Agree*. Além disso, também é preciso especificar de que forma tal registro é utilizado a cada estágio da derivação para induzir a valoração que está implicada na noção de transitividade.

A partir destas idéias, Frampton e Gutmann (2000a) apresentam uma proposta que consiste na visão de que a valoração de traços (Chomsky, 1999) é mais bem entendida como compartilhamento de traços: em lugar de um traço valorado dando seu valor a um não-valorado, ocorrerá o compartilhamento de um mesmo traço entre dois terminais sintáticos. (SIMIONI, 2007, p. 63-65)

Chomsky (1999) propõe uma alteração na operação *Agree*. Agora a interpretabilidade dos traços é determinada já no léxico, com distinção de valores: traços não-interpretáveis entram na derivação sem valor especificado, enquanto os traços interpretáveis entram com valores especificados. A operação *Agree* valora e apaga os traços não-interpretáveis da sonda e o Caso do alvo.

A proposta de Frampton; Gutmann (2000a) para a operação *Agree* mantém algumas características da proposta de Chomsky (1999) conforme apresentada acima, ao mesmo tempo em que traz reestruturações interessantes.

Uma dessas modificações se refere à noção de valor, visto que ao invés de um traço valorado atribuir esse traço a uma contraparte não valorada, a concordância deve ser realizada através do compartilhamento de traços, conforme percebemos no exemplo abaixo:



Na configuração acima apresentada, percebemos a ideia de que dois nós terminais A e B entram em relação de concordância com o nó sintático terminal T, sendo que este último nó possui traço de Caso especificado como Nominativo. No momento em que *Agree* se estabelece, esses três nós sintáticos passa a compartilhar as especificações que antes pertenciam a um único nó sintático, ou seja, todos partilham os mesmos valores de um determinado traço.

A partir dessa visão, os autores passam em revista a proposta apresentada anteriormente em *Cyclic Computation* (FRAMPTON; GUTMANN, 1999) visando a um enxugamento na maquinaria de análise e na computação do modelo.

Frampton; Gutmann (1999), então, apresentam alguns problemas do ponto de vista técnico que emergem da análise da concordância em construções participiais do inglês, consoante a proposta de valoração de traço apresentada por Chomsky (1998), como bem mostra o exemplo abaixo:

There were women in the room.

1.		T	be	women	in the room
		Per[]		Per[3]	
		Num[]		Num[pl]	
				Case[]	
2.	there	T	be	women	in the room
	Per[]	Per[]		Per[3]	
		Num[]		Num[pl]	
				Case[]	
3.	there	T	be	women	in the room
	Per[]	Per[3]		Per[3]	
		Num[pl]		Num[pl]	
				Case[nom]	

Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p.3

Observa-se na fase 3, que o mecanismo de valoração não foi suficiente para valorar o traço de pessoa do expletivo *there*, ou seja, não foi capaz de atender os requisitos propostos pela operação *Agree*, a saber, o fato de que todos os traços não-valorados devem ser checados e eliminados para que a derivação possa se apresentar como sendo uma derivação convergente e dessa forma atender ao *Princípio de Interpretação Plena*.

Diante disso, Frampton; Gutmann (2000a) apresentam uma crítica à solução esboçada por Chomsky (1995), na qual o traço não interpretável de pessoa em *there* teria de ser valorado através da valoração do traço de pessoa em T. De fato, o que pode ser observado é que, ainda que implicitamente, há um compartilhamento de traço de pessoa entre *woman*, T e *there*.

Como solução, os autores argumentam que a proposta de *Feature Sharing*, por considerar que a ideia de Memória derivacional, mostra-se satisfatória. O questionamento feito pelos autores pode ser resumido na seguinte questão: de que maneira *Agree* é recordada? Diante disso, os autores propõem que dois traços são importantes para o sistema de caso e de concordância sintática discutidos mais abaixo.

Os autores ainda procuram especificar a noção de traços assumida por eles, se questionando se um traço da mesma natureza teria o mesmo valor em nós sintáticos diferentes. Através da representação abaixo, Frampton; Gutmann (2000a) se questionam se os dois símbolos “Num” apresentam a mesma propriedade nos dois nós específicos.

$$\{\text{Num}, \dots\}, \quad \{\text{Num}, \dots\}$$

Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p. 3

Os autores respondem que pode haver distinções para um mesmo traço, mas que mesmo assim, dois nós sintáticos terminais diferentes podem incluir um mesmo traço, conforme se observa na representação abaixo:

a.

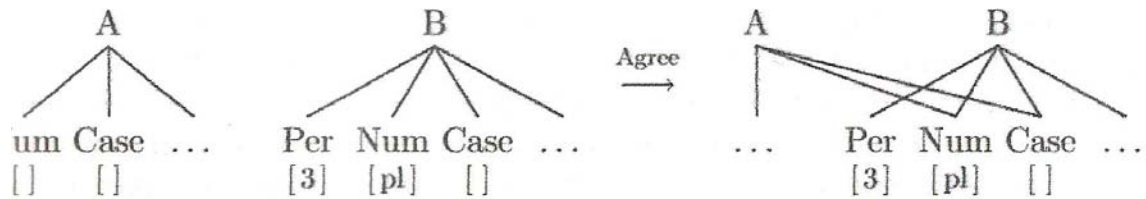
$$\{\text{Num}_1, \text{Case}_2, \dots\}, \quad \{\text{Per}_3, \text{Num}_4, \text{Case}_5, \dots\}$$

b.

$$\{\text{Num}_6, \text{Case}_7, \dots\}, \quad \{\text{Per}_3, \text{Num}_6, \text{Case}_7, \dots\}$$

Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p. 4

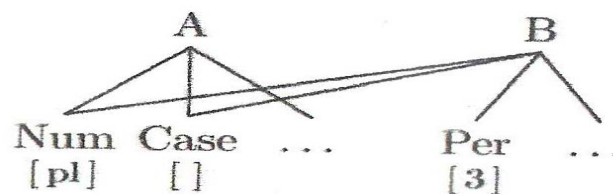
Frampton; Gutmann (2000) apresentam um conceito de concordância sintática no qual dois nós terminais distintos incluem um mesmo traço. De acordo com essa perspectiva, *Agree* implica compartilhamento de traços; traços interpretáveis ou não-interpretáveis que combinam (*matching features*) se juntam em um único traço compartilhado, que é valorado se um dos traços combinados tiver valor. Essa idéia substitui aquela em que um traço valorado dá seu valor a uma contraparte não valorada. Outro ponto é que traços não-interpretáveis se juntam tanto quanto traços não-interpretáveis e interpretáveis. A seguir apresentamos uma representação que bem resume o que foi dito anteriormente.



Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p. 4

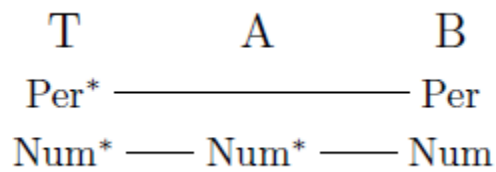
Percebemos do esquema acima o compartilhamento dos traços de número e Caso entre A e B. Visualizamos que os traços de Caso não estão valorados nem em A, nem em B, no entanto eles se juntam em um único traço, compartilhado entre os dois nódulos.

Outro detalhe que diferencia da proposta original é que traços [u] se juntam tanto quanto um traço [u] e um [i]; a operação *Agree* é induzida por traços [u] e é cega aos valores dos traços. Apresentamos outra forma mais simples, também trazida pelos autores:



Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p. 5.

Frampton e Gutmann (2000a) afirmam haver dois tipos de traços relevantes para o estabelecimento da concordância sintática: traços- $\bar{\sigma}$ e traços- Φ ; elementos N vêm do léxico com seus traços- $\bar{\sigma}$ e traços- Φ valorados, enquanto os atribuidores de Caso vêm sem valor. Afirmam ainda, não haver indicação direta de Caso na sintaxe; Caso é atribuído após a sintaxe, com base no compartilhamento de traços: nominais recebem marcação de Caso porque compartilham um traço- Φ com um atribuidor de Caso. O requerimento de que um nominal seja marcado para Caso é, portanto, morfológico. O resultado disso é a configuração seguinte:



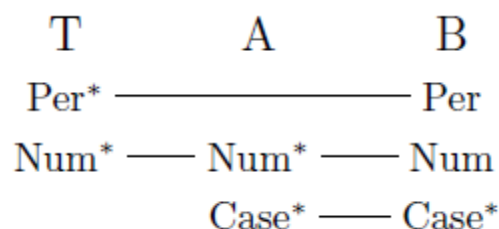
Fonte: Frampton; Gutmann, 2000a, p.6.

Segundo este modelo uma derivação ocorre da seguinte maneira: a operação *Select* introduz os núcleos (*pivot*) na sintaxe; logo após, a operação *Attract* satisfaz os traços [u] do *pivot* conduzindo uma busca *top-down* e uma busca externa para o caso de a primeira não funcionar; as operações *Select* e *Attract* de cada *pivot* constituem um ciclo. O efeito de interveniência é traduzido nos seguintes termos: a busca *top-down* não continua após o encontro de um *matching feature*, mesmo que este seja [u].³⁸

Os autores propõem ainda a existência de núcleos-TE (*TE-heads*), que desempenhariam um papel na atribuição de Caso e na visibilidade dos argumentos para o componente interpretativo. Outra noção fundamental para essa proposta é a noção de cadeia.

Frampton e Gutmann (2000a) formulam uma condição sobre cadeias que diz que cada cadeia- $\bar{\sigma}$ deve ser encabeçada por um núcleo-TE e cada núcleo-TE deve ser a cabeça de uma cadeia- $\bar{\sigma}$.

Como representação final de todo mecanismo de compartilhamento, contendo todas as informações nele contidas, os autores ainda apresentam a seguinte representação:



Fonte: Frampton; Gutmann, 2000, p.5.

³⁸ Para mais detalhes cf. SIMIONI, 2007. Ou ainda a obra original dos autores Frampton; Gutmann (2000a). A obra está em inglês.

4.2 A Concordância e a Estrutura do DP

Além da concordância que se estabelece entre sujeito e verbo e objeto e verbo, há também relações de concordância que se estabelecem entre determinantes, modificadores e nome dentro do DP e que segundo Chomsky (1998, 1999) é controlada pelos traços do nome.

Os primeiros trabalhos a estudarem a concordância nominal, ou seja, aquela que se manifesta entre os elementos do DP, preocuparam-se basicamente na explicação da realização de gênero e número no nome e não exatamente em fazer uma descrição da concordância entre nome e determinante.³⁹ Diante disso, pode-se afirmar que a descrição da concordância nominal feita nos primeiros momentos seguiu os mesmos passos que nortearam a descrição da concordância verbal supracitada.

Sendo assim, a concordância nominal passou também a ser entendida como o resultado de operações de movimento de núcleos lexicais para núcleos funcionais, onde receberiam a flexão correspondente aos traços de gênero e número.

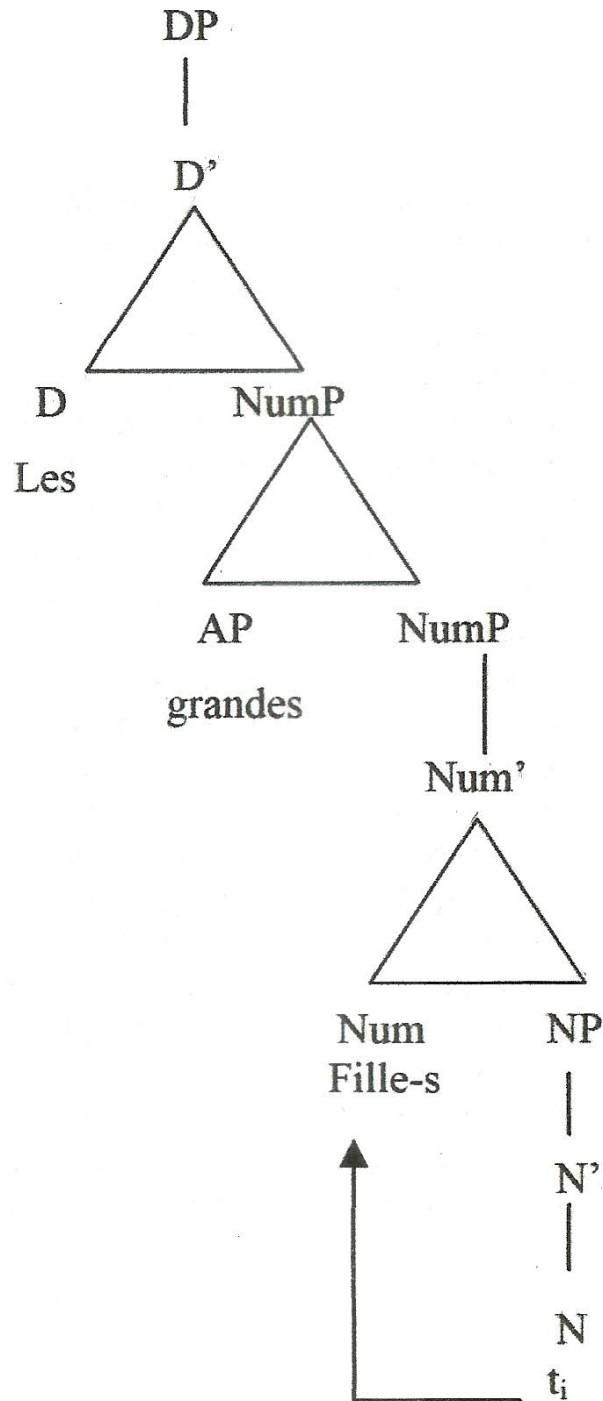
A estrutura do DP assumida por estes trabalhos pressupunha a existência de núcleos sintáticos responsáveis pela atribuição de valores de traços de gênero e número dentro do DP. Estes núcleos seriam projeções dos traços de gênero e número, constituindo as categorias funcionais GenP e NumP.

O que se pode observar do exposto acima é que essas concepções acabam por marcar uma diferenciação entre os momentos anteriores da teoria gerativa e os que seriam propostos a partir daí, considerando em especial aspectos relacionados à caracterização do número gramatical, pois esse passa a ser visto como uma categoria funcional resultante de uma projeção sintática e não apenas como um traço formal.

Bernstein (1991) utilizando dados do francês e do valão, estudou basicamente a manifestação de concordância entre adjetivos e nomes, propondo um movimento

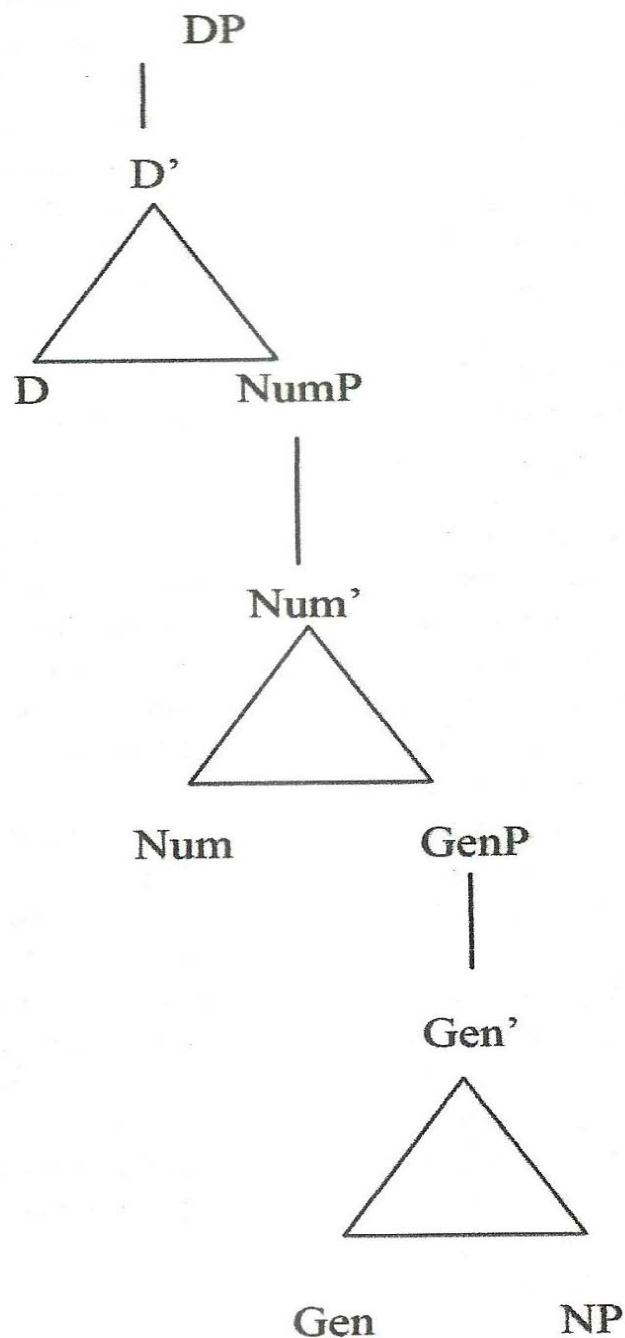
³⁹ Cf. NAME, 2002.

de NP para núcleos funcionais presentes dentro do DP para dar conta da marcação de número. A configuração abaixo retrata bem a proposta do autor:



Faz-se importante ressaltar que, de acordo com a proposta do autor, a categoria funcional NumP aparece como sendo adjunto de AP, sendo este AP um especificador da NumP. O NP é elevado a NumP e recebe número.

Outra proposta com base na concordância no DP foi apresentada por Picallo (1991) na qual a concordância consistiria em inserir o nome na derivação sem marcas de gênero e número para depois elevá-lo até GenP⁴⁰. Logo após haveria outro movimento do nome para NumP recebendo conseqüentemente o número. O que aparece de novo nessa proposta é o tratamento dado ao gênero, concebido como uma categoria funcional, diferente de outras propostas, como podemos observar abaixo:



⁴⁰ Núcleo responsável pela marcação de gênero.

Diversamente da concepção de Picallo (1991), Ritter (1993) afirmam que somente o número pode ser considerado uma categoria funcional, NumP, sendo atribuído ao Nome no curso da derivação, com o movimento do nome para esta projeção. O gênero, contudo, continua sendo tratado como um traço formal, sendo atribuído ao nome em um dos núcleos do NP. Esse estudo se baseou em dados do hebraico, comparados ao de línguas românicas.

De acordo com Name (2002) a idéia de Picallo (1991) só se realizaria satisfatoriamente se aplicada aos nomes com traço de gênero opcional, fracassando no caso dos nomes com traço de gênero intrínseco, uma vez que sua concepção faz supor que um nome como *mesa* deveria ser alçado para GenP para receber gênero, mesmo sendo este um traço já especificado na entrada lexical de *mesa*.

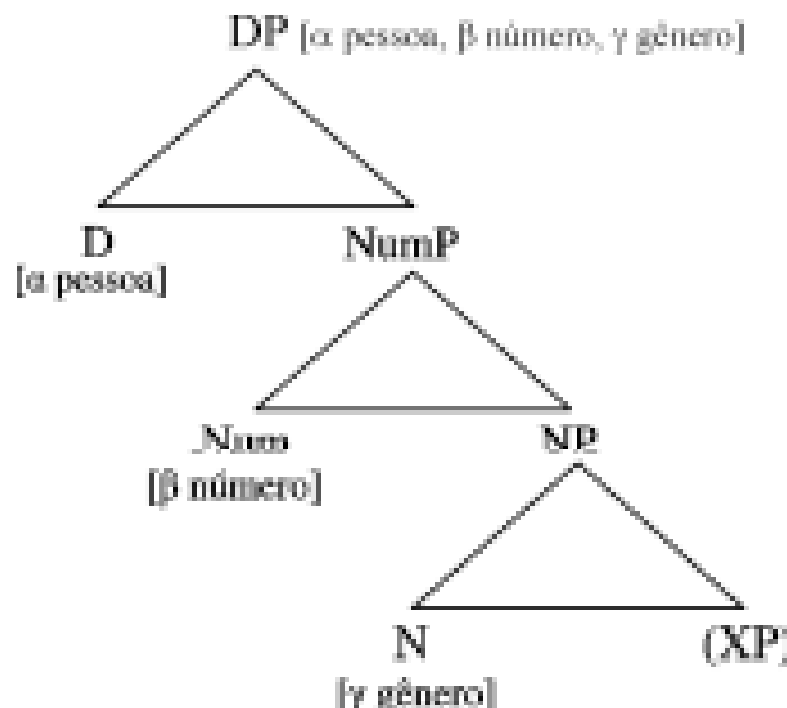
Na Teoria de Checagem proposta (CHOMSKY, 1995), as relações de checagem ocorrem entre núcleo e especificadores. Para checar seus traços [-interpretável], um elemento de uma categoria funcional atrai o núcleo de uma categoria lexical no seu domínio. O núcleo se move para a posição Spec da categoria funcional, checando seus traços [+interpretável] com os traços da outra categoria, que são posteriormente apagados.

Uma forma diferente desta operação de checagem é a que acontece entre Determinante e Nome, ou seja, entre núcleo e complemento. Chomsky (1995) a chama de *Concord* (já citado anteriormente) para separar a concordância com movimento (*Agree*), da concordância que envolve somente concatenação (*merge*), com checagem de traços *in situ*, ou seja, sem alçamento do Nome para uma posição de especificador.

Carstens (2000) afirma que esta operação de checagem entre Determinante e Nome aconteceria diferentemente. Ela assume um nível intermediário entre NP e DP, o NumP, que seria uma projeção do número (Num) na sintaxe. A categoria lexical D teria traços interpretáveis de pessoa e não-interpretáveis de gênero e número; Num, por sua vez, teria traço interpretável de número e N teria traço interpretável de gênero. O traço não-interpretável de gênero de D motivaria o alçamento de N, que seria alçado primeiramente para NumP, onde receberia número, e, em seguida, para D. N seria adjungido a D.

Vale ressaltar mais uma vez que proposta de Carstens (2000) fornece interessantes modificações das formulações iniciais de Chomsky (1995). A mais notável delas é aquilo que foi anteriormente citado de forma indireta, a saber, a criação de uma categoria funcional para o número, o qual, segundo esta concepção, sairia do léxico deixando de ser tratado como um traço formal presente na entrada lexical do nome para ser incluído na sintaxe como uma projeção.

Observemos abaixo a estrutura do DP proposta por Carstens (2000, p. 328)



Fonte: Carstens, 2000, p. 328.

Magalhães (2004) propõe um mesmo mecanismo de concordância para os níveis da sentença e do DP, a saber, a operação *Agree*. A autora retoma o trabalho de Chomsky (1999) sobre a valoração de traços em construções participiais e propõe que “a valoração dos traços formais do DP se dá da seguinte maneira: primeiro, os traços- ϕ dos concordantes são valorados entre eles e em seguida, o DP tem seu caso valorado por uma sonda” (MAGALHÃES, 2004, p.156).

Além disso, Magalhães (2004) apresenta uma novidade ao discutir em que núcleo do DP o traço de número seria interpretável. Baseada em Abney (1987); Olsen (1989) e Longobardi (1994), a autora afirma que há evidências de que o traço de número seja interpretável nos determinantes, contrariamente à hipótese de

Chomsky (1999) segundo a qual, conforme já dito anteriormente, o traço de número é interpretável nos nomes.

A partir da proposta do DP apresentada por Abney (1987); Magalhães (2004) hipotetiza que D tenha traço interpretável de número e não-interpretável de gênero. Todos os outros constituintes do sintagma teriam traços não-interpretáveis.

A autora ainda afirma que mesmo em línguas em que o morfema de número apareça apenas no nome como é o caso do inglês, há evidências de que o traço seja interpretável no determinante.

É importante ressaltar que esta autora não assume a projeção Num como o núcleo de uma categoria funcional independente, conforme podemos perceber a partir da estrutura a seguir (MAGALHÃES, 2004, p. 159):

Tabela 7 - Modelo de Magalhães, 2004 (Continua)

(15) As casas vermelhas			
(a) vermelhas casas [-n/-g/-K] [-n/+g/+p/-K]			
(b) vermelhas casas [-n/+g/-K] [-n/+g/+p/-K]			
(c) D	vermelhas	casas	
[+n/-g/-K]	[-n/+g/-K]	[-n/+g/+p/-K]	
(d) D vermelhas casas [+n/-g/-K] [+n/+g/-K] [-n/+g/+p/-K]			
(e) D vermelhas casas [+n/-g/-K] [+n/+g/-K] [-n/+g/+p/-K]			
(f) D vermelhas casas [+n/+g/-K] [+n/+g/-K] [+n/+g/+p/-K]			
(g) T D vermelhas casas [-n/-p] [+n/+g/-K] [+n/+g/-K] [+n/+g/+p/-K]			

Tabela 7 - Magalhães, 2004 (Conclusão)

(h) T	D	vermelhas	casas
[+n/-p]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/-K]	[+n/+g/+p/-K]
(i) T	D	vermelhas	casas
[+n/-p]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/-K]	[+n/+g/+p/-K]
(j) T	D	vermelhas	casas
[+n/-p]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/+p/-K]
(k) T	D	vermelhas	casas
[+n/-p]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/+p/-K]
(l) T	D	vermelhas	casas
[+n/+p]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/NOM]	[+n/+g/+p/NOM]

Fonte: Magalhães (2004 apud SIMIONI, 2007, p. 77).

Analisando a estrutura acima, podemos perceber que em (a), o nome *casas* entra na derivação com seus traços de número e Caso não valorados, enquanto o adjetivo *vermelhas* entra na derivação com todos os seus traços não valorados.

Em (b), *vermelhas* sonda e entra em relação de *Agree* com *casas*, valorando seu traço de gênero. Em (c), vemos que D entra na derivação, sonda e entra em relação de *Agree* com *vermelhas*, valorando o traço de número do último, mas não o traço de gênero de D; isso faz com que D sonde *casas* (passo (e)), valorando seu traço de gênero e o traço de número do alvo. Por fim, uma sonda T entra na derivação e sonda cada um dos elementos do DP, valorando os traços de Caso dos mesmos. Ao sondar D (g), a sonda T valora seu traço de número e ao sondar *casas* (k), seu traço de pessoa.

A análise de Magalhães (2004) parece dar conta dos dados. No entanto, Simioni (2007) afirma que a ordem linear do adjetivo não corresponde à ordem observada no PB e ainda o fato de a marca morfológica de número ser expressa em N no inglês parece representar um problema, pois Magalhães (2004) associa a interpretabilidade do traço ao núcleo em que a marca morfológica é realizada, conforme também assumimos aqui.

Uma possível solução para esse impasse seria a suposição de que em línguas como o inglês haveria um morfema zero de plural no determinante, levando em conta o caso dos determinantes demonstrativos *these*, *those* em que há marca de plural manifestada morfologicamente. Ou ainda, pode-se pensar que a língua não forneça os meios para que o plural seja expresso em D (exceto no caso dos demonstrativos), e isso faz com que a marca apareça sobre outro elemento que compartilha o traço de número com a categoria em que esse traço seria interpretável, em D.

5 METODOLOGIA

O método de coleta utilizado nesta dissertação se caracteriza pela observação espontânea, longitudinal e naturalista. A escolha desse procedimento se deve principalmente ao fato de que a intenção era que a criança se sentisse à vontade de modo que sua produção linguística se desse da forma mais natural possível, por isso não contou com nenhum meio de elicitación para a produção de DPs.

A decisão sobre esse tipo de procedimento foi baseada em outros trabalhos que assim também o fizeram como Simões (2005, 2006); Magalhães (2006); Simioni (2006, 2007), dentre outros. As gravações foram feitas em ambiente familiar à criança, em sua casa, em situação de interação com um familiar, geralmente a mãe e outras crianças. As atividades contavam com ações de contação de histórias pela criança com o auxílio de livros de historinhas ou com objetos que inspirassem as histórias da criança e ainda diálogos com a mãe ou durante a realização de tarefas do cotidiano, como as refeições, banho e outras coisas. Os dados foram gravados em vídeo pela Prof^a Dr^a Cláudia Roberta Tavares durante os anos de 2005 e 2006.

Posteriormente, esses dados foram convertidos pelo autor deste trabalho em dados apenas de áudio através do programa “Any Audio Converter” em arquivo MP3 para que fosse feita a transcrição ortográfica. Cada arquivo corresponde à transcrição integral de todas as sessões. Cada sessão tem duração que varia de trinta a sessenta minutos. O intervalo correspondente a cada sessão varia de 7 (sete) a 15 (quinze) dias de acordo com a disponibilidade da família, com exceção das últimas sessões de A. que tiveram de ser interrompidas devido a uma viagem de férias feita por sua família, e das sessões 2 (dois) e 3 (três) de G que aconteceram em um intervalo de aproximadamente 3 (três) meses. Segue abaixo duas tabelas sumárias com as informações relacionadas às datas das gravações.

Tabela 8 – Sessões da Criança A.

SESSÃO	DATA
1ª sessão:	27/08/05
2ª sessão:	10/09/05
3ª sessão:	08/10/05
4ª sessão:	22/10/05
5ª sessão:	12/11/05
6ª sessão:	19/11/05
7ª sessão:	26/11/05
8ª sessão:	10/12/05
9ª sessão:	27/05/06
10ª sessão:	03/06/06
11ª sessão:	??
12ª sessão:	??

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Tabela 9 – Sessões da Criança G.

SESSÃO	DATA
1ª sessão:	03/09/05
2ª sessão:	18/09/05
3ª sessão:	03/12/05
4ª sessão:	10/12/05
5ª sessão:	17/12/05
6ª sessão:	24/12/05
7ª sessão:	31/12/05
8ª sessão:	03/01/06
9ª sessão:	10/01/06
10ª sessão:	17/01/06
11ª sessão:	24/01/06
12ª sessão:	31/01/06

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

5.1 Caracterização do *Corpus*

O *corpus* deste trabalho é composto por duas crianças da cidade de Maceió-AL, uma do sexo masculino com idade de 2;11 e outra do sexo feminino com idade de 3;5. Observemos as tabelas a seguir para melhor entendimento do *corpus*.

Tabela 10 - Dados de A.

CRIANÇA	IDADE	SEXO	Nº DE ARQUIVOS
A	3;5 até 4;5	FEMININO	12

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Tabela 11 - Dados de G.

CRIANÇA	IDADE	SEXO	Nº DE ARQUIVOS
G.	2;11 até 3;4	MASCULINO	12

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Durante as gravações, a criança A. estava cursando o Maternal II. Filha de pai não-universitário e mãe universitária; residia⁴¹ com mais cinco pessoas e se mostrava muito interessada pela leitura, principalmente por histórias bíblicas, uma vez que sua mãe pertencia a uma religião protestante. A. já utilizava os meios de comunicação como revista, TV e internet e costumava ouvir histórias contadas pelos pais e sempre brincava com outras crianças.

A criança G. cursava o Maternal. Durante as gravações, seu pai não cursava nenhuma graduação, sua mãe era mestranda no curso de geografia e atuava como professora. Moravam com a criança mais três pessoas e G. também se mostrava interessada pela leitura⁴². Utilizava também o rádio, revista e TV como meios de comunicação. Também costumava ouvir histórias contadas ou lidas pelos pais. Costumava sempre brincar com outras crianças. Abaixo segue duas tabelas com os dados sociais de cada criança.

⁴¹ O uso do verbo no passado se justifica pelo fato de que estamos nos referindo à época da gravação dos dados. Como não temos informações da vida atual das crianças, preferimos fazer uso desse tempo verbal.

⁴² Essas informações constam na ficha social preenchida pelos pais das crianças, mas com relação ao gosto pela leitura, esse fato pode ser comprovado pelos vídeos.

Tabela 12 – Quadro Social de A.

CRIANÇA A.	
DATA DE NASCIMENTO	11/03/2002
NATURALIDADE	MACEIÓ-ALAGOAS
LOCAL DE COLETA	MACEIÓ
CLASSE SOCIAL	MÉDIA BAIXA

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Tabela 13 - Quadro Social de G.

CRIANÇA G.	
DATA DE NASCIMENTO	11/09/2002
NATURALIDADE	MACEIÓ-ALAGOAS
LOCAL DE COLETA	MACEIÓ
CLASSE SOCIAL	MÉDIA

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

5.2 Codificação dos Dados

Para codificação, quantificação e análise dos dados transcritos utilizamos o Programa Microsoft Excel 2007. Os dados foram tabulados em planilhas para realizarmos as análises estatísticas pertinentes.

A análise das gravações teve como objetivo encontrar exemplos de formas flexionadas em número e de concordância entre os elementos do DP na fala das duas crianças, buscando base empírica para a hipótese que norteia este trabalho. Procuramos ainda exemplos de concordância entre determinante e nome e ainda outras manifestações linguísticas que possam indicar aspectos relacionados a número. Nos dados foram encontrados quatro “variações” na produção de DPs pelas crianças, conforme o quadro abaixo:

TABELA 14 - Estrutura de Dps

ESTRUTURA	EXEMPLO
Determinante singular e Nome singular	O LIVRO DO JOÃO
Determinante singular e Nome plural	O LIVROS DO JOÃO
Determinante plural e Nome plural	OS LIVROS DO JOÃO
Determinante plural e Nome singular	OS LIVRO DO JOÃO

Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Como apresentado na metodologia, a coleta de dados aconteceu com duas crianças da cidade de Maceió, uma do sexo masculino e uma do sexo feminino cada uma com idades entre 2;11 - 3;4 e 3;5 - 4;5 respectivamente. Inicialmente são apresentados os dados referentes à criança G. (2;11). Vale ressaltar que não será trazida para o trabalho a transcrição completa de cada criança, mas apenas as partes necessárias à compreensão do fenômeno em estudo.

Procuramos encontrar nos dados de fala das crianças exemplos de formas flexionadas em números e de concordância entre os elementos do DP, principalmente entre determinante e nome. Por se apresentar como um dado significativo, também trazemos para a amostra dos dados DPs que apresentam determinante e nome no singular, em especial os que são constituídos por artigo definido⁴³. A tabulação dos dados é feita através de gráficos do programa

Microsoft Excel 2007 para a percepção quantitativa dos dados.

6.1 Os Dados de G.

6.1.1 Produção de DPs pela Criança G. Sessão 1

Das doze sessões gravadas, apenas nove foram transcritas. Não percebemos a necessidade de transcrever todas as sessões uma vez que ao analisar as gravações observamos muitas repetições.

Na sessão 1 em diálogo com a mãe, G produz trinta e um DPs dentre os quais alguns foram descartados por constituírem repetições, ou seja, os casos em que a criança produz DPs exatamente iguais, como “o papai, o papai”⁴⁴. Os DPs aparecem com artigos definidos no singular e nomes no singular, como “a porta”, com nomes sem determinante (porta), com pronome indefinido no singular e nome também no singular (outra perna), com artigo indefinido no singular e nome também

⁴³ A importância desse dado será melhor esclarecida na análise propriamente dita.

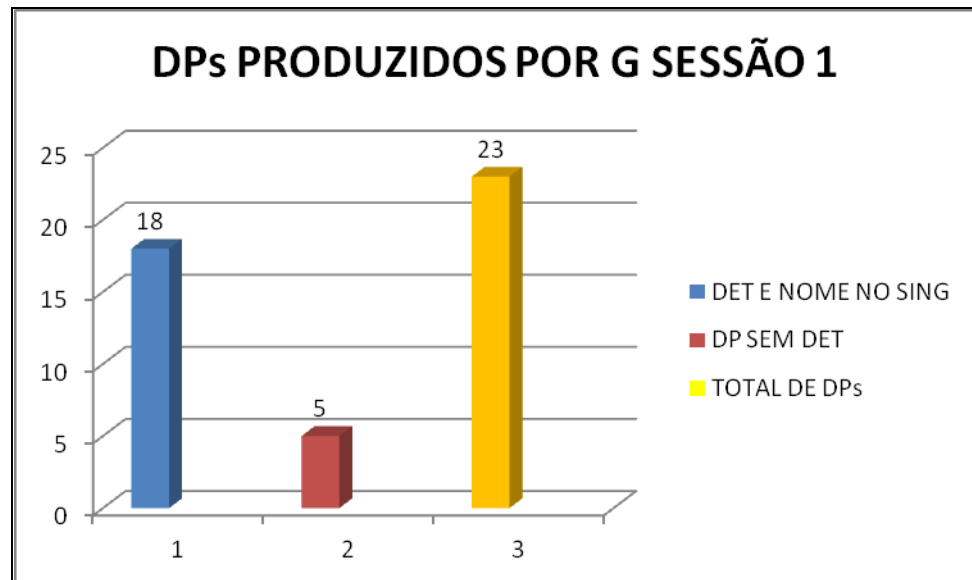
⁴⁴ Isso acontece em todas as sessões, ou seja, descartamos os dados que aparecem repetidos. No entanto vale ressaltar que ainda que o dado seja repetido, mas se o contexto for diferente esse dado é, então, considerado.

no singular (uma bruxa) e com pronomes possessivos no singular e nome no singular (minha mãe). Vejamos:

1. DPs com artigos definidos no singular e nome no singular
 - (I) Mãe: Que é isso?
Filho: *a pota*. (*a porta*)
 - (II) Mãe: é o coelhinho. E aqui Gabriel, o que é que tá aqui nessa história?
Filho: é *a tasa* (a casa) da bruxa.
 - (III) Mãe: a porta.
Filho: *aanela* (a janela) dela
 - (IV) Mãe: eita! Parece com ela não é?
Filho: é. Óia, lá o *uelinho...* (o coelhinho)
2. DPs sem determinante
 - (I) Mãe: porca?
Filho: *pota* (*porta*)
 - (II) Mãe: e o coelhinho?
Filho: *toelhinho* (coelhinho) é?
 - (III) Mãe: e é? É a casa de quem?
Filho: *buxa*. (bruxa)
 - (IV) Filho: [começa a cantarolar] *miga* (formiga) mato, miga mato, miga eu mato.
Mãe: e é?
Filho: *miga* (formiga) eu mato.
3. DPs pronome indefinido e nome no singular
 - (I) Mãe: outra o que?
Filho: *ota pena*. (outra perna)
4. DPs artigo indefinido no singular e nome no singular
 - (I) Filho: Daça? [cantando e rindo] A Daça, a Daça... é *uma buxa*. (bruxa)
Mãe: quem é a bruxa?
5. DPs pronomes possessivos no singular e nome no singular
 - (I) Mãe: quem é a bruxa?
Filho: buxa é *minha mãe!*
 - (II) Mãe: quem é mais?

Filho: *minha vó, meu vô* [começa a cantar, observando sua imagem refletida na televisão. Entrega o microfone para mãe]

Gráfico 1 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

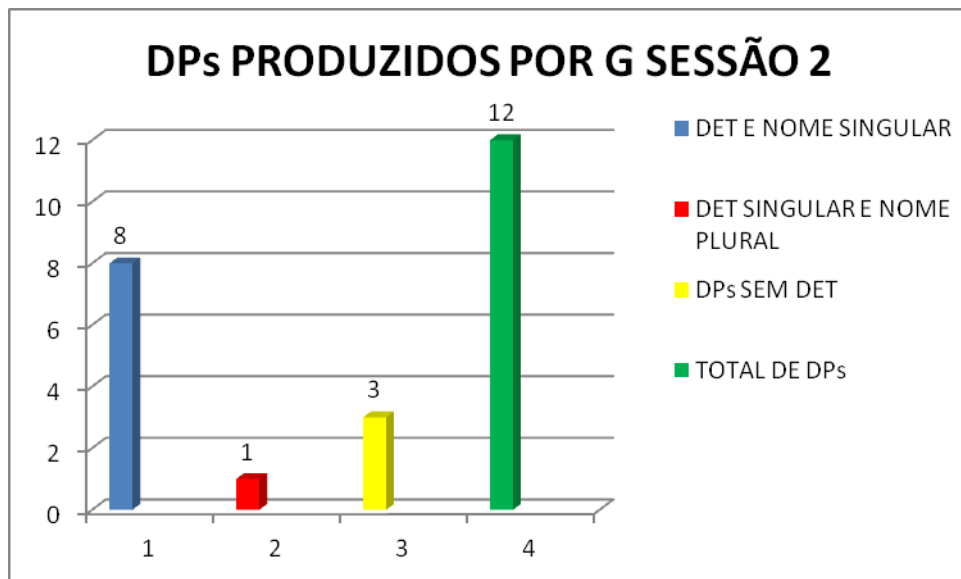
6.1.2 Produção de DPs pela Criança G. Sessão 2

Na sessão 2, foram produzidos por G. um total de doze DPs, com a seguinte distribuição: três formados apenas por nomes sem determinante e nove com determinantes e nomes no singular. Dos formados por determinante mais nome, um é formado por artigo indefinido e nome no singular e um com pronome possessivo e nome no singular, os outros são formados por pronome definido no singular mais nome no singular seis Conforme mostra os exemplos abaixo:

1. DPs nomes sem determinate
 - (I) Mãe: e esse boné? Quem deu esse boné pra você?
Filho: *foi mainha.*
 - (II) Mãe: tá, quem taá aqui dentro?
Filho: *talpo.* (sapo)
 - (III) Mãe: tava o Mateus. E o Caio? E o Vítor? E a tia Vanda? É o tio Fábio?
Na casa da vovó Lúcia, quem você viu?
Filho: *buxa.* (bruxa)

2. DP artigo indefinido singular mais nome plural
 - (I) Mãe: você quer também ganhar um de presente? Um óculos grande?
Tem que ser um óculos pequeno de criança.
Filho: *um óculos grande.* (um grande)
3. DPs artigo singular mais nome singular
 - (I) Mãe: ta no parque é?
Filho: eu vou ir pa *o paqui.*(o parque)
 - (II) Mãe: quem que que tá aí?
Filho: *o talpo.* (o sapo)
 - (III) Mãe: foi não?
Filho: *a mina* (a menina) rodô.
Mãe: a menina rodou?

Gráfico 2 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6.1.3 Produção de DPs pela Criança G. Sessão 3

Na sessão 3, G. produziu trinta e quatro DPs, dos quais quatorze são constituídos por nomes no singular sem determinante e vinte por determinante mais nome. Dos que são formados por determinante mais nome, dezesseis são formados por artigo definido no singular mais nome no singular, um formado por artigo

indefinido singular mais nome no singular, um formado por artigo definido no singular mais nome no plural, um por pronome possessivo singular mais nome no singular e um pelo numeral “dois” mais nome no singular, conforme percebemos nos exemplos abaixo:

1. DPs nome sem determinante

(I) Mãe: e aqui é o que?

Filho: *boi*.

(II) Mãe: é o que G. aqui?

Filho: *poto*. (*porco*)

(III) Mãe: essas são quatro partes G., são fáceis de montar. Aqui é o que do gato?

Filho: *bunda*.

(IV) Mãe: e aqui?

Filho: *gato*.

(V) Mãe: é igual. É igual o da V. [G. e V. começam a cantar] G. você quer ir pra onde?

Filho: *paque*. (*parque*)

2. DPs artigo definido singular mais nome singular

(I) Mãe: sim, como é? Daquela que mora lá naquela rua? Como é o nome dela?

Filho: *o nome* dela é Mom.

(II) Mãe: a raposa vai pegar ele?

Filho: não, *o leão* pega *a raposa*. (*a raposa*)

(III) Mãe: e aqui Gabriel?

Filho: é *o boi*

(IV) Mãe: eu acho que tá parecendo mais com a galinha Gabriel. Vamos ver se é o loro ou a galinha. Vamos formar.

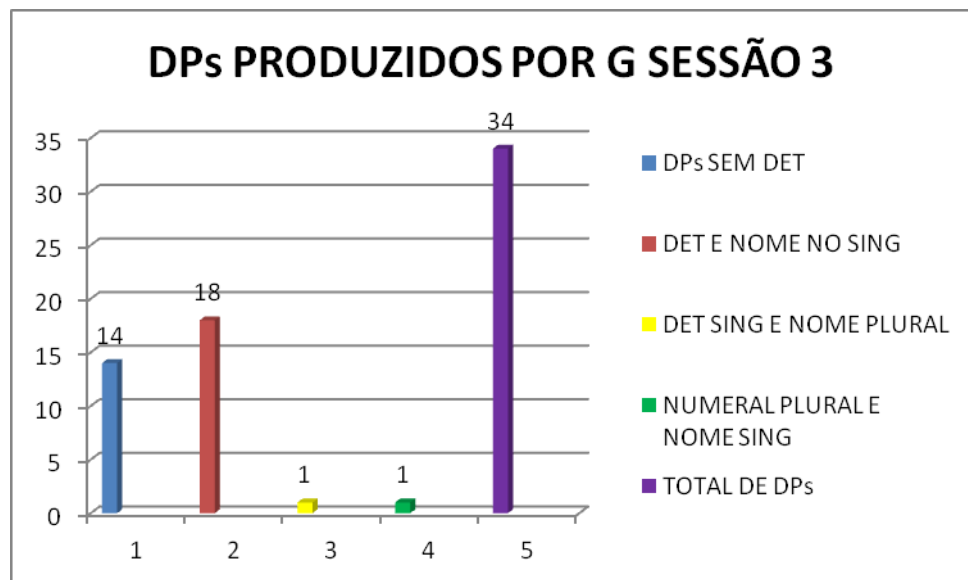
Filho: é *o loro*.

(V) Mãe: é a coruja; eita! Cadê o outro olho? Ficou bem bonita a coruja ói. Vamos encontrar. Eita o rostinho da coruja Gabriel!

Filho: também *o boca* dela, *o pé* dela.

3. DP artigo indefinido singular mais nome no singular
 - (I) Filho: *um bombom*.
Mãe: um bombom? Quem vai dar?
Filho: eu.
4. DP pronome possessivo singular mais nome no singular
 - (I) Mãe: tem medo não de cair?
Filho: tem não. *Minha dália?*
5. DP artigo definido no singular mais nome no plural
 - (I) Mãe: sim o filhinho dela. Não pode não comer. A gente só brinca com o filhinho não é? Aqui é o que? Que você tirou?
Filho: tiro *o pés*.
6. DP numeral “dois” mais nome no singular
 - (I) Mãe: a bunda do gato? E aqui é o que do gato? Do corpinho do gato?
Filho: é *dois gato*

Gráfico 3 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6.1.4 Produção de DPs pela Criança G. Sessões de 4 a 9.

Neste tópico reuniremos cinco sessões devido a pouca quantidade de Dps produzidos pela criança nestas sessões tornando inviável a análise individual. No total percebemos a produção de oitenta e nove DPs dos quais dezessete são formados por nomes sem determinante. Quarenta e nove formados por artigos definidos e nomes no singular, nove por artigos indefinidos e nome no singular, nove formados por pronomes possessivos mais nome no singular, três por pronomes demonstrativos e nome no singular e dois formados por numeral no plural e nome no singular. Para evitar repetições no que concerne aos exemplos, neste tópico trataremos apenas os exemplos que não foram contemplados nos tópicos anteriores.

1. DPs pronomes possessivos no singular mais nome no singular

- (I) Mãe: me ajude! Tem a gatinha lú óia, a gatinha lú. Você não tinha uma professora chamada Lú nera?
Filho: ela é *minha amiga*.
- (II) Mãe: como é o nome dele?
Filho: *meu tolequinha*. (coleguinha)
- (III) Mãe: pra que?
Filho: pa eu domi no *seu colo*.

2. DPs pronomes demonstrativos e nome no singular

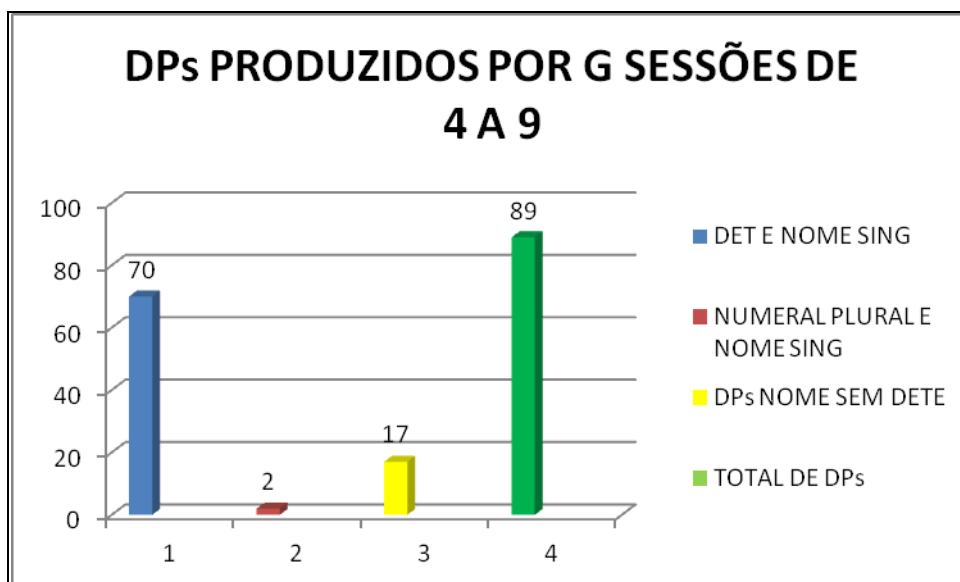
- (I) Mãe: eita! E é?
Filho: aí papai deixa eu fona? *Esse ninino* (esse menino)disse.
- (II) Mãe: o vô?
Filho: eu vô tonta *esse negoço* (negócio) eu vou tonta
- (III) Mãe: você que o quê?
Filho: mucilon e leite... pega *aquele topo gande* de vido

3. DPs numeral no plural e nome no singular.

- (I) Mãe: do anjo Gabriel né?
Filho: Gabriel ta dormindo. Tenha *dois Gabriel* é?

- (II) Mãe: chegou sozinho? E o que você ta fazendo? Quanto é o litro do leite?
Filho: *cinco real*.

Gráfico 4 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Os dados de G acima enumerados nos trazem algumas informações interessantes. Percebemos que os dados ainda não são capazes de afirmar se de fato a criança que está nessa faixa etária (2;11) e conseqüentemente nas faixas etárias anteriores produza concordância no âmbito do DP, uma vez que apesar de haver compreensão de numerosidade como podemos perceber nos exemplos “o pés” e “cinco real” em que G parece perceber a informação semântica de mais de um, não há concordância entre o determinante e o nome. Entretanto ressaltamos que essa análise precisaria ser confirmada por dados de faixas etárias anteriores à idade de G durante a coleta e ainda dados posteriores a essa idade.

Ainda podemos reconhecer nestes dados o uso de numerais para indicação de plural, como se essa categoria (numeral) fosse um morfema específico para indicar numeração. Isso fica claro em dados como “cinco real” e “dois gato” que apesar de ser um dado quantitativamente pequeno, vai se confirmar pelos de A, a seguir, em que essa estrutura aparece com mais assiduidade, especialmente com o numeral “dois”, o que nos leva a pensar que a criança inicialmente não reconhece os

numerais como um item lexical específico, mas como um morfema, um tipo de afixo para marcar a indicação de plural.

Outro dado interessante, “o pés”, apesar parecer agramatical como afirmam alguns autores, parece ser um dado de elipse do morfema de plural no determinante e não necessariamente um “problema” com plural, especialmente se pensarmos em dados como “a galinhas”, “o ratinhos”⁴⁵ em que fica claro que a criança se refere a mais de um item do conjunto. Ainda é possível constatar um número elevado de nomes sem determinante, o que nos leva a hipotetizar que a criança de fato só começa a manipular concordância após o surgimento de determinantes preenchidos, em especial o artigo definido. Esse parecer ser um dado acionador para a criança passar a “manipular” essa categoria.

Os dados de A. também parecem confirmar essa hipótese, pois como veremos após o surgimento dos artigos definidos na fala da criança os dados considerados como agramaticais diminuem consideravelmente assim como o uso de numerais para marcar plural, além do mais se compararmos os dados de G. com os dados de A. abaixo, percebemos uma ocorrência muito maior de nomes sem determinante nos dados de G. enquanto que nos dados de A. essa ocorrência é bem menor, uma vez que essa criança parece “escolher” preencher a posição de determinante e, dessa forma, os dados de concordância aparecem com mais frequência.

6.2 Os Dados de A.

Aqui serão analisadas as transcrições de seis sessões de A. que analogamente à análise dos dados de G. serão apresentadas em descrições da estrutura dos DPs encontrados e logo após colocados em gráficos para melhor visualização e compreensão.

Ressaltamos que para os gráficos serão transportados os dados de forma generalizada, ou seja, DP com concordância redundante e não redundante e os casos em que aparecem numerais. Dessa forma, não nos interessará para o gráfico, por exemplo, a classe gramatical de cada item do DP, exceto no caso dos numerais.

⁴⁵ SIMIONI, 2007.

6.2.1 Produção de DPs pela Criança A. Sessões 1 e 2.

Nas sessões um e dois foram encontrados 37 DPs, dos quais vinte e oito são formados por determinante e nome no singular, três por nome sem determinante no singular, cinco por determinante no plural e nome no singular e um por determinante e nome no plural, conforme exemplificado abaixo:

1. DPs determinante plural e nome singular

- (I) M: Não, não, não, desculpa
A: É porque a gente vai fazer *os carro* andar...
- (II) M: Ah não tem?
A: Não, vou deixar *essas figura* aqui
- (III) M: [...] que você tava no chão lendo aquele livrinho. O que você tava lendo?
A: *Os lobo*
- (IV) M: Nossa! Uma espada! E o que você fez com a espada?
A: *Ataquei os bicho*
- (V) M: Ah! Deixa eu ver. Vamos botar ele aqui ó.
A: É, você vai pegar *as figura* e eu vou fazendo

2. DP determinante e nome no plural

- (I) M: Aí, cadê sua bola? Aquela bola bonita pra gente brincar um pouquinho de bola?
A: É, vamos tirar toda *essas coisas*

3. DPs determinante e nome no singular

- (I) M: Eita parece um trem.
A: É não, é *o carro* pra gente andar
- (II) M; tô sentada
A: *Mela o pincel*
- (III) M: eu vou pegar o material pra você pintar.
A: não, eu pego *o material*
- (IV) M: Ensina aí como é que faz.
A: *Molha o pincel* assim, depois passa aqui. *Molha a tinta...*
- (V) M: E aquele dragão feio que fica lá na escola?

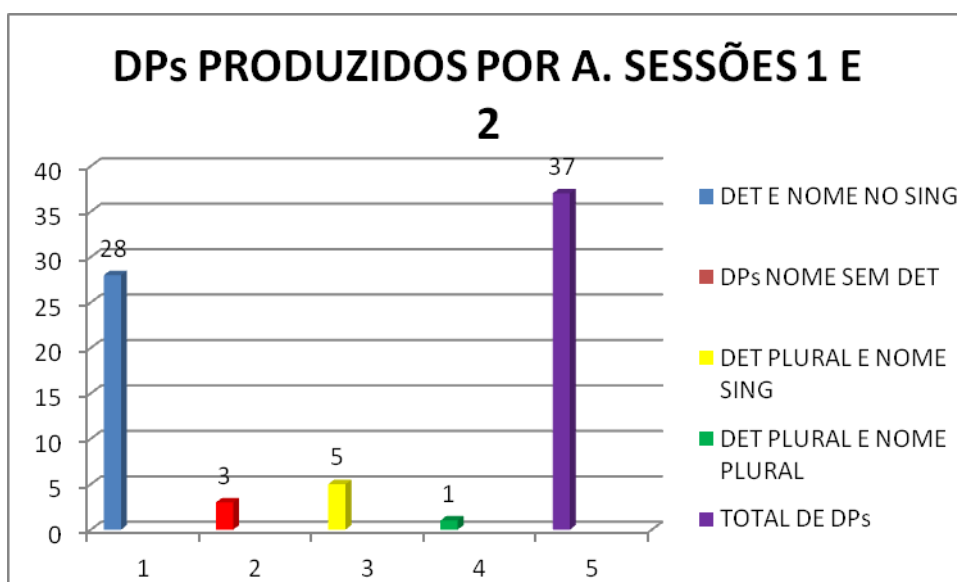
A: [...] eu peguei *a espada* de novo e matei *o bicho* de novo

4. DPs nome sem determinante

(I) M: Com a Ana Vitória? Você usou o quê? Pincel?
A: *Pincel*

(II) M: não quer olhar aí a tinta saindo?
A: molha *pincel*. Pega *pincel*

Gráfico 5 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6.2.2 Produção de DPs pela Criança A. Sessão 3.

Na gravação correspondente à sessão três foram produzidos dezesseis DPs dos quais cinco são formados por determinante no plural e nome no singular, um por numeral plural e nome no singular, cinco por artigo indefinido no singular mais nome no singular, quatro por artigo definido singular mais nome no singular e um formado por nome no singular mais adjetivo, exemplificados abaixo:

1. DPs determinante no plural e nome no singular

(I) M: Eita, vamos vê na caixa pra vê como é que faz
A: Mãe, primeiro você tem que pegar cada uma *dos vermelho*...

- (II) M: Vou pegar
A: Isso daqui. E *os outro*?
- (III) M: Aqui...
A: Agora você pega *os verde* mãe
- (IV) M: pode não?
A: pode, e pode botá *os quadrado todos ele*.
- (V) M: vai cair
A: eu vou pegá *essas coisa... vai cair...*

2. DP numeral plural e nome no singular

- (I) M: Certo.
A: depois pega o relógio. Dois relógio. E agora como é que a gente vai ver isso.

3. DPs artigo indefinido singular mais nome no singular

- (I) M: aqui...
A: Mãe, vamos fazer *uma casa..*
- (II) P: Deixe isso aqui, viu meu anjo...
A: [...] quer *um biscoito*

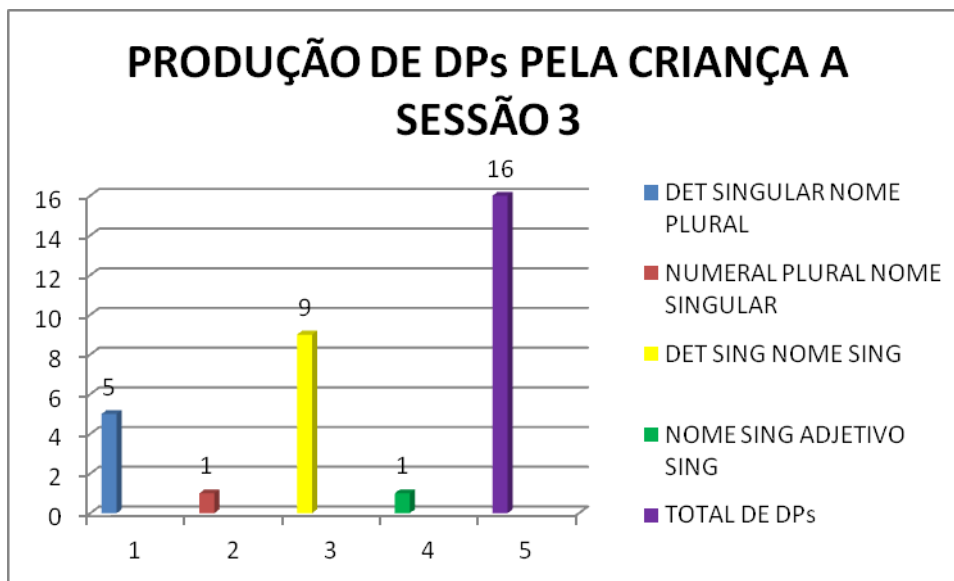
4. DPs artigo definido no singular mais nome no singular

- (I) M: Bota esse.
A: Depois *o relógio*
A: Mãe, *a formiga* tá dentro da ponte...

5. DP nome singular mais adjetivo singular

- (I) M: Tu aprendeu isso no shopping?
A: Foi. Naquele shop que tem *carro vermelho*.

Gráfico 6 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6.2.3 Produção de DPs pela Criança A. Sessões 4 e 5.

Durante as gravações correspondentes às sessões quatro e cinco, a criança A produziu sessenta e um DPs com a seguinte distribuição: vinte e oito com artigos definidos no singular e nome no singular, onze com artigos indefinidos no singular mais nome no singular, um numeral plural mais nome no singular, três DPs sem determinante, dois pronome possessivo singular mais nome no singular, um pronome demonstrativo singular mais nome no singular, sete determinantes no plural mais nome no singular e oito determinante plural mais nome plural, assim exemplificados:

1. DPs artigo definido singular mais nome no singular

- (I) Mãe: tá faltando a estrela
Filha: *a estrela*. tá faltando esse.
- (II) Mãe: deixa a mamãe botar em pé
Filha: [...] depois *a amiguinha* chupou picolé depois *O MENINO* tá construindo [...]
- (III) Mãe: qual que você vai contar agora?
Filha: essa daqui [...] depois *o cachorro* foi po po po paqui (parque).

2. DPs artigos indefinidos no singular mais nome no singular

- (I) Mãe: olhe o cavalinho.
Filha: isso é... o quê? *uma roda*.
- (II) Mãe: ó o quadrado aqui faltando.
Filha: é issé *um quadrado*.
- (III) Mãe: você tem que botar em pé pra contar a historinha.
Filha: era uma vez... mãe, era uma vez uma ca..., *uma vaquinha*

3. DP numeral plural mais nome no singular

- (I) Mãe: ó, aqui tem uma vaquinha, não é? Esse aqui é o quê?
Filha: esse é um sss... é o garf... é dar... qui e issé o sol conta *cato (quatro) ladru (lados)*

4. DP sem determinante

- (I) Mãe: vire a estrela que você achar vá se você não conseguir com a flor
você consegue com a estrela
Filha: isso não é *flor*

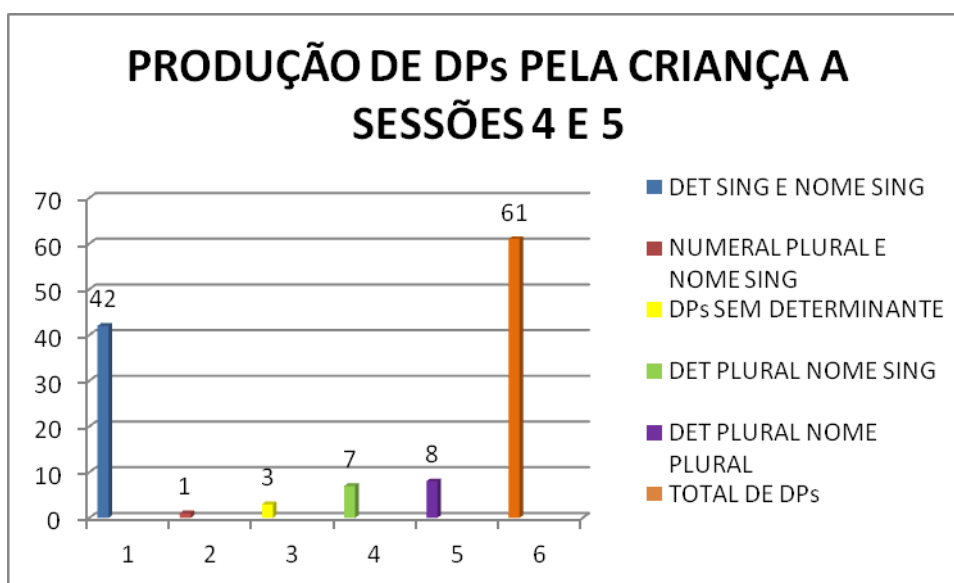
5. DP pronome possessivo singular mais nome no singular

- (I) Mãe: eu num sei, passar
Filha: ó peixe depois você mexe no seu no *seu banco* e depois você nada entendeu? pronto, eu já contei

6. DP pronome demonstrativo singular mais nome no singular

- (I) Mãe: deixa a mamãe botar em pé
Filha: pronto já contei *essa história*

Gráfico 7 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

6.2.4 Produção de DPs pela Criança A. Sessão 6

Na sessão seis foram produzidos por A. um vinte e nove DPs, dos quais três são formados por pronomes possessivos no singular mais nome no singular, nove por nome sem determinante, cinco por artigo indefinido singular mais nome no singular, três por determinante no singular mais nome no plural, três por numeral mais nome, sendo dois com numerais plurais e nome no singular e um por numeral singular mais nome no singular, um por pronome demonstrativo mais nome no singular e cinco por artigo definido mais nome no singular, conforme mostrado abaixo:

1. DPs pronome possessivo singular mais nome singular

- (I) P: Tá desmontando pra quê?⁴⁶
C: Pra eu montar de novo para *minha mãe e meu pai*
- (II) P: TAMBÉM, vocês não têm medo não?
C: não, eu mato ela com *a minha espada*

⁴⁶ P se refere a pesquisador e C à criança.

2. DPs artigo indefinido mais nome no singular

- (I) P: que coisa no Shopping Iguatemi, que tamanho é ela A?
C: é porque teve *um monte* de espada...
- (II) P: rela-rela? tem não? você queria que tivesse que brinquedo na escolinha?
C: escorrega, humm escorrega e *um carvalo*

3. DP pronome demonstrativo mais nome singular

- (I) P: você faz aonde essa espada?
C: eu comprei *essa espada lá* no Centrigratemi

4. DPs artigo definido mais nome no singular

- (I) P: pra essa praia?
C: eu fui com *a mamãe o papai* na água.
- (II) P: encontrasse sozinha ou com a mainha?
C: com *a mainha*.

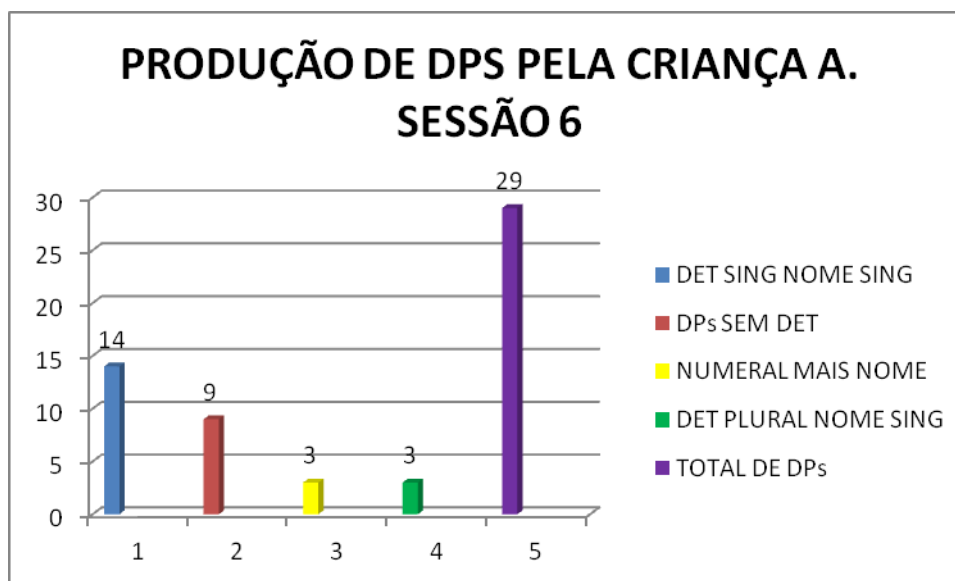
5. DPs artigo no plural e nome no singular

- (I) P: que coisa no Shopping Iguatemi, que tamanho é ela Â?
C: [...] e agora acabou *AS ESPADA* do shoppi...
- (II) P: muito bem. tá contigo?
C: ela me mostra *todas coisa*.
- (III) P: muito bem. aí antes de ir pra escolinha você se levanta faz depois o que com os dentes o que é que você faz?
C: eu escovo *os dente*.

6. DPs numeral mais nome

- (I) P: oxe quando?
C: nos *dois joelho*
- (II) P: como é o cabelo da Ana Vitória? Como é o cabelo dela?
C: fica só *uma xuxinha* e *duas xuxinha*

Gráfico 8 -



Fonte: Autor desta dissertação, 2011.

Nos dados de A. acima, logo de início nos chama a atenção o surgimento de dados de concordância não-redundante, ou seja, aquela em que o morfema de plural aparece apenas no determinante, o que nos leva a pensar que de fato, essa criança passou a “manipular” a concordância entre os elementos do DP, uma vez que esse tipo de construção é muito encontrado em alguns dialetos do PB. A explicação para marcação apenas em D seria que em PB o traço de número se manifestaria apenas no núcleo em que é interpretado, confirmando a hipótese que norteia essa dissertação.

Interessante ressaltar que apesar de esse tipo de construção ser estigmatizada e atribuída geralmente às pessoas de classes baixas ou de pouca escolaridade, A. faz parte de uma família de classe média e é filha de pais universitários.

Percebemos ainda, que o padrão não-redundante e o padrão redundante (aquele em todos os elementos flexionáveis do DP recebem o morfema de número) co-ocorrem na fala de A. o que nos leva a descartar a hipótese de Lopes (2006) segunda a qual haveria três estágios no processo de aquisição da concordância de número: primeiramente a um valor singular default, depois a fixação da diferença de número e por último a fixação da projeção funcional NumP.

Nossos dados parecem confirmar a existência de algo parecido com o primeiro estágio, ou seja, nomes contáveis no singular sem determinante. Mas, de acordo com uma análise mais atenta da proposta de Lopes (2006), percebemos que essa proposta prevê uma ruptura abrupta na fala da criança, na qual a criança passaria de um estágio de produção de DPs agramaticais para um estágio de produção de Dps gramaticais, o que nossos dados não confirmam pois nos dados de A. em que podemos supor uma gramática quase estabilizada, percebemos a ocorrência de DPs, gramaticais, agramaticais, redundantes, não redundantes e ainda DPs com nome sem determinante, o que nos leva a concluir que não se pode falar de estágios no processo de aquisição da concordância nominal de número entre os elementos do DP.

Esse fato nos leva a corroborar ainda com Roeper (1999) que postula que a criança durante o processo de aquisição tem acesso a várias gramáticas, que entram em competição para ver qual dá conta dos dados da língua a qual a criança está exposta, ou seja, o padrão redundante parece entrar em competição com o padrão não-redundante, de acordo com o postulado da competição de gramáticas, e que ainda segundo Roeper (1999) todo falante de uma língua seria na verdade, um falante bilíngue.

Concernente aos dados que são denominados de agramaticais em PB, o que se percebe é que esse dado é quantitativamente irrelevante e que com o tempo, o que parece é que, quando esse dado ocorre, ocorre devido a questões relacionadas ao desempenho, já que esses dados geralmente aparecem como repetição da fala de um adulto, não sendo encontrado nenhum dado no qual essa produção aparece espontaneamente, sem algo que a provoque, pelo menos nas crianças aqui analisadas.

Roeper (1999) ainda afirma que no caso da gramática dos falantes adultos, cada registro de fala se apresenta na verdade como gramáticas diferentes e que ao invés de eliminar uma gramática em detrimento de outra, a criança “absorve” várias gramáticas por estar exposta a essas. O fenômeno analisado por essa dissertação parece apresentar uma evidência empírica para esse fato, uma vez que

comprovamos a existência de dois padrões para marcação de plural e que são aceitos pela comunidade.

Voltando aos dados de A. percebemos também o uso de numerais para marcar plural, mas com uma diferença com relação aos dados de G, a saber, A. já utiliza outros numerais além do numeral “dois” como se já fosse sensível à informação de que o numeral faz parte de um grupo particular, de uma classe com conteúdo lexical específico, havendo uma diminuição no uso de numerais para marcar plural especificamente.

Diante disso e ainda do fato de que, nos dados de A. percebemos uma diminuição significativa no uso de DPs sem determinante e o aumento de DPs com determinantes preenchidos, em especial os definidos, supomos como dito anteriormente, que esse tipo de dado pode se apresentar como um dado acionador e um indício de que de fato, a criança passou a “manipular” concordância.

Os dados que antecedem esse período ou mesmo aqueles que acontecem concomitantemente, ou seja, aqueles que apresentam numeral plural e nome singular ou ainda determinante singular e nome plural podem ser analisados à luz de Roeper (2006) que afirma que novos morfemas não tomam funções inicialmente na gramática da criança. Sugerimos então que os determinantes que aparecem inicialmente na fala da criança são “pseudo-determinantes.”

No que tange à alternância percebida nos dados de A. podemos assumir a hipótese de Miller (2007), segundo a qual a variabilidade no *input* faz com que a fixação paramétrica e conseqüentemente a estabilização da gramática-alvo não sejam imediata (como também apontou Simioni (2007) em seus dados). Como as crianças adquirindo o PB contam com um *input* variável, como apontam os trabalhos de Scherre (1991, 1996), elas demoram mais para alcançar a estabilização da gramática do PB, assim como ocorre com as crianças chilenas estudadas por Miller (2007).

7 CONCLUSÃO

A presente dissertação buscou fazer uma descrição da concordância nominal de número entre os elementos do DP. Para tal, utilizamos dados de fala de duas crianças com vistas à produção de DPs. A hipótese que norteou esta pesquisa foi a de que a informação correspondente a número constante nos itens que formam a categoria funcional Determinante (D) é de fundamental importância para a identificação do sistema gramatical de número no português, sendo o Determinante o núcleo responsável pela concordância nominal de número interna ao DP.

Diante do fato de que no PB a fixação dos parâmetros relativos à concordância nominal de número apresente uma dificuldade para criança, tendo em vista que o número se apresenta morfologicamente apenas em D (dialeto gramatical não padrão) e em todos os elementos flexionáveis do DP (dialeto padrão), o que acarreta flutuação em um mesmo falante, esse trabalho propôs que as crianças em fase de aquisição do PB tendam a, quando estabelecerem concordância no âmbito do DP e diante da variabilidade da marcação morfológica do traço de número em PB, marcarem o Determinante com o morfema de plural ou marcarem todos os elementos flexionáveis do DP, mas jamais apenas o nome já que o morfema de número se manifesta apenas no núcleo em que é interpretável ou, através do compartilhamento de traços, se alastraria por todo o sintagma.

Para os casos em que o morfema de número aparece apenas no nome e não no determinante, propomos que se trata de uma questão de desempenho ou que esse determinante é na verdade um “pseudo-determinante”, ou seja, uma categoria que inicialmente não tem uma função específica ROEPER (2006).

Propomos ainda que as crianças primeiramente utilizam o numeral “dois” como estratégia para marcar plural e que é muito comum a produção de DPs sem determinante inicialmente. A partir do momento em que a criança passa a produzir determinantes definidos, aparecem também os dados de concordância redundante e os dados agramaticais diminuem significativamente, além do uso de numerais especificamente para marcar pluralidade, o que nos levou a concluir que o aparecimento de determinantes definidos possa ser um dado acionador para o

parâmetro da concordância nominal entre os elementos do DP, sendo o traço de definitude crucial para a fixação do parâmetro de concordância.

Percebemos também a co-ocorrência na fala das crianças dos padrões gramaticais redundantes e não redundantes e ainda do padrão agramatical. Concluimos que esse fato é explicável devido à variação do *input* ao qual a criança está exposta, ou seja, *input* variável tem como consequência um *output* também variável.

Nesta dissertação ainda assumimos que a operação sintática Agree para os níveis do DP e da sentença e ao contrário de Carstens (2000) e Simioni (2007) não assumimos uma categoria funcional universal independente NumP que seria responsável pelo traço de número nas línguas, mas que o núcleo em que o traço de número é interpretável seria um parâmetro a ser fixado, sendo, no caso do PB, esse núcleo, o determinante.

Isso explicaria o fato de que nos casos em que ocorre concordância não-redundante em PB, a marca morfológica de número aparecer no determinante, sendo a outra forma, ou seja, aquela em que o morfema é adjungido apenas ao nome, uma forma agramatical.

Um dos argumentos para se adotar a hipótese aqui assumida, é que pelo menos ao que diz respeito ao PB, com enfraquecimento da concordância a marca morfológica visível de número seria mantida apenas no núcleo em que esse traço seria interpretável, assim o morfema optaria por permanecer na posição em que estaria situado no determinante como se observa em exemplos de fala como “nós vai” ou “as menina”. Além do mais, essa hipótese parece dar conta satisfatoriamente do mecanismo de concordância interna ao DP sem a necessidade de postular um mecanismo a mais, “concord” ou novas categoria funcionais, tendo em vista principalmente que adotamos uma teoria minimalista da linguagem.

Pensando ainda nos dados do PB, concluimos que é D, por ser a cabeça da cadeia- \bar{b} , assumindo assim, como fazemos nesse trabalho a ideia de Agree como apresentada em Frampton ; Gutmann (2000a), o responsável pela definitude e pela interpretação semântica em LF, carregando a marca de plural. Nos casos em que as

variedades do PB apresentam marca morfológica em todos os elementos do sintagma, como os dados do italiano, podemos considerar que a marca se alastra por conta do compartilhamento de traços.

Quanto ao fato de o inglês não apresentar marca visível de concordância em D, uma possível solução para esse impasse seria a suposição de que em línguas como o inglês haveria um morfema zero de plural no determinante, levando em conta o caso dos determinantes demonstrativos *these*, *those* em que há marca de plural manifestada morfológicamente. Ou ainda, seguindo a linha de raciocínio de Simioni (2007), pode-se pensar que a língua não forneça os meios para que o plural seja expresso em D (exceto no caso dos demonstrativos), e isso faz com que a marca apareça sobre outro elemento que compartilha o traço de número com a categoria em que esse traço seria interpretável, em D.

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. 1987. Tese (Doutorado em Lingüística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1987.

BAKER, C. Some observations on degree of learnability. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 334-335, 1989.

BERKO, J. The child's learning of English morphology. *Word*, n. 14, p. 150-177, 1958.

BERNSTEIN, J. DP's in french and waloon: evidence for parametric variation in nominal head movement. *Probus*, 3.2: 101-126 1991.

BICKERTON, D. Recent developments in formal linguistics and their relevance to acquisition studies. *Delta*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 51-70, 1989.

_____. *Language and species*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

BLOOM, P.; WYNN, K. Linguistic cues in the acquisition of number words. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 24, p. 511-533, 1997.

BORER, H. *Parametric syntax: case studies in semitic and romance languages*. Dordrecht: Foris, 1984.

_____; WEXLER, K. The maturation of grammatical principles. In: ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (Ed.). *Parameter setting*. Dordrecht: Reidel, 1987. p. 123-172.

BROWN, R. *A first language: the early stages*. London: George Allen & Unwin, 1973.

CARSTENS, V. Concord in minimalist theory. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 31, n. 2, p. 319-355, 2000.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

_____. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, N. Current issues in linguistic theory. In: FODOR, J. A.; KATZ, J. J. (Ed.). *The structure of language: readings in the philosophy of language*, The Hague: Mouton, 1964.

_____. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, Cambridge, v. 18, p. 1-43, 1999.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Lectures on government and binding: the pisa lectures*. 2. ed. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, Cambridge, v. 15, 1998.

_____. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

_____. *Reflections on language*. New York: Pantheon, 1975.

_____. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge: MIT Press, 1982.

_____. *Syntactic structures*. 2nd ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

CLAHSEN, H. Creole genesis, the lexical learning hypothesis and the problem of development in language acquisition. In: PÜTZ, M.; DIRVEN, R. (Ed.) *Wheels within wheels: papers of the Duisburg Symposium on Pidgin and Creole Languages* Frankfurt: P. Lang. 1989. p. 55-79.

_____. Constraints on parameter setting: a grammatical analysis of some acquisition stages in German child language. *Language Acquisition*, Mahwah, v. 1, n. 4, p. 361-391, 1991.

CORBETT, G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ENÇ, M. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 22, n. 1, p. 1-25, 1991.

FARIA, P. P. F. de. Princípios e parâmetros: é possível pensar em reconfiguração de parâmetros? *Língua, Literatura e Ensino*, Campinas: UNICAMP, v. 3, p. 173-182, 2008.

FELIX, S. Maturational aspects of universal grammar. In: DAVIES, A.; CRIPPER, C.; HOWATT, A. (Ed.) *Interlanguage*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1984. p. 133-161.

_____. Language acquisition as a maturational process. In: WEISSENBORN, J.; GOODLUCK, H.; ROEPER, T. (Ed.). *Theoretical issues in language acquisition*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992. p. 25-51.

FERENZ, K.; PRASADA, S. Singular or plural?: children's knowledge of the factors that determine the appropriate form of count nouns. *Journal of ChildLanguage*, Cambridge, v. 29, p. 49-70, 2002.

FERRARI NETO, J. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Traço de número e mecanismos de concordância na teoria linguística gerativa. 200?. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/11_jose_ferrari.htm. Acesso em: 12 dez. 2011

FRAMPTON, J.; S. GUTMANN, S. *Agreement is feature sharing*. Massachusetts: Northeastern University, 2000a.

_____; _____. Cyclic computation: a computationally efficient minimalist syntax. *Syntax*, Oxford, v. 2, n. 1, p. 1-27. 162, 1999.

_____; _____. *Crash-proof syntax*. Massachusetts: Northeastern University, 2000b.

_____. et al. *Remarks on "derivation by phase": feature valuation, agreement and intervention*, Massachusetts: Northeastern University, 2000. Disponível em: <<http://www.math.neu.edu/ling/>>. Acesso em: 13 out. 2011.

GIBSON, E.; WEXLER, K. Triggers. *Linguistic Inquiry*, v. 25, n. 3, p. 407-454, 1994.

GREG, K. R. The logical and developmental problems of second language acquisition. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T.K. (Ed.). *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996. p.49-81.

GUILFOYLE, E.; NOONAN, M. Functional categories and language acquisition. ANNUAL BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT, 13th, Boston, 1988. *Proceedings...* Boston: Boston University, 1988.

HOEKSTRA, T.; HYAMS, N. Aspects of root infinitives. *Lingua*, v. 106, p. 81-112, 1998.

_____; _____; BECKER, M. The underspecification of number and the licensing of root infiniti. In: ANNUAL BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT, 21st, Somerville, 1997. *Proceedings...* Somerville: Cascadilla Press, 1997. p. 293-306.

HUMBOLDT, W. von. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin, 1836.

HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics*: Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972

HYAMS, N. *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht: Reidel, 1986a.

KATO, M. Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 57-73, 1995.

_____. *A evolução da noção de parâmetro*. *Delta*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 309-337, 2002.

KOUIDER, S. et al. Acquisition of English number marking: the singular-plural distinction. *Language Learning and Development*, London, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2006.

LEBEAUX, D. Comments on Hyams. In: ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (Ed.). *Parameter setting*. Dordrecht: Reidel, 1987. p. 23-39.

_____. *Language acquisition and the form of the grammar*. Tese (Doutorado em Lingüística) – University of Massachusetts, Amherst, 1988.

LIGHTFOOT, D. The child's trigger experience: degree-0 learnability. *Behavioral and brain sciences*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 321-334, 1989.

_____. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge: MIT Press, 1991.

_____. *Language acquisition and language change*. In: Nadel, L. (Ed.). *Encyclopedia of Cognitive Science*. London: Macmillan, 2002.

LLEÓ, C. The role of markedness in the acquisition of complex prosodic structures in German-Spanish bilinguals. *The International Journal of Bilingualism*, n. 6, p. 291-314, 2002.

_____. Child prosody and filler syllables: looking into Spanish through the optimal window of acquisition. In: MONTRUL, S.; ORDÓÑEZ, F. (Ed.). *Linguistic theory and language development in hispanic languages*. Somerville: Cascadilla Press, p. 229-253, 2003a.

_____. Prosodic licensing of coda in the acquisition of Spanish. *Probus*, v. 15, p. 257-281, 2003b.

_____. Early acquisition of nominal plural in Spanish. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 5, p. 191-219, 2006.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of movement in syntax and LF. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 25, n. 4, p. 609-665, 1994.

LOPES, R. E. V. *Uma Proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOPES, R. E. V. (Des)aprendizagem seletiva: argumentos em favor de uma hipótese continuísta para a aquisição. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 113-139, 2001.

_____. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 157-171, 2004.

_____. Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of brazilian portuguese. In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 9th, Somerville, 2006. *Proceedings...* Somerville: N. Sagarra; A. J. Toribio, 2006. p. 252-262.

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MAGALHÃES, T. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *Delta*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 149-170, 2004.

_____. *Valorando traços de concordância dentro do DP*. Campinas: UNICAMP, 2002. Trabalho de qualificação.

MARRERO, V.; AGUIRRE, C. Plural acquisition and development in Spanish. In: MONTRUL, S.; ORDOÑEZ, F. (Ed.) *Linguistic theory and language development in hispanic languages*. Somerville: Cascadilla Press, 2003. p. 275-296.

MEISEL, J. *Bilingual first language acquisition*. Philadelphia: J. Benjamins, 1994.

_____. *Parameters in acquisition*. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (Org.). *The handbook of child language*, London: Blackwell Publishers, 1995.

_____. Parâmetros na aquisição. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (Ed.). *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 21-40.

MILLER, K. *Variable input and the acquisition of plurality in two varieties of Spanish*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Michigan State University, 2007.

MOORE, M. *Acquisition of plural inflection by black American children*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Michigan State University, 1979.

MORAES, C. B. de. O número dos nomes em português. *Alfa*, n. 36, 1992.

NAME, M. C. *Habilidades perceptuais e lingüísticas no processo de aquisição do sistema de gênero no português*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

OLSEN, S. Agreement in the German noun phrase. In: BHAYY, C.; LÖBEL, E.; SCHMIDT, C. (Ed.). *Syntactic phrase structure phenomena in noun phrase & sentences*. Amsterdam: J. Benjamins, 1989. p. 39-49.

PICALLO, C. Nominals and nominalization in Catalan. *Probus*, v.3, n.3, p.279-316, 1991.

PIZZUTO, E. ; CASELLI, M. C. The acquisition of Italian morphology: implications for language development. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 19, n. 20, p. 491-557, 1992.

POLLOCK, J.-Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.

RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax*. Oxford: Blackwell, 1990.

RADFORD, A. Estrutura frasal e categorias funcionais. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (Ed.). *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 395-415.

RANDALL, J. The catapult hypothesis: an approach to unlearning. In: WEISSENBORN, J.; GOODLUCK, H.; T. ROEPER, T. (Ed.) *Theoretical issues in language acquisition: continuity and change in development*. Hillsdale: L. Erlbaum, 1992. p. 93-138.

RITTER, E. Two functional categories in noun phrases: evidence from modern Hebrew. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.) *Syntax and semantics 25: perspectives on phrase structure*. New York: Academic Press, 1991. p. 20.

_____. *Where's gender?* *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 795-803, 1993.

ROEPER, T. Connecting children's language and linguistic theory. In: MOORE, T. (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973. p. 187-196.

_____. Universal bilingualism. *Bilingualism: Language and cognition*, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 169-186, 1999.

_____. Watching noun phrases emerge: seeking compositionality. In: VAN GEENHOVEN, V. (Ed.). *Semantics in acquisition*. Dordrecht: Springer, p. 37-64, 2006.

SCHERRE, M. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

_____. Reanálise da concordância nominal em português. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador, n. 11, p. 95-124, 1991.

SCHERRE, M. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: Silva, G. ; SCHERRE, M. (Org.) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 87-117.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. In: NORTH EAST LINGUISTICS SOCIETY, 29th, Amherst, 1999. *Proceedings...* Amherst: University of Massachusetts, 1999. p. 339-353.

SIMIONI, L. Aquisição da concordância nominal de número: um estudo de caso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, 2006.

_____. *Aquisição da concordância nominal de número no português brasileiro: um parâmetro para a concordância nominal*. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SIMÕES, L. Concordância nominal de número e aquisição de regras variáveis. *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 39-42, 2005.

_____. Regras variáveis no desenvolvimento lingüístico: o caso da morfossintaxe no português brasileiro. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 7, Pelotas, 2006 *Anais...* Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; Universidade Federal de Pelotas, 2006.

SOARES DA SILVA, H. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. 117 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 19-21.

VALIAN, V. Logical and psychological constraints on the acquisition of syntax. In: FRAZIER, L.; DE VILLIERS, J. (Ed.). *Language processing and language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 1990. p. 119-145.

_____. *Positive evidence, indirect negative evidence, parameter setting, and language learning*. New York: Hunter College, 1988.

YANG, C. Two grammars are better than one. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 201-203, 1999.

_____. Universal grammar, statistics or both?: trends. *Cognitive Sciences*, Oxford, v. 8, n. 10, p. 451-456, 2004.